

Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde

GABRIEL DE OLIVEIRA VIEIRA

**PUBLICAR CIÊNCIA NO BRASIL OITOCENTISTA: A SOCIEDADE
VELOSIANA DE CIÊNCIAS NATURAIS E SEUS TRABALHOS (1850-1855).**

Rio de Janeiro

2023

GABRIEL DE OLIVEIRA VIEIRA

**PUBLICAR CIÊNCIA NO BRASIL OITOCENTISTA: A SOCIEDADE
VELOSIANA DE CIÊNCIAS NATURAIS E SEUS TRABALHOS (1850-1855).**

Dissertação de mestrado apresentado ao
Curso de Pós-Graduação em História
das Ciências e da Saúde da Casa de
Oswaldo Cruz-FIOCRUZ.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Kaori Kodama.

Rio de Janeiro
2023

GABRIEL DE OLIVEIRA VIEIRA

**PUBLICAR CIÊNCIA NO BRASIL OITOCENTISTA: A SOCIEDADE
VELOSIANA DE CIÊNCIAS NATURAIS E SEUS TRABALHOS (1813-1855).**

Dissertação de mestrado apresentado ao
Curso de Pós-Graduação em História
das Ciências e da Saúde da Casa de
Oswaldo Cruz-FIOCRUZ.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Kaori Kodama (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da
Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz) – Orientador

Prof.^a Dra. Alda Lúcia Heizer (Institutos de Pesquisas Jardim Botânico/JBRJ)

Prof.^a Dra. Lorelai Brilhante Kury (Programa de Pós-Graduação em História das
Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

SUPLENTE

Prof.^a Dra. Maria Rachel Fróes da Fonseca (Programa de Pós-Graduação em História
das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Prof.^a Dra. Moema de Rezende Vergara (Museu de Astronomia e Ciências Afins)

V598p Vieira, Gabriel de Oliveira.

Publicar ciência no Brasil oitocentista : a sociedade
velosiana de Ciências Naturais e seus trabalhos (1850-1855)
/ Gabriel de Oliveira Vieira. – Rio de Janeiro, 2023.
95 f. ; il. color.

Orientadora: Kaori Kodama.
Dissertação (Mestrado Acadêmico em História das
Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de
Oswaldo Cruz.

Bibliografia: f. 85-95.

1. História Natural. 2. Disciplinas das Ciências Naturais.
3. História do Século XIX. 4. Brasil.

CDD 509

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da
Rede de Bibliotecas da Fiocruz com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Responsável pela elaboração da ficha catalográfica: Marise Terra - CRB6-351

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer minha família, sem o esforço e a luta deles eu não teria chegado tão longe, sempre apoiaram minhas decisões e estiveram ao meu lado nos momentos mais difíceis. Agradecer aos meus amigos, são poucos, mas me orgulho de cada um, sempre respeitaram minha abdicação em prol dos estudos e dispostos a conceder uma palavra de incentivo.

Gostaria prestar meu agradecimento para a Casa de Oswaldo Cruz, seu corpo docente e demais funcionários, pelo acolhimento, auxílio e aulas ministradas. Agradecer à Alda Lúcia Heizer, Lorelai Brilhante Kury, Maria Rachel Fróes da Fonseca e Moema de Rezende Vergara, pesquisadoras que aceitaram compor a banca, além de serem nomes recorrentes em minhas leituras. Por último, mas não menos importante, agradecer à minha orientadora Kaori Kodama, que com paciência me ajudou muito a melhorar como profissional.

Agradecer à CAPES, — agência fundamental para a viabilidade da pesquisa científica no Brasil — pelo auxílio à pesquisa e divulgação de seus resultados em eventos.

No século passado, quando começa o mando industrial de hoje, aparece a figura do "intelectual", o homem/mente por excelência, vivendo apenas na atmosfera rarefeita do "mundo das ideias". Com o intelectual, seus afins, o técnico, o especialista, o pensador... Entre um corpo e uma mente, mil anos-luz de vazio onde se criam monstros e demônios, duendes e neuroses.

Os demônios se chamavam Lucifer, Belzebu, Asmodeu, Belial. Hoje chamam-se neurose, paranoia, esquizofrenia, mania. É perigoso separar aquilo que, por natureza, é uno e inteiro.

(Paulo Leminski)

RESUMO

Essa dissertação busca compreender o papel da Sociedade Velosiana do Rio de Janeiro no processo de emergência e de busca da consolidação e da especialização das Ciências Naturais no Império do Brasil. A Velosiana foi idealizada pelo médico e botânico Francisco Freire Alemão e fundada em outubro de 1850. A associação tinha como objetivo de “estudar, indagar e coligir objetos relacionados com a História Natural do Brasil”, além de “averiguar e interpretar as palavras indígenas”. Suas conferências ocorriam no Museu Nacional, em uma sala concedida pelo Governo Imperial. O ato de publicar seus trabalhos era visto como central pelos Velosianos, sendo assim, existia o projeto fundar a própria revista, dedicada exclusivamente às Ciências Naturais. Porém, devido as dificuldades de produzir e manter uma publicação especializada, a Velosiana, a partir de 1851, passou a publicar alguns de seus trabalhos na revista científica literária *O Guanabara*. Em 1855, através da Biblioteca Guanabareense, editora da própria *Guanabara*, é publicado o encadernado *Trabalhos da Sociedade Velosiana*. Esse encadernado possuía parte dos textos inéditos apresentados nas conferências da Velosiana, além de relatórios anuais e extratos das atas. Será a partir dos trabalhos contidos nesse encadernado que será feita a análise do conteúdo produzido pela Velosiana entre os anos de 1850 e 1854.

Palavras-chave: Sociedade Velosiana; Ciências Naturais; Império de Brasil; Associativismo Científico; Freire Alemão.

ABSTRACT

This dissertation seeks to understand the role of the Velosian Society of Rio de Janeiro in the process of emergence and search for consolidation and specialization of Natural Sciences in the Empire of Brazil. The Velosian was conceived by the doctor and botanist Francisco Freire Alemão and founded in October 1850. The association's objective was to "study, investigate and collect objects related to the Natural History of Brazil", in addition to "investigating and interpreting indigenous words". His conferences took place at the National Museum, in a room granted by the Imperial Government. The act of publishing their works was seen as central by the Velosians, therefore, there was a project to found their own journal, dedicated exclusively to Natural Sciences. However, due to the difficulties of producing and maintaining a specialized publication, Velosiana, from 1851, began to publish some of its works in the literary scientific magazine O Guanabara. In 1855, the Guanabarenses Library, Guanabara's own publishing house, published the bound paper *Trabalhos da Sociedade Velosiana*. This booklet contained part of the unpublished texts presented at Velosiana conferences, in addition to annual reports and extracts from the minutes. It will be based on the works contained in this booklet that the content produced by Velosiana between 1850 and 1854 will be analyzed.

Keywords: Velosian Society; Natural Sciences; Empire of Brazil; Scientific Associativism ; Freire Alemão.

LISTRA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - O Patriota

Figura 2 - Nitheroy, Revista Brasiliense

Figura 3 - Minerva Brasiliense

Figura 4- O Guanabara

Figura 5 - Trabalhos da Sociedade Velosiana

Figura 6 - Machaerium heteropterum, por Freire Alemão

Figura 7- Legenda da ilustração Machaerium heteropterum

Figura 8 - Ferreirea spectabilis, por Freire Alemão

Figura 9 - Legenda da ilustração Ferreirea spectabilis

Figura 10 - Urtiga Braba, por Freire Alemão

Figura 11 - Legenda da ilustração Urtiga Braba

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1- Presença dos sócios efetivos em sociedades brasileiras

Tabela 2 - Presença dos sócios correspondente em sociedades brasileiras

Gráfico 1- Participação geral dos membros em sociedades brasileiras

Gráfico 2- Formação dos membros da Sociedade Velosiana

Gráfico 3- Local de Nascimento dos Membros da Sociedade Velosiana

LISTA DE SIGLAS

AIM- Academia Imperial de Medicina

AM- Academia Militar

CCE- Comissão Científica de Exploração

IHGB- Instituto Histórico Geográfico Brasileiro

JBRJ- Jardim Botânico do Rio de Janeiro

MN- Museu Nacional

SAIN- Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional

SV- Sociedade Velosiana

SUMÁRIO

Introdução.....	1
Capítulo 1- O universo editorial científico da primeira metade do século XIX.....	7
1.1-O início da imprensa científica no Brasil no jornal <i>O Patriota</i>	8
1.2- Os Romantismos e sua chegada no Brasil	11
1.3-A Minerva Brasiliense e O Guanabara.....	17
Capítulo 2- A trajetória da Sociedade Velosiana e de seus sócios	25
2.1- A Sociedade Velosiana.....	31
2.2 A Tentativa de incorporação ao IHGB	38
2.3 Os membros da Sociedade Velosiana.....	42
Capítulo 3- Os Trabalhos da Sociedade Velosiana	56
3.1 Seção de Botânica	58
3.2-Seção de Mineralogia.....	68
3.3- Seção de Zoologia.....	70
3.4-Seção de Línguas Indígenas	76
Considerações finais.....	77
Fontes	81
Bibliografia.....	84

Introdução

A pesquisa parte do pressuposto, alinhado com o do autor Ludwik Fleck, que a ciência não é neutra, não é individual, tampouco construída de forma hermética no tempo e espaço, sendo diretamente influenciada pela sociedade na qual está inserida aquele que a produz, pensamento devidamente expresso por Fleck através do conceito de “coletivo de pensamento” (FLECK,2010). O tema da pesquisa encontra-se no contexto de emergência, consolidação, especialização da ciência, adequação aos padrões europeus de modernidade e gênese de uma ciência nacional. Para compreender esse processo, a partir da ótica de construção coletiva de conhecimento, na área das Ciências Naturais, a dissertação analisará a Sociedade Velosiana do Rio de Janeiro, seu quadro societário e os trabalhos por ela produzidos. A Sociedade Velosiana de Ciências Naturais foi uma associação de naturalistas fundada em 18 de outubro de 1850. O nome da Sociedade foi uma homenagem ao naturalista José Mariano da Conceição Veloso, responsável por um grande levantamento sobre a flora do Rio de Janeiro, estudo que resultou em sua obra *Flora Fluminensis*, e responsável pela Tipografia do Arco Cego. Segundo seu estatuto, a Velosiana tinha como objetivo “estudar, indagar e coligir objetos relacionados com a história natural do Brasil”, além de “averiguar e interpretar as palavras indígenas”¹.

A Velosiana faz parte de um processo de valorização dos estudos voltados para as Ciências Naturais que teve início no império luso-brasileiro, mais especificamente na segunda metade do século XVIII com as reformas ilustradas pombalinas. Segundo Fernando Novais, o Império Português não foi um dos principais centros do pensamento ilustrado, entretanto, durante o reinado de D. José I (1750-1777), o país passou por uma série de reformas que refletiam as Luzes (NOVAIS, 2005, p.105). Segundo Ana Cloquet, no discurso pombalino as ciências deveriam entrar nos planos do sistema político. A justificativa para isso era o progresso feitos por França e Inglaterra. Nas palavras da autora:

¹ALEMÃO, Francisco Freire. Discurso pronunciado na Sociedade Velosiana por Francisco Freire Allemão. [Rio de Janeiro, s.d.]. Classificação Geral: Manuscritos. I.28,9,80.

Estabelecia-se, assim, uma direta relação entre a decadência econômica, dependência política e falta de arejamento mental do Reino, de onde decorria a primazia da questão do atraso cultural sobre as demais, reforçada pela constatação de que ele permitiria, ainda, a inculcação de “falsos princípios” no povo — levada a cabo pelos ingleses— alimentando, assim, as causas de sua ruína (SILVA,2000 p. 45-46)

Logo, o “atraso” percebido por Portugal, em comparação com França e Inglaterra, tinha uma origem pedagógica, e afetava a capacidade de competição com essas “potências europeias emergentes” (Idem. Ibidem.). Por conta disso, parte das reformas foram direcionadas para a Universidade de Coimbra, que em 1772 passou a ter um novo estatuto voltado à observação e à experimentação no ensino das ciências, criando-se faculdades de Medicina, Matemática e Filosofia (MEIRELLES, 2017, p. 139). Segundo Maria Odila Dias, um número expressivo de brasileiros obteve formação em Coimbra nos primeiros dez anos que sucederam as reformas. Foram 238 em Matemática, Ciências Naturais e Medicina, e 157 em humanidades, principalmente Leis. De 1782 até 1792 foram 192 formados em ciências e 105 em Leis. No período de 1794 a 1804 os cursos de Ciências Naturais foram mais frequentados que os cursos de Matemática e Medicina, tendo eles 84, 75 e 10 estudantes, respectivamente (DIAS, 1968, P. 115-117). O que resultou, de acordo com Marco Morel, em uma predominância dos formados em Coimbra na primeira geração das elites nacionais no pós-independência (MOREL,2016, p.200-201)

Segundo Kenneth Maxwell, Pombal sabia que sua força política dependia do apoio do rei e preocupava-se com a perpetuação das reformas, principalmente das feitas na Universidade de Coimbra, após a morte de D. José I. Tendo isso em vista, o marquês articulou para que o trono não fosse passado para a sucessora natural, Dona Maria, e sim para o seu filho, príncipe José. Pombal arranhou o casamento do príncipe com sua tia Maria Benedita, uma aliada e admiradora de Pombal. Seu plano foi descoberto por D. Maria, o que aprofundou ainda mais as rugas com Pombal. Com a nomeação de D. Maria I, a posição do marquês como parte do Estado tornou-se insustentável, assim como de muitos dos seus aliados (MAXWELL, 1996).

As reformas feitas pelo marquês estavam “por demais arraigadas na sociedade luso-brasileira, para serem simplesmente descartadas ou substituídas”, porém alguns aspectos das reformas foram prontamente revertidos e um novo ministério foi formado.

As reformas ilustradas tiveram continuidade por meio do reinado de D. Maria I, as ideias fisiocráticas ganharam força, levando a estudos voltados para a investigação e o aproveitamento dos recursos naturais do Império lusitano (FALCON, 2009, p.10). No entanto, é precipitado considerar que a continuação das reformas ocorreu de forma linear. Em Coimbra, por exemplo, no reinado de D. Maria I “aflorou o conservantismo medieval”, os antigos estatutos foram reinstituídos e houve a instauração de uma “vigilância” dos estudantes quanto aos seus “costumes cristãos” (SILVA, 2000, p. 103-105).

Um exemplo concreto do investimento no conhecimento científico, buscando um retorno material através dos recursos naturais brasileiros, é quando nas últimas décadas do século XVIII a produção aurífera do Brasil apresentou uma drástica queda, — em meados do século a produção anual chegou às quinze toneladas, em 1785 ela era menos de cinco toneladas — uma das hipóteses levantadas foi que a culpa desse baixo desempenho era causado pela “precariedade técnica da atividade mineira”. Nesse contexto, visando suprir essa defasagem técnica, José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838), Manuel Ferreira da Câmara de Bethencourt e Sá (1762-1835) e Joaquim Pedro Frago de Siqueira são enviados para a Europa, onde se instruíram por quase uma década em Mineralogia e Química e Siderurgia. Silvia Figueirôa considera a viagem de estudos de Andrada, Sá e Siqueira como a tradução “no plano prático, concreto, o esforço do governo português de fazer ajustes e reformas visando a salvação do Antigo Sistema Colonial” (FIGUEIRÔA, 1997, p.40-41). No início do século XIX, Bonifácio e Ferreira da Câmara já eram os nomes responsáveis pelas políticas mineralógicas, tanto em Portugal, quanto no Brasil. O primeiro, era responsável pela cadeira de Mineralogia em Coimbra e atuava como Intendente Geral das Minas e Metais do Reino. O segundo, ocupava o cargo de Intendente geral das minas da Capitania de Minas Gerais e no Serro Frio (CARVALHO, 2002, p. 32).

Outra alternativa para a melhor exploração dos recursos minerais brasileiros era a extração de outros minérios além do ouro. Em 1799, José Vieira Couto escrevia uma memória, encomendada por D. Rodrigo de Souza Coutinho, sugerindo a construção de usinas de ferro e estradas para que essa produção pudesse ser escoada. O bispo Azeredo Coutinho (1742-1821) também defendia a exploração de outros minerais, porém para isso, segundo ele, era necessário aprimorar o conhecimento em mineralogia para se saber o que e como extrair. Posteriormente, pensando nesses estudos voltados para a

Mineralogia, é criado em 1810 o Real Gabinete de Mineralogia do Rio de Janeiro, que no ano seguinte é transferido para a Academia Militar e em 1818 incorporado ao Museu Nacional (Idem. Ibidem.).

É nesse contexto de valorização dos saberes científicos que a Coroa Portuguesa passa a patrocinar a criação de instituições voltadas à produção e circulação de impressos no universo luso-brasileiro. Em 1799, a Tipografia do Arco Cego, projeto idealizado como política imperial pelo então secretário de estado da marinha e do Ultramar D. Rodrigo de Souza Coutinho, ganha vida (MEIRELLES 2017. p.143). No comando da tipografia estava Frei José Mariano da Conceição Veloso (1742-1811), nome que promoveu a impressão e a divulgação de cerca de 80 obras, sendo muitas dessas traduções de originais escritos em francês e inglês. Entre os principais temas publicados pelo Arco do Cego, encontram-se memórias e tratados sobre o incremento da produção manufatureira, mineralógica e agricultura, em tentativa de adaptação da fisiocracia ao cenário colonial (NOGUEIRA, 2012, p. 182).

O patrono da Velosiana não fez parte do grupo de formados na Coimbra reformada. Veloso nasceu em Minas Gerais e foi autodidata em sua formação de naturalista. Além da participação no Arco do Cego, outra obra de Frei Veloso deve ser destacada, a *Flora Fluminensis*. Fruto de coletas realizadas no território do Rio de Janeiro entre os anos de 1783 e 1790, foi segundo Lorelai Kury, “uma outra vertente das ciências das luzes, também útil, mas não imediatamente aplicada”, um inventário botânico lineano, que prezava a inteligibilidade por outros naturalistas (KURY, 2015, 252-253).

O modelo da *Flora* de Veloso serviu de grande inspiração para Francisco Freire Alemão, diversos de seus trabalhos seguiam a mesma linha. Um bom exemplo disso são os textos de Botânica contidos nos *Trabalhos da Sociedade Velosiana*, alguns deles consistindo em produzir a classificação de uma nova espécie de planta, contando também com uma versão do texto em latim, para ter um caráter universal de entendimento entre os naturalistas. Ademais, o contato de Alemão com a figura de Veloso teve início ainda em sua infância, onde ouvia relatos de suas coletas pelo Mendanha².

Eu ainda era muito menino quando estive em Mendanha o Padre Veloso fazendo coleções de Ciências Naturais. Minha tia Antônia tem

² Serra localizada na atual Zona Oeste do Rio de Janeiro.

lembranças fracas dele e seus companheiros. Quando eu já tinha alguma inteligência ouvia à gente de casa alguma coisa a esse respeito, como: que eles apanhavam borboletas e as comprimiam entre dois papéis, onde elas ficavam impressas. Eu que então já andava na escola fiz algumas diligências para imprimir borboletas³

Após 1808, com a chegada da corte portuguesa ao Brasil, iniciou-se, segundo Ana Rosa de Oliveira, o “ciclo das grandes expedições de viajantes e naturalistas estrangeiros”. Esses naturalistas produziram conhecimento sobre diversos temas, desde “características físico geográficas até as sociais e políticas” (OLIVEIRA, 2012, p.66-67). Nomes como Johann Baptist Von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius, percorreram o território brasileiro entre os anos de 1817 e 1820, realizando o trabalho de coleta e descrição. As produções dos viajantes naturalistas tornam-se os “parâmetros que os homens de ciência utilizam para pensar a realidade local” (KURY, 1998). Heloisa Bertol Domingues complementa com o pensamento de que as viagens científicas de exploração se enquadram no processo de “conquista de território” (DOMINGUES 2001, p. 55).

A partir do pós-independência, a natureza, e a ciência produzida sobre ela, passam a ser cada vez mais um elemento simbólico da construção da nação. A Sociedade Velosiana é reconhecida pela historiografia como parte constituinte desse movimento (LOPES,2001; FIGUEIROA,1997). Esse trabalho tem o intuito ratificar esse ponto de vista, a partir de elementos presentes nos textos produzidos pela Velosiana, mostrando a perspectiva desses homens de ciência quanto à construção do Brasil e de uma ciência nacional e busca por assumir o papel que antes era desempenhado por viajantes estrangeiros. Ou seja, a busca por algo que pode ser denominado “autonomia” ou “independência científica”.

Um dos pilares vistos como determinantes para o êxito da Velosiana era a publicação de seus trabalhos, de preferência em um periódico exclusivo para as Ciências Naturais. Tendo isso em vista, o primeiro capítulo tem o intuito de apresentar alguns dos veículos de publicação científica da primeira metade do XIX no Brasil. Sendo eles: *O*

³ ALEMÃO, Francisco Freire. Lugares nomeados por Velloso ou sítios das plantas. s.d. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, ms. I - 28, 10, 05.

Patriota; a Nitheroy; Minerva Brasiliense; O Guanabara. Em prol de compreender a constituição da Velosiana, o segundo capítulo abordará sua trajetória, desde os rascunhos de sua concepção em 1845, passando por seu ápice produtivo em 1851, arrefecimento a partir de 1852, tentativa de fusão com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o fim das suas atividades por volta de 1855. Além disso, apresentará cada um de seus membros, tanto os sócios efetivos quanto os sócios correspondentes, buscando traçar e pensar no perfil dos homens que compunham a Sociedade como um coletivo. O último capítulo tratará exclusivamente dos trabalhos produzidos pela Velosiana entre os anos de 1850 e 1854 e publicados pela *Biblioteca Guanabarensis* em 1855. Os trabalhos selecionados são os inclusos nas quatro seções determinadas pelo estatuto da SV: Botânica, Mineralogia, Zoologia e Línguas Indígenas.

Capítulo 1- O universo editorial científico da primeira metade do século XIX

Ao idealizar a Sociedade Velosiana, Francisco Freire Alemão (1797-1874) tinha o objetivo de criar junto dela um periódico voltado exclusivamente para a publicação de estudos de Ciências Naturais. Alemão acreditava que esse era “um elemento indispensável para a estabilidade dessa Sociedade”⁴. A relação entre sociedades científicas e periódicos remonta ao século XVII. Sociedades como a *Académie des Sciences* e *Royal Society*, segundo Zuckerman e Merton, foram responsáveis pela “invenção social” das revistas científicas ao publicar seus trabalhos no *Jornal des Savants* e no *Philosophical Transactions*, respectivamente. Antes disso, as produções científicas eram antes limitadas aos folhetos, cartas e livros. (ZUCKERMAN; MERTON, 1971).

No pensamento epistemológico de Ludwik Fleck a ciência é enquadrada como uma atividade coletiva e construída a partir da “atmosfera social na qual respira”. A partir desses preceitos, Fleck dividia a sociedade em dois círculos, o exotérico e o esotérico. O círculo esotérico seria composto por especialistas, já o exotérico, composto por leigos ou leigos instruídos. Partindo desse pressuposto, é possível dizer que esses novos veículos de publicação afetaram a dinâmica entre os círculos esotéricos e exotéricos, possibilitando uma ruptura parcial no hermetismo do conhecimento científico. Segundo Ludwik Fleck, “o círculo exotérico não possui uma relação imediata com aquela formação de pensamento, mas apenas através da intermediação do círculo esotérico” (FLECK,2010, P.121). Ou seja, a participação das sociedades científicas nos periódicos, fornecia autoridade para as revistas, transformando as publicações em trabalhos científicos pela “confiança nos iniciados”. Portanto, o primeiro capítulo investigará alguns dos periódicos que veiculavam conteúdo científico na primeira metade do oitocentos, buscando estabelecer onde estavam enquadrados nessa dinâmica entre os círculos exotéricos e esotéricos.

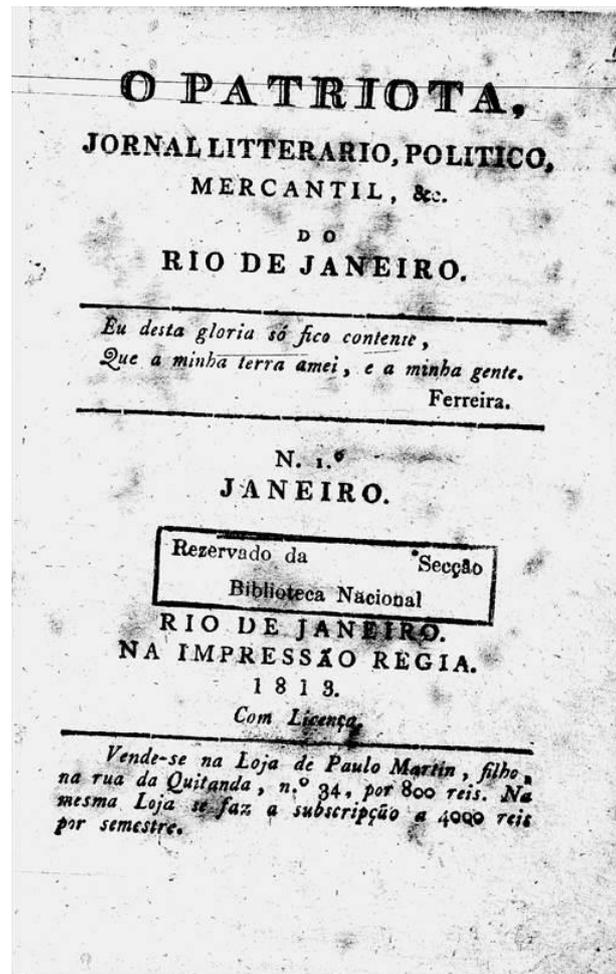
⁴ ALEMÃO, Francisco Freire. Discurso pronunciado na Sociedade Vellosiana por Francisco Freire Allemão. [Rio de Janeiro, s.d.]. Classificação Geral: Manuscritos. I.28,9,80.

1.1-O início da imprensa científica no Brasil no jornal *O Patriota*

Em 1808, a vinda da corte portuguesa para o Brasil foi um marco não só para a política colonial, mas para a cultura, o Rio de Janeiro passou a ser – além do centro do Império Português– o centro intelectual e artístico do país (CANDIDO, 2002, p. 11). Até então, as tipografias eram proibidas de operar no Brasil, proibição essa que deixou de existir com a vinda da corte joanina para as terras brasileiras. Com isso, em 10 de setembro do mesmo ano, é publicado o primeiro impresso do Brasil a: *Gazeta do Rio de Janeiro*. Seu conteúdo era voltado para os acontecimentos na Europa e possuía um caráter oficial (SODRÉ, 1999, p.19-20).

No ano de 1813 é publicado *O Patriota Jornal Litterario, Político, Mercantil*. Seu conteúdo possuía artigos que iam de notícias políticas europeias até listas de plantas medicinais brasileiras, cobrindo igualmente assuntos filosóficos e poesia. Assim como Veloso no Arco do Cego, seu editor Manuel Ferreira de Araújo Guimarães se esforçou em publicar gravuras, tabelas, listas e quadros descritivos, que pretendem sintetizar os dados, tudo isso para enriquecer didaticamente qualquer tipo de escrito (KURY, 2011, p. 116-117). Isso foi um marco para a imprensa brasileira, visto que os periódicos das primeiras décadas do século XIX no Brasil ainda eram mais semelhantes com folhetos e panfletos do que com os modelos gráficos e os formatos de jornais da atualidade. Ou seja, *O Patriota* representou também o avanço técnico da imprensa em seus primeiros anos no país (FERREIRA, 2007, p.42).

Figura 1- O Patriota



Fonte: BN DIGITAL⁵

O jornal fazia parte de um conjunto de iniciativas — muitas delas materializadas em instituições — no campo da cultura, necessárias e para uma cidade que foi alçada para uma posição central na gerência do Império português (GUIMARÃES, 2007, p.67). Quanto a escolha do nome do periódico, em nenhum de seus dezoito volumes ela foi explicada, tendo a palavra “patriota” aparecido apenas uma vez no corpo do texto ao longo dos volumes (MOREL, 2007, p.15). No entanto, o significado da palavra “patriota” não remete para uma identidade brasileira independente e desvinculada do Império luso-brasileiro. Ou seja, a pátria referenciada era sim a “pátria brasílica”, local onde nasceram muitos dos autores que publicaram no periódico, porém conectado profundamente com Portugal. Tanto que ao longo dos volumes o patriotismo é lembrado como uma “virtude

⁵ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=700177&pagfis=1>

clássica, compatível com posições políticas conservadoras, sendo assim, não era alusivo ao liberalismo exaltado ou ao jacobinismo” (KURY, 2007, p.141).

O editor de *O Patriota* era Manuel Ferreira de Araújo Guimarães (1778-1838). Nascido na Bahia, Manuel Ferreira também era o nome responsável por outro jornal, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, e também era lente da Academia Real Militar do Rio de Janeiro. Guimarães é responsável por realizar uma série de traduções de manuais de matemática, astronomia e geodésica para servirem ao ensino na Academia Militar, além disso era também poeta, escrevia sobre literatura e teatro (KURY, 2011, p.115). Essa relação de Manuel Ferreira de Araújo Guimarães e a Academia Militar deve ser destacada. A Academia Militar do Rio de Janeiro foi fundada em 1810 e, segundo Luís Miguel Carolino, o seu objetivo era formar uma elite de técnicos e homens de ciência que seriam responsáveis não apenas pelo controle militar e territorial, mas também por atuar na melhoria da infraestrutura do país para possibilitar uma integração política e econômica de um território de enormes proporções como o Brasil. Manuel de Araújo Guimarães também foi lente substituto da Academia dos Guardas-Marinhas, em Portugal, onde a partir disso estabeleceu uma relação de patronagem com D. Rodrigo de Sousa Coutinho, relação que teve continuidade pois D. Rodrigo no cargo de ministro da Guerra e dos Negócios Estrangeiros tinha a Academia Militar do Rio de Janeiro sob sua égide (CAROLINO, 2012).

Segundo Cesar Agenor, o que estava em jogo no projeto de criação de *O Patriota* era a tentativa do Império Português de adentrar na modernidade em pé de igualdade com a demais nações europeias, tornando sua principal colônia – agora sede do Império – uma “nação mais civilizada”. Ou seja, o jornal fazia parte de uma “europeização” dos habitantes do Rio de Janeiro, um projeto de aperfeiçoamento da formação intelectual e moral desses homens livres (SILVA, 2010, p.30).

O Patriota também se insere no contexto de valorização das produções brasileiras por parte da administração portuguesa e das elites locais. O periódico tinha como um de seus objetivos divulgar uma ciência útil, influenciada pela ilustração. Os múltiplos temas abordados em *O Patriota*, e sua preocupação com a didática transparecem a influência do periódico no enciclopedismo europeu (KURY, 2007, p.141). Esse esforço didático tratava-se também da difusão de uma lógica econômica e científica. A ciência útil buscava equilibrar gastos, poupar tempo e trabalho, planejar a médio prazo e assim aumentar a produtividade. Segundo essa lógica, esse seria o caminho para atingir um nível elevado

de civilização e prosperidade. Os conhecimentos úteis contidos no jornal se estendiam por diversas áreas, como a matemática, o mapeamento da costa, a agricultura e a geografia, artigos políticos, narrativas históricas e poesia podiam ser encontrados pelos leitores nas páginas de *O Patriota*.

Seus redatores eram da elite dos homens de ciência brasileiros e portugueses, junto com um apanhado do que havia de mais atualizado na Europa, principalmente no campo da história natural. Esse conjunto serviria para a educação dos “patriotas”, daqueles que reivindicavam para si lugar no mundo das letras, das ciências e da civilização. *O Patriota* buscava difundir não apenas uma maneira de se fazer ciência, mas de conceber a ciência. Suas páginas foram um veículo importante para introduzir temas, mostrar formas de solucionar problemas, homogeneizar o vocabulário dos grandes homens esclarecidos e vincular prestígio e Luzes (KURY, 2011, p.120-123).

1.2-Os Romantismos e sua chegada no Brasil

Após o fim de *O Patriota*, e com a efervescência do cenário político, as ciências deixaram de ser um foco na imprensa em detrimento da política. Esse fenômeno ficou conhecido como “praga periodiqueira” (NEVES, 2016, p.17). Outros jornais até tentaram apresentar um conteúdo similar, porém foram efêmeros e de baixa expressividade. Entre 1830 e 1840, dos periódicos publicados no Brasil, apenas 6 tinham como linha editorial predominante a ciência, 5 com predominância em literatura, enquanto que 176 tinham como tema principal a política. Em números percentuais isso representava 2,57 % 2,15% e 76,19%, respectivamente (BASILE, 2014, p.54-55). Essa tendência foi percebida e ressaltada no próprio século XIX, Santiago Nunes Ribeiro quando assume o cargo de editor da *Minerva Brasiliense* diz:

A imprensa periódica apareceu e mostrou-se noticiosa, literária, científica, mais do que o tem sido em tempos recentes. O Patriota, jornal publicado nesta corte, abona esta observação. Posteriormente o jornalismo político se apoderou da imprensa, deixando raramente que aparecesse alguma publicação, destinada a ciência e letras, se

exceptuarmos as que consignam os trabalhos das sociedades sabias. Assim devia acontecer numa época de demolição e construção social⁶.

O processo de independência do Império do Brasil impactou profundamente a elite letrada local. De acordo com Márcia Gonçalves, algumas das produções da época se esforçaram para construir o que seria a “cor local” e o “ser brasileiro”, no intuito de imaginar uma identificação única e autônoma para o país que ainda estava em formação (GONÇALVES, 2009, p.429). Com isso, romances, peças biografias, memórias, pinturas e muitas outras expressões, beberam dessa carga emancipatória em busca de criar o “Império do Brasil”

É na década de 1830 que o romantismo começa a se estabelecer no Brasil. O romantismo foi muito mais do que uma corrente literária, foi um movimento estético, filosófico e cultural que afetou profundamente campos como a religião, a política e a ciência (D'ANGELO, 1998.p.13). Em cada um dos países que esteve presente adotou a regionalismos, sendo possível pensar em “romantismos”. No caso brasileiro, se aliou ao nacionalismo e ao senso de dever patriótico se tornando a partir da literatura um instrumento de imaginação da nação (AGUIAR; FRANKLIN, 2017). Bernardo Ricúpero afirma que as publicações românticas apresentavam um duplo caráter: eram tanto políticas quanto culturais. Portanto, determinar quando começava um e terminava outro não é uma tarefa simples. Muitos desses homens eram políticos ao mesmo tempo que escritores (RICÚPERO, 2004, p. XX).

Ao afirmar o papel dos livros e dos jornais para a imaginação da identidade nacional, Benedict Anderson compara os dois formatos. Segundo o autor, os jornais diários seriam uma versão efêmera dos livros e com uma obsolescência intrínseca, porém era um ritual feito simultaneamente por milhares de pessoas, por isso tinha seu peso na construção de uma unidade (ANDERSON, 2008, p.67-68). Os periódicos científico-literários possuíam uma dinâmica de publicação distinta dos jornais diários, eram publicados de forma mais espaçada, – por vezes quinzenalmente ou mensalmente – o que os aproximavam, até certo ponto, do modo de consumo dos livros.

⁶RIBEIRO, Santiago Nunes. Introdução. In: Minerva Brasiliense, ano II, n.1,15 de novembro 1844.p.2.

Publicações do gênero podiam ser vistas na Inglaterra nas primeiras décadas do oitocentos, e abordavam assuntos como História Natural, Agricultura, Medicina e Artes Práticas. Segundo Jonathan R. Topham, o crescimento do público leitor entre os britânicos desse período provocou um aquecimento no mercado editorial relacionado com as ciências. Obras como livros científicos para uso escolar e universitário, enciclopédias, diálogos científicos e periódicos de naturalistas se tornaram presentes nas casas da classe média. Essa tendência foi tamanha, que estimulou a tentativa de separar o científico do literário para assim criar um mercado exclusivo para as publicações científicas. Essa manobra exigia que o corpo editorial fosse capaz de encontrar um equilíbrio entre o conteúdo técnico e o que poderia ser visto como interessante pelos não especialistas, tal equilíbrio não foi alcançado e essa tentativa de separação não prosperou financeiramente (TOPHAM, 2016).

Na França existia revistas como a *Revue des Deux Mondes* – fundada em 1829 por Prosper Mauroy e Ségur-Dupeyron – que dava ênfase aos artigos históricos e geográficos ligados com a literatura de viagem. A revista “visava a favorecer as relações culturais, políticas e, sobretudo, econômicas entre o Velho e o Novo Mundo” (MELLO, 2013, p.152). Outra revista de origem francesa era a *Revue Britannique* (1825–1895), fundada por Sébastien-Louis Saulnier (1790-1835), seu conteúdo era uma seleção de artigos “dos melhores periódicos da Grã-Bretanha” para a língua francesa. Assim, a *Revue Britannique* tinha a função de apresentar o contexto inglês para os franceses e demais lugares, mesmo que a partir de uma perspectiva francesa (RAMICELLI, 2012). A *Revue Britannique* também circulou no Império do Brasil, exercendo influência na criação da *Revista Nacional e Estrangeira* (1839-1840), revista que teve como principais diretores e redatores João Manuel Pereira da Silva (1817-1898) e Josino do Nascimento Silva (1811-1886) e, assim como a *Revue Britannique*, publicavam textos traduzidos “das melhores revistas” oriundas da Grã-Bretanha e da França (Idem, 2012).

No ano de 1836 foi fundada em Paris a *Nitheroy, Revista Brasiliense. Ciências, Letras e Artes*, pelos jovens brasileiros Gonçalves de Magalhães (1811-1882), Manuel de Araújo Porto Alegre (1806-1879) e Francisco Torres Homem. A *Nitheroy* foi um dos marcos inaugurais do Romantismo no Brasil. Em suas páginas era possível encontrar textos de diversos assuntos, como: Astronomia; Ciências Econômicas; Música; Física industrial; Literatura e Artes. Com a epígrafe “Tudo pelo Brasil e para o Brasil”, transparecia seu caráter nacionalista, que buscava distanciar-se da antiga Metrópole

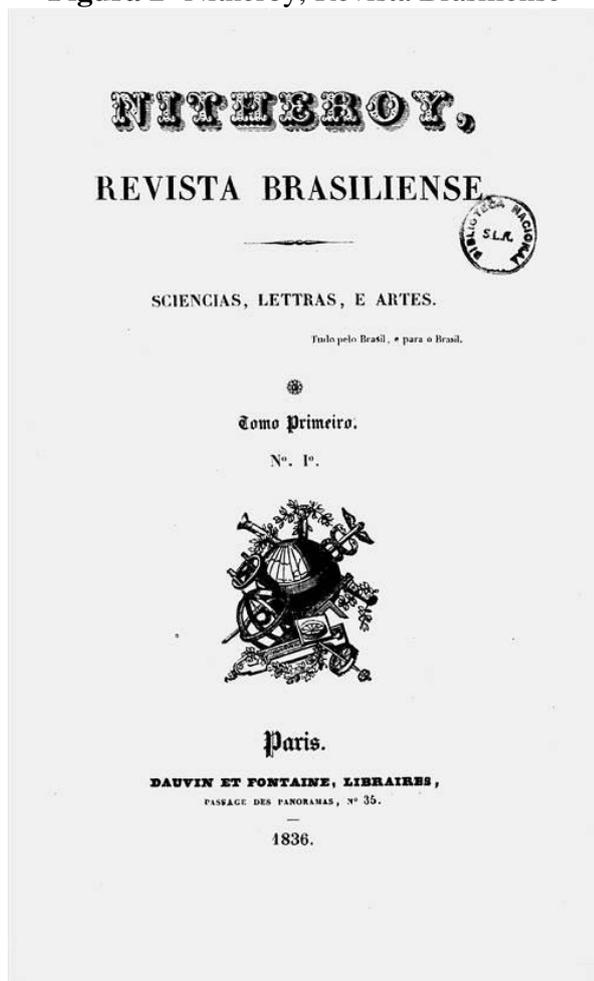
(CANDIDO; CAIRO, 2008). Fazia então parte de um movimento, situado entre as décadas de décadas de 1820 e 1830, de rejeição da antiga metrópole lusa e a troca de sua influência pelas “metrópoles de substituição” Londres e Paris (MOREL, 2005, p.212-213). O viés nacionalista da revista também pode ser visto em sua apresentação, junto com a exaltação da ciência útil:

O amor do país, e o desejo de ser útil aos seus concidadãos foram os únicos incentivos, que determinaram os autores desta obra a uma empresa, que, exceptuando a pouca gloria, que caber-lhes pode, nenhum outro proveito lhes funde.

Ha muito reconheciam eles a necessidade de uma obra periódica, que, desviando a atenção pública, sempre ávida de novidades, das diárias e habituais discussões sobre cousas de pouca utilidade, e o que é mais, de questões sobre a vida privada dos cidadãos, os acostumasse a refletir sobre objetos do bem comum, e de gloria da pátria.⁷

⁷ Niterói, revista brasiliense, Paris: Libraire Dauvin et Fontaine, 1836.

Figura 2- Nitheroy, Revista Brasiliense



Fonte: BN DIGITAL⁸

Pensando quem eram esses homens responsáveis pela *Nitheroy*, Domingos José Gonçalves de Magalhães, nascido no Rio de Janeiro e formado em Medicina, viaja para a França em 1833. Três anos depois, publica *Suspiros poéticos e saudades*, texto que pode ser visto como um dos marcos iniciais do romantismo. Segundo Gilberto Pinheiro Passos, nele, Magalhães não aderiu totalmente aos princípios da escola francesa, que já estava em ascensão a partir de obras como *Méditations poétiques* (1820), de Lamartine, *Les orientales* (1830), *Les feuilles d'automne* (1831) e *Notre-Dame de Paris* (1831), de Victor Hugo, e *Le père Goriot* (1834), de Balzac (PASSOS, 2008). Porém, para Antônio Candido, Gonçalves Magalhães era o exemplo de um “renovador sem força renovadora”, foi influenciado na França pelas novas tendências, incorporou em sua escrita técnicas

⁸Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700045&PagFis=1>

reveladoras para o Brasil, tais como: o sentimento religioso como função moral da poesia, a imitação da natureza, a rejeição das formas fixas das estrofes e poemas sem moldes. Mas sem perder a “dicção neoclássica” (CANDIDO, 2002, p.26-27). Essa não ruptura de Magalhães contribuiu na respeitabilidade do romantismo brasileiro em seus primeiros passos, não criando um embate entre o cânone já estabelecido, utilizando o sentimento patriótico, e a busca por autonomia como balizas de uma transição bem vista (Idem. Ibidem., p. 29).

Outro redator da *Nitheroy* foi Francisco Sales Torres Homem, filho de um padre e uma alforriada, foi de profissão médico e advogado, sendo especializado em Política Econômica. Foi sobretudo um homem político, ocupando diversos cargos ao longo da vida e transitando entre o pensamento liberal e conservador (NEVES, 2014, p. 301). No primeiro volume da *Nitheroy* publicou um dos primeiros trabalhos contra a escravidão, intitulado *Considerações econômicas sobre a escravatura*. Nele, Torres Homem faz uma análise que parte da escravidão romana, mas usa como maior baliza o caso dos Estados Unidos, principalmente comparando norte-sul. Quando vira a lente de seu texto para o Brasil, resume em cinco pontos os malefícios que a escravidão trazia para o país:

Em resumo; a escravatura após de si arrastra os seguintes inconvenientes: 1º a inercia das classes livres; 2º a dificuldade da emigração dos colonos Europeus, que de modo algum se querem expor a concorrer com escravos; 3º a impossibilidade do uso das maquinas; 4º o estado de pobreza da nação, pela limitada produção, e pela imperfeição dos produtos, resultado da indolência, e incapacidade do escravo; 5º a lentidão da marcha da população⁹.

Araújo Porto Alegre, por sua vez é visto como menos comedido na absorção das novas tendências, principalmente tomando como referência o poema *Contornos de Nápoles*, presente no segundo volume da *Nitheroy*. No campo das artes, foi discípulo do pintor Debret (1768-1848) na Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro, sua obra possuía um traço interessante, Antônio Candido chega a compará-lo com o do inglês William Blake (1757-1827), atribuindo esse tom “fantasmagórico” que alguns de seus

⁹ TORRES HOMEM, Francisco Sales. Considerações econômicas sobre a escravatura. In: Niterói, revista brasiliense, Paris: Librairie Dauvin et Fontaine, n.1 1836.

quadros tornaram-se pouco conhecidos. Porto Alegre chegou antes na França do que os demais membros da revista, tendo convivido com nomes como Almeida Garret (1799-1854), por quem foi consideravelmente influenciado (CANDIDO, 2002, p.30). Na *Nitheroy*, assina três textos, um no primeiro volume e dois no segundo, o primeiro, *Ideias sobre a Música*, trata-se de um enaltecimento da música, onde passa pelos egípcios, gregos, romanos, considerando essa uma arte dos deuses.

No segundo volume da revista Porto Alegre publica *Contornos de Nápoles, fragmentos das notas da viagem de um artista*¹⁰, o texto é uma espécie de narrativa de viagem, tem um tom pessoal e reflete as experiências que o autor teve ao passar o ano de 1834 na Itália e já reflete a influência romântica na escrita do autor¹¹. O último texto é mais curto, *Bellas Artes*, trata de uma breve análise um quadro de Felix Emilio Tannay (1795-1881), que retrata a família imperial em um momento de estudo.

1.3-A Minerva Brasiliense e O Guanabara

Ao final do segundo volume da *Nitheroy*, seus redatores publicam uma nota comunicando o fim das atividades da revista e deixam claras suas intenções e continuar a empreitada nos periódicos quando estivessem novamente no Brasil¹². Essa continuidade ocorreu com a *Minerva Brasiliense*. A *Minerva* foi um jornal de ciências, letras e artes publicado quinzenalmente a partir de novembro de 1843 até 1855. Quanto à estrutura da revista, a mesma abria com a seção de Ciências, seguida de Literatura e Variedades. Esses eram os pilares da *Minerva*, todavia, alguns números eram compostos de seções adicionais, como Belas Artes e Teatro Francês.

Nos textos publicados em suas páginas era possível encontrar os mais diversos temas, como: literatura; viagens, química; botânica; astronomia; imigração, entre outros assuntos que pudessem ser considerados interesse do leitor ou de interesse nacional. Araújo Porto Alegre, Francisco Torres Homem, Joaquim da Silva Maia (1808-1859), Joaquim Norberto de Sousa e Silva (1820-1891), Francisco Freire Alemão e Antônio

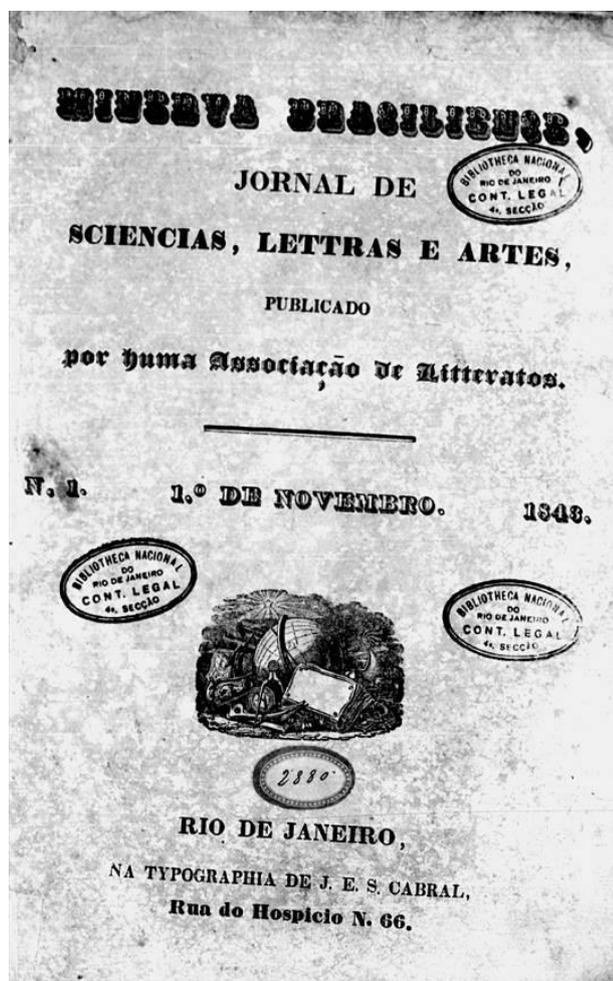
¹⁰ PORTO ALEGRE, Manuel de Araújo. *Contornos de Nápoles, fragmentos das notas da viagem de um artista*. Nitheroy, Paris: Libraire Dauvin et Fontaine, n. 2. 1836. p. 161-213

¹¹ PORTO ALEGRE, Manuel de Araújo. *Bellas Artes*. Nitheroy: Paris: Libraire Dauvin et Fontaine, n. 2. 1836. p.261.

¹² Niterói, revista brasiliense, Paris: Libraire Dauvin et Fontaine. n. 2. 1836. p.261-262.

Gonçalves Teixeira e Sousa (1812-1861), eram alguns dos nomes que compunham o quadro de redatores da revista (NEVES; GUIMARÃES, 2016).

Figura 3- Minerva Brasiliense



Fonte: BN DIGITAL¹³

A *Minerva Brasiliense* não possui um texto de apresentação, o primeiro volume abre com o texto *Progresso do Século Atual*, escrito por Francisco Sales Torres Homem, onde é possível perceber a exaltação da ciência útil e da racionalidade tipicamente ilustrada:

É somente em nossos dias que se tem feito notar uma geral mudança na direção das ciências: n'outras épocas elas apresentavam

¹³Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=703095&pagfis=1>

uma marcha altiva e orgulhosa: absorvidas na grandeza de suas abstrações, pouco se cuidava em presta-las ao serviço pratico da espécie humana, applicando-as às artes uteis. Daí provinha que estas, sem princípios racionais, se guiavam apenas por uma espécie de instinto empírico¹⁴.

Segundo António Pedro Pita, esse texto de Torres Homem deve ser interpretado como a chave de leitura, um “eixo doutrinário estruturante”, da *Minerva*. Além disso, o autor defende que o texto é responsável por enunciar um duplo propósito da revista: “o alinhamento com o espiritualismo eclético e a mediação do processo político e social de construção da nação” (PITA, 2016). Outro ponto que reforça *Progresso do Século Atual* como um texto chave é pelo fato de seu autor ser o editor da revista durante o seu primeiro ano de publicação.

No segundo ano de publicação do periódico o cargo de editor foi transferido para Santiago Nunes Ribeiro (?-1847), que tinha o objetivo de popularizar o conteúdo da *Minerva* e alcançar camadas para além do público especializado. Cabe destacar que, quando o “popular” é mencionado por nomes como Nunes Ribeiro, ele não está de acordo com o conceito atual de popular. De acordo com Jean-Luc Chappey, esse “público mais amplo” que os homens de ciência buscavam era composto por uma “elite mista” e “ilustrada” que não eram meros espectadores, exerciam também a função de legitimar e validar o conhecimento produzido pelo homem de ciência (CHAPPEY, 2004, p.4). Nas palavras de Santiago Nunes Ribeiro, na introdução do segundo ano da revista:

Até o presente, neste como em outros países, o máximo dos leitores era o dos homens de letras, estudiosos, as pessoas que sem o serem da profissão, haviam recebido uma educação literária. Hoje, porém além destas que o tem em maior grau o gosto da leitura se acha na parte são de todas as classes, e singularmente duas mais uteis ao Estado, a dos negociantes e fazendeiros, pois que são como as artérias do corpo social nas quais gira a riqueza pública. Para estes, bem como para outros muitos leitores, a instrução deve ser mais recreativa que científica na forma, por que não leem, como os homens de profissão,

¹⁴ TORRES HOMEM, Francisco de Sales. Progressos do século atual. In: *Minerva Brasiliense – Jornal de Ciências, Letras e Artes*. Nº 1. Rio de Janeiro: Tipografia de J. E. S. Cabral, 1 de novembro de 1843.

para entender o que há de geral e abstrato, isto é, de filosófico nas ciências, ou nas particularidades, aquilo que por ser técnico só interessa a aquém estuda a ciência, ou exerce a arte¹⁵.

No entanto, esse esforço de mudança editorial não foi o suficiente para manter a *Minerva* viva. Em meados de 1845 a revista acaba, repetindo a pouca duração de suas predecessoras. O jornal o *Ostensor* atribui falta de capacidade de diálogo com um público amplo como um dos motivos do declínio da revista, outro motivo que circulou na imprensa da época era a falta de tempo de Santiago Nunes Ribeiro e de esforço de Torres Homem para com a revista (NEVES; GUIMARÃES, 2016, p. 34). Independente do empenho dos editores, vale ressaltar que o público leitor nesse período ainda era muito limitado, com o índice de analfabetismo entre 75% e 85% da população, o que dificultava a continuidade desse tipo de revista (FERREIRA, 2016, p.43).

Na seção de “Ciências” da *Minerva Brasiliense*, era possível encontrar uma gama significativa áreas de conhecimento, como as de História Natural, Química, Astronomia, Medicina, Física e Geografia. Segundo Alex Varela, os textos científicos contidos no periódico eram escritos por especialistas e seus conteúdos densos ao ponto de conhecimentos prévios sobre os temas serem necessários (VARELA, 2016, p.112). Alguns dos futuros membros da Sociedade Velosiana de Ciências Naturais publicaram trabalhos nos números da *Minerva Brasiliense*.

Um deles era Freire Alemão, responsável por publicar na *Minerva* a catalogação de algumas espécies de planta em 1844. Esses trabalhos foram fruto de sua empreitada, que começou quatro anos antes das publicações, de explorar as matas virgens brasileiras em busca de espécies que poderiam ter passado despercebidas por outros naturalistas¹⁶. Outro nome era o de Emílio Joaquim da Silva Maia, que na *Minerva* publicou principalmente textos de Ornitologia, como o texto do primeiro volume da revista, em 1843, onde faz descrição de duas novas espécies de beija-flores por ele observadas

¹⁵ RIBEIRO, Santiago Nunes. Introdução. In: *Minerva Brasiliense*, ano II, n.1, 15 de novembro 1844. .p.2.

¹⁶ FREIRE ALEMÃO, Francisco. “Botânica”. In: *Minerva Brasiliense*. Jornal de Ciências, Letras e Artes, publicado por uma associação de literatos, nº 24, 15 de outubro de 1844; FREIRE ALEMÃO, Francisco. “Botânica”. In: *Minerva Brasiliense*. Jornal de Ciências, Letras e Artes, publicado por uma associação de literatos, nº 3, 15 de dezembro de 1844.

¹⁷.Candido de Azeredo Coutinho (?-1878) contribui para a revista com textos sobre Física e Química¹⁸. Por fim, Jean Theodore Descourtilz (1796-1855) escreve um texto sobre Entomologia¹⁹.

Nos anos seguintes ao fim das atividades da *Minerva Brasiliense*, outras revistas literárias foram inauguradas, como *A Nova Minerva: Periodico dedicado ás Sciencias, Artes, Litteratura e Costumes* (1845–1847), *Iris: Periodico de Religião, Bellas-Artes, Sciencias, Letras, Historia, Poesia, Romance, Noticias e Variedades* (1848–1849) e *O Beija-flor: Jornal de Instrucao e Recreio* (1849–1851). Apesar de serem periódicos inseridos no mesmo contexto, eles deixam as ciências de lado, contendo pouco ou nenhum conteúdo científico.

Quatro anos depois, na esteira da *Minerva*, compartilhando muitos de seus redatores e premissas, foi fundada a revista *Guanabara: Revista Mensal Artística, Científica e Literária*. Seus membros fundadores foram Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), Manuel de Araújo Porto Alegre e Joaquim Manuel de Macedo, o periódico teve ao todo trinta e sete números e entre seus temas estavam a Botânica, Química, Matemática, Crítica Teatral e Literatura. Na introdução de sua primeira edição, deixa clara sua postura editorial de dar continuidade às suas antecessoras, a *Revista da Sociedade Filomática*²⁰, a *Nitheroy* e *Minerva Brasiliense*:

Debaixo deste título, que recorda o nome primitivo da cidade, augusta rainha da América do Sul, oferecemos ao público esta revista mensal. E ainda a continuação do pensamento que presidio à publicação da *Nitheroy* e da *Minerva*, pensamento que foi nobremente segundado peia *Revista Filomática*, em S. Paulo, e pela *Revista Nacional e Estrangeira* nesta capital²¹.

¹⁷ SILVA MAIA, Emílio Joaquim da. “Ornitologia Brasileira. Duas espécies novas de beija flores”. In: *Minerva Brasiliense. Jornal de Ciências, Letras e Artes*, publicado por uma associação de literatos, nº 1, 01 de novembro de 1843.

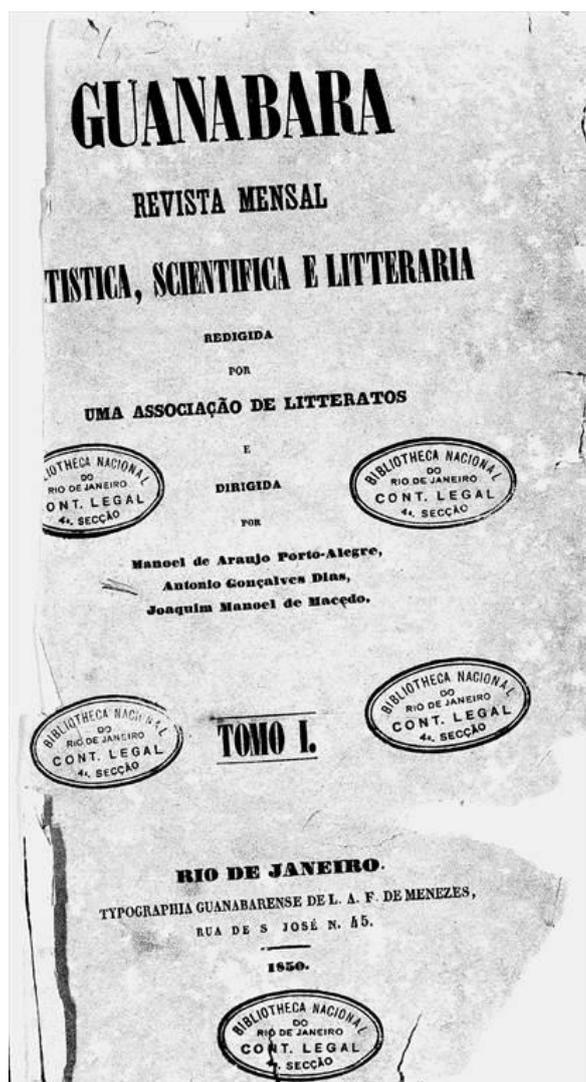
¹⁸ COUTINHO, C. de Azeredo. Falsificação de sulfato de quinina. In: *Minerva Brasiliense – Jornal de Ciências, Letras e Artes*. Nº 2. Rio de Janeiro: Tipografia de J. E. S. Cabral, 15 de novembro de 1843.

¹⁹ DESCOURTILZ, J.T. Entomologia Brasileira. In: *Minerva Brasiliense – Jornal de Ciências, Letras e Artes*. Nº 6. Rio de Janeiro: Tipografia de J. E. S. Cabral, 15 de novembro de 1844.

²⁰ A Sociedade Filomática da Faculdade de Direito de São Paulo foi uma associação criada em 1832 por alunos e professores na recém inaugurada Faculdade de Direito de São Paulo.

²¹ O *Guanabara – Revista Mensal Artística, Científica e Literária*, Tomo I, nº1, 1849, p.1.

Figura 4- O Guanabara



Fonte: BN DIGITAL²²

A proposta da *Guanabara* era atingir um público “diverso”, para os padrões oitocentistas. Isso era feito a partir da produção de redatores especialistas que podiam abordar desde “assuntos graves” até “obras amenas”, construindo uma leitura que pretendia ser palatável para “o recreio das famílias, a mocidade das escolas, ao comercio e as artes”. Além disso, já em suas primeiras páginas, era possível ver a vocalização de uma agenda conservadora, parte de um projeto de construir “uma nação na América”,

²² Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700630&pagfis=1>

com uma literatura de bases monumentais e com uma nacionalidade de caráter próprio, isso tudo atrelado ao Império e ao Imperador²³

Como aponta Bernardo Ricúpero, essa postura conservadora era o norte da *Guanabara*, mas não sua totalidade, alguns de seus redatores publicaram textos que iam no sentido oposto ao do periódico (RICÚPERO, 2004, p. 100-101). Um desses redatores é o próprio Gonçalves Dias, que publica em 1850 na *Guanabara* o texto *Meditações*, onde expõe as contradições existentes em um país que em busca dito progresso e que almeja construir sua identidade nacional, mas que ao mesmo tempo é sustentado pelo trabalho escravo (SANTOS, F., 2009, p. 280). Gonçalves Dias nasceu no Maranhão e era filho de um português com uma cafuza²⁴. Em 1840, inicia o curso de Direito na Universidade de Coimbra, onde vive anos que foram importantes para o autor ter contato mais direto com a literatura europeia e seus escritores. Ao regressar da Europa Gonçalves Dias retorna para Caxias, no Maranhão, algo que pode ser visto um marco na vida do autor, por tomar consciência de sua ascendência indígena (SANTOS, L., 2009, p.155).

Outro redator que difere das ideias conservadoras é Joaquim Manuel Macedo, nascido em Itaboraá, cursou Medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, porém antes de terminar o curso já encontrou o sucesso na literatura com o romance *A Moreninha* (CANDIDO, 2002, p.41-42). Macedo também trilhou caminho na política e pelo partido liberal ocupou o cargo de deputado. Entre suas publicações na *Guanabara*, *Costumes campestres do Brasil*, chama atenção por deslocar a visão do que constituiria a identidade nacional no sentido da capital para o campo, enaltecendo a beleza e as tradições dos lares agrícolas em detrimento “corte artificial” e convidando o leitor a conhecer as paisagens do recôncavo do Rio de Janeiro²⁵.

A década de 1850 teve um papel importante na consagração do romantismo e *O Guanabara* e seu grupo eram figuras centrais nesse processo. Foi nesse contexto que o indianismo ganhou ainda mais força e passou a marcar presença também nos romances e nas epopeias, no que Antônio Candido denomina de “curiosa coexistência de arcaísmo e modernidade” (CANDIDO, op. cit., p.48)²⁶. Um ator já citado, mas que também tem

²³ O Guanabara – Revista Mensal Artística, Científica e Literária, Tomo I, nº1, 1849. p.1-2.

²⁴ Termo usado para designar a prole um negro com um índio.

²⁵ MACEDO, Joaquim Emanuel, *Costumes campestres do Brasil*. In: *Guanabara – Revista Mensal Artística, Científica e Literária*, 1851, Tomo II, p. 257-258.

²⁶CANDIDO, Antônio. op. cit., p48.

papel central nisso, é Domingos José Gonçalves de Magalhães. Após anos trabalhando na obra, Magalhães apresenta, em 1855, *A Confederação dos Tamoios* para D. Pedro II, texto que é muito bem recebido pelo Imperador, ao ponto de conceder o financiamento para a impressão da obra. O poema narra a revolta dos Tamoios contra os portugueses e suas práticas de escravização indígena ocorrida entre os anos de 1554 e 1567. Com esse texto, Magalhães construiu uma epopeia nacional, dando aos indígenas os atributos heroicos (FERREIRA; LENZ, 2020, p. 210-211).

As temáticas científicas eram recorrentes na *Guanabara* e ganha ainda mais espaço nas páginas do periódico a partir de 1851, quando a Sociedade Velosiana é convidada a publicar seus trabalhos na revista. Convite expresso em uma carta entre Freire Alemão e Silva Maia:

Recebi do Capanema uma carta em que me comunicava que os Editores da Guanabara, contando com duração de seu jornal, se oferecerão, até mesmo aumentando o formato da folha, a publicar os nossos trabalhos. (...) me deliberei só por nisso respondendo que nenhuma dúvida já tinha a respeito dessa publicação, que em todo caso a duração do jornal, dando-se uma programação regrada, e mesmo valores com aumento do formato, dispostos a fazerem para mas uma tiragem à parte, nos ficou muito vantajosa²⁷.

Os trabalhos da Velosiana já eram percebidos como menos palatáveis ao público não especializado do que os textos científicos rotineiros da *Guanabara*. Visto isso, os editores decidiram incorpora-los como um acréscimo de oito páginas por volume:

Alguns compatriotas nossos, recomendáveis por seu saber, e aturados estudos reuniram-se no ano que passou, e organizaram uma associação, que sob o título Velosiana (título que recorda um nome glorioso para nossa pátria) se destina a pesquisas e estudos da História Natural do Brasil: e essa respeitável e frutuosa sociedades devemos nós a honra de permitir-nos a publicação de muitos de seus trabalhos e descobertas nesse importante ramo dos conhecimentos humanos: como porém a alguns de nossos assinantes, que se não tem dado ao estudo de

²⁷ Carta de Freire Alemão a Emílio Joaquim da Silva Maia. [S.l.], 13/01/1851. MS 548 (1) doc.025; I - 28,01,025.

tais matérias, será de pouco interesse a leitura d'esses artigos científicos; damos ao Guanabara um aumento de oito páginas, que ficam exclusivamente reservadas para a inserção dos brilhantes trabalhos da Velosiana²⁸.

Contudo, poucos foram os textos da Velosiana publicados na própria Guanabara. Em 1855 é publicado, pela *Biblioteca Guanabarensis*, o encadernado *Trabalhos da Sociedade Vellosiana*. Segundo Hélio Lopes, a Guanabarensis era o braço da Guanabara responsável por editar obras que não cabiam no “pequeno número de suas páginas”. As atividades da *Guanabarensis* começam em 1849 e vão até 1855, além dos trabalhos produzidos pela Velosiana, publicou as seguintes obras: *Rosa* (1849), de Joaquim Manuel de Macedo; *A estátua amazônica* (1851), “comédia arqueológica” escrita por Araújo Porto Alegre; *Cobé* (1852), de Manuel de Macedo; *O Cavaleiro teutônico* (1855), de Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa; *Amador bueno*, obra de Joaquim Noberto de Sousa e Silva (LOPES, 1978, p. 65).

Entre 1853 e setembro de 1844 a Guanabara passa por mais um de seus hiatos, – outro momento de paralisação da revista foi entre o 1850 e 1851, e é nessa retomada que a revista anuncia o acréscimo da Velosiana em suas páginas, como foi mencionado anteriormente – em 1855 é retomada com o apoio financeiro direto do Imperador D. Pedro II, porém nem esse esforço foi o suficiente para a Guanabara ter um destino diferente de suas antecessoras. A revista “se arrasta” até 1856 quando tem seu fim definitivo (Idem. *Ibidem.*, p. 59-66).

Capítulo 2- A trajetória da Sociedade Velosiana e de seus sócios

A organização de grupos para debater e produzir conhecimento é algo que acontece desde a antiguidade, vide a Academia de Platão e Liceu de Aristóteles (HALL, 1985, p.313). No século XVI as academias eram espaços de congregação dos homens de letras e de “entretenimento na vida cortesã”. Segundo Iris Kantor, nelas “ainda não havia uma compartimentação dos campos do saber; experimentos artísticos, matemáticos e

²⁸ O Guanabara – Revista Mensal Artística, Científica e Literária, 1851, t.II, p. 231-233.

retóricos eram debatidos paralelamente às demais atividades filológicas, arqueológicas e antiquárias” (KANTOR, 2002, p.11).

Na segunda metade do século XVII que o papel e as características dessas organizações tomaram a sua forma moderna. Tais associações deixam de abrigar o “diletantismo e amadorismo” e tornam-se cada vez mais restritas aos especialistas (FERREIRA; MAIO; AZEVEDO,1998, 476). Buscando nortear o que seria essa “imagem moderna da ciência”, Paolo Rossi enumera três pontos que ajudam a compreensão desse recorte: a convicção de que o saber científico é algo em expansão e acumulativo ao longo das gerações; que trata de um processo de incompletude intrínseca; a convicção da existência de uma tradição científica institucional e com características específicas, e dentro dessa tradição que “se colocam as contribuições individuais” (ROSSI, 2000, p.49).

Um ambiente com suas próprias regras e ritos, frutos de um trabalho coletivo, onde estavam sujeitos a crítica dos pares, uma “microsociedade dentro da “sociedade real” (ROSSI, 2001,269). Segundo Rupert Hall, essa dinâmica das academias e sociedades exercia o papel de estimular a pesquisa científica (HALL, 1985). Para Schaffer, esse tipo de organização humana desempenhava a função de criar uma “poderosa imagem da ciência”, na qual produziam suficiente legitimidade ao ponto que o termo “científico” deveria ser aplicado somente ao conhecimento e práticas produzidos por esses “peritos especialistas” (SCHAFFER, 1999, p. 416). É importante destacar a diferença entre o modelo das academias e sociedades dos institutos de pesquisa de finais do XIX, nas palavras de Paolo Rossi:

As academias que começaram a funcionar no século XVII, inclusive as maiores, não eram instituto de pesquisa no sentido moderno do termo. Não se colocavam como finalidade a transmissão do saber. Eram lugares onde eram trocadas informações, discutidas hipóteses, analisadas e realizadas experiências em conjunto, sobretudo emitidas avaliações e juízos sobre experimentos e relatos apresentados pelos sócios e por indivíduos externos ao grupo (ROSSI, 2001,269).

Duas das sociedades mais importantes que se inserem nesse contexto são a *Académie des Sciences* e *Royal Society*. Tanto a *Académie des Sciences*, fundada em 1666, quanto

o meio de publicação de seus trabalhos, o *Journal des Savants* (1665), faziam parte do projeto da construção da imagem de Luís XIV (1638-1715) e os responsáveis pelas duas instituições pertenciam ao círculo de Jean Baptiste Colbert (1619-1683), ministro de Estado e principal articulador desse projeto (BURKE, 1994, p.65.). Segundo Paolo Rossi, Colbert tinha “objetivos muito precisos: a ampliação e expansão planejadas da indústria, do comércio, da navegação e da técnica militar”. Apesar disso, preservava a autonomia dos acadêmicos envolvidos, os membros da *Académie des Sciences* foram responsáveis por empreendimentos importantes no campo científico, como o cálculo do tamanho da Terra, efetuado por Jean Picard (1620-1682) e cálculo da distância entre a Terra e o Sol feito por Jean Richer (1630-1696) (ROSSI,2001, 274).

As primeiras reuniões da *Royal Society* datam do final de 1660, e diferente da *Académie des Sciences*, não era financiada pela monarquia, possuindo o “Royal” apenas no nome. Os recursos da sociedade proviam das contribuições de seus próprios sócios, gerando uma autonomia ainda maior (ROSSI,2001, p. 275). A *Royal Society* publicava seus trabalhos na revista *Philosophical Transactions* (1665), um dos responsáveis por isso foi Henry Oldenburg (1618-1677), que era um dos secretários da Royal Society ao mesmo tempo que exercia uma função que se aproximava do cargo de diretor da revista (ZUCKERMAN; MERTON, 1971, p.68-69). A Sociedade foi responsável pela publicação de importantes trabalhos, como a *Principia Mathematica* de Isaac Newton (1643-1727) e o experimento de Benjamim Franklin (1706-1790) sobre a natureza elétrica dos raios.

De acordo com Jean-Luc Chappey no final do século XVIII, em meios como a *Académie des Sciences* e *Royal Society*, houve a valorização da “ciência severa” em detrimento da “ciência mundana”. A “ciência severa” pode ser vista como uma ciência voltada para os pares, especialistas e profissionais, feita em uma “linguagem” própria. enquanto a “ciência mundana” era feita com a capacidade de abarcar um público interessado, porém não especializado, os supracitados “amadores e diletantes”. Para Chappey a valorização da “ciência severa” não dizia respeito apenas ao público em que ela era destinada, e sim a diferenciação entre “outsider e insiders, amadores e profissionais”, retirando os cientistas da “República das Letras” e criando uma “comunidade de eruditos” (CHAPPEY,2004).

Na América Latina as sociedades científicas foram criadas a partir de motivações variadas, moldadas pelas necessidades das recém criadas nações independentes que

necessitavam do conhecimento sobre seu território, classificando e estudando os potenciais recursos naturais. Ao longo do XIX, foram tornando-se associações cada vez mais especializadas, focadas em áreas que auxiliavam a construção dos Estados nacionais, como a Geografia e a Estatística (FERREIRA; MAIO; AZEVEDO, 1998 p. 476)

No Brasil, a primeira sociedade científica voltada para as Ciências Naturais foi a Academia Científica do Rio de Janeiro (1772)²⁹, focada nas Ciências Naturais, Química, Física, Agricultura e Ciências Médicas (DOMINGUES, 1996, p. 151). A sua fundação foi feita “sob os auspícios” do marquês do Lavradio e estava ligada com a Academia Real de Ciências da Suécia. José Henrique Ferreira ocupava o cargo de presidente, Luís Borges Salgado o de secretário e os demais membros eram Gonçalo José Muzzi, Antônio Freire Ribeiro, Maurício da Costa, Idelfonso José da Costa Abreu, Antônio Mestre, Luiz Borges Salgado Antônio Ribeiro Paiva, Manoel Joaquim Henriques de Paiva e Antônio José Castrioto (MARQUES, 2005, p. 44). Sua duração foi curta, mas não demorou muito para ser recriada com o nome de Sociedade Literária e tinha o bem definido objetivo de “desenvolver a agricultura, para promover a felicidade pública” (DOMINGUES, 1996, p. 151).

Após 1822, com a consolidação da autonomia política do Brasil, o associativismo científico “ganhou novo impulso” com sociedades como a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (1825), o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838) e Sociedade Velosiana (1850) (Idem. *Ibidem.*, p. 151-152).

A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN) foi criada em 1825 e operou oficialmente a partir de 1827, sua gênese pertencia a “conjuntura política de consolidação da independência”, foi orientada pelos valores pragmáticos que visavam o progresso (DOMINGUES, 2001, p. 85). No Brasil, parte majoritária da economia girava ao redor dos proventos da terra, principalmente da exportação de produtos agrícolas e extração de minérios. E era nesse setor os principais esforços da SAIN, voltados para o melhor uso da terra, assim como sua manutenção em longo prazo através “cuidados para com o solo e a preservação da vegetação nativa” (PENTEADO, 2022, p. 62). Vale

²⁹ Associações voltadas para outras temáticas já existiam. Cf. KANTOR, Iris. *De Esquecidos e Renascidos: historiografia acadêmica luso-americana (1724-1759)*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2002

ressaltar que, o direcionamento da economia para a agricultura de exportação foi uma aposta da elite política, um formato que, para eles, inseria o Brasil na economia mundial (DOMINGUES, 1996, p.152).

A SAIN possuía um meio de divulgação próprio, o jornal mensal *O Auxiliador da Industria Nacional*, fundado em 1833 e circulou ininterruptamente até 1892. *O Auxiliador* era a voz da Sociedade Auxiliadora, alcançava diversas províncias do Império com as ideias que circulavam nas reuniões através de cartas, memórias, relatórios e traduções de textos publicados em outros países (DOMINGUES 2001, p.97). Januário da Cunha Barbosa, em 1833, escreve sobre o objetivo do *Auxiliador*:

É para concorrer a estes progressos, e para aparecer a realização de bens, que só a propagação das luzes pode produzir no Brasil, que a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional aqui estabelecida, empreende esta publicação periódica de Memórias e Notícias interessantes a todas as classes industriosas³⁰

A SAIN é um bom exemplo de uma instituição civil e privada, mas que dialogava e servia diretamente aos interesses do Estado. Nesse sentido, David Penteado define a SAIN como “uma instituição de caráter privado com personalidade jurídica própria, uma das primeiras associações civis do Império (...) com o objetivo de aplicar o conhecimento científico em benefício do progresso material do Império” (PENTEADO, 2022, p. 62)

Era composta por fazendeiros, comerciantes, bacharéis, funcionários públicos militares, religiosos e naturalistas, professores e médicos (DOMINGUES, 2001, p.92) . Alguns membros da Sociedade Velosiana também compunham o quadro da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, com destaque para Emílio Joaquim da Silva Maia e Frederico Leopoldo Burlamaqui, que ocuparam o cargo de redatores do *Auxiliador da Industria Nacional*, o primeiro entre os anos de 1846 e 1849 e o segundo de 1857 até 1866.

Gestado nas reuniões da SAIN, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) foi criado no ano de 1838 como parte de um projeto de construção simbólica da Nação. Segundo Manoel Luiz Salgado Guimarães, a criação do IHGB é a materialização

³⁰ BARBOSA, Januário Cunha. Introdução. *O Auxiliador da Indústria Nacional*. 1833, v. I, n. 1, p. 10.

do empreendimento de criação do Estado Nacional Brasileiro, a partir de um discurso de convergência entre o “velho” e o “novo”, abraçando ao mesmo tempo a herança portuguesa e de linhagem nobre, mas que era fruto do Brasil (GUIMARÃES, 1988).

Januário da Cunha Barbosa, importante nome da criação e estruturação do IHGB foi secretário perpétuo do Instituto até seu falecimento. Em seus discursos é possível aferir sua intenção de acumular um “gigantesco e vertiginoso estoque de material” sobre o Brasil, formando as bases para o conhecimento da nação. A partir deste projeto institucional e político de conhecimento da nação, o IHGB enviou pesquisadores, como Varnhagen, Gonçalves Dias e Joaquim Caetano da Silva ao exterior com o fim de investigar e coletar cópias de manuscritos referentes ao período colonial que se encontravam em instituições estrangeiras. Além dessa coleta de material, houve intercâmbios com diversas instituições, como o *Smithsonian Institution*, Real Sociedade dos Antiquários do Norte e o Instituto Histórico de Paris, a *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* chegou a ser distribuída por cento e trinta e seis sociedades estrangeiras. (GUIMARÃES, 2001, p.265).

D. Pedro II foi personagem central no projeto do Instituto, já no ano de fundação o monarca é convidado para ser “protetor” da instituição. Ao longo dos anos sua participação tornou-se cada vez mais frequente e importante, principalmente a partir de 1849, daí até o ano de 1889 D. Pedro II presidiu 506 sessões do Instituto. O Estado Imperial era o grande financiador do empreendimento, cerca de 75% da verba do IHGB provinha dessa fonte. Como Lilia Moritz Schwartz aponta, isso fazia parte da própria construção da imagem de D. Pedro II, aos moldes de Luís XIV, instituindo-se como um “mecenas” um “sábio imperador dos trópicos” (SCHWARTZ, 1998, p.127-128).

O caso do IHGB não destoa do modelo europeu para esse perfil de instituição, mesmo que com suas particularidades, uma dinâmica distinta das disputas encontradas nas universidades europeias do XIX, mais pautada em um espaço acadêmico constituído por “eleitos a partir de relações sociais”, nos moldes das academias ilustradas do século XVIII. Além disso, o Instituto fez parte do processo ressignificação da História no Brasil oitocentista, segundo Manoel Luiz Salgado Guimarães, o historiador de um homem de letras passou a ser pesquisador, integrando o “mundo da produção científica” (GUIMARÃES, 1988). Segundo Maria da Glória de Oliveira, a partir do IHGB, o historiador passou a adquirir “traços de heroicidade” e visto como o executor de uma

tarefa “nobre pautada por inspirações de patriotismo”, ocupando funções utilitárias e instrutivas para a sociedade (OLIVEIRA, 2010).

2.1- A Sociedade Velosiana

A Sociedade Velosiana é um tema recorrentemente na historiografia, principalmente elementos como a sua criação, divergências internas e tentativa de união com o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Apesar disso, a Velosiana compõe esses textos de forma lateral, tendo eles o principal foco algum de seus sócios ou instituições que a rodeavam (LOPES,2001; FIGUEIROA,1997; KODAMA,2005; MORAIS, 2005; PINHEIRO,2002; VELOSO JÚNIOR, 2013). Uma exceção é o livro do biólogo Melquíades Pintos Paiva, destinado somente para a SV, levanta dados sobre seus trabalhos, membros e faz a transcrição de alguns documentos produzidos pela Sociedade (PAIVA, 2005). No Entanto, Paiva deixa significativa margem para novos olhares e reflexões acerca de uma associação tão impar em seu tempo.

A idealização da Sociedade Velosiana começou em agosto de 1845 com Freire Alemão arquitetando a construção de uma Sociedade capaz de “coligir, estudar e entesourar os objetos naturais, tão abundantes, tão preciosos, de nosso país, em que eles se unissem, se auxiliassem e se animassem mutuamente”. O plano era juntar um pequeno número de “curiosos da natureza” e solicitar uma sala no Museu Nacional para abrigar as conferências quinzenais da desse grupo. Para Alemão, essas conferências teriam os seguintes objetos de estudo:

O objeto das conferências será tudo quanto disser respeito as Ciências Naturais em geral e sobretudo coisas que referirem ao Brasil, e muito especialmente dos produtos do solo brasileiro; por isso:

Os membros da reunião terão o cuidado de indagar dos jornais estrangeiros tudo que houver de novo na ciência; de informar-se do que se passa pelas províncias, que tenha relação com as ciências naturais, ou pelos jornais ou por cartas, ou vocalmente; enfim, investigar nas obras e escritos antigos sobre o Brasil, tudo o que se achar por ai perdido e esquecido, para com estas informações porem-se ao facto das coisas do país, oferecer alimento para uma discussão proveitosa. É porem de

esperar que trabalhos originais venham aparecendo, e serão estes os que devem formar o acervo desta associação³¹.

O projeto continuou inerte até 1848, quando Freire Alemão decide consultar alguns personagens sobre suas pretensões. O primeiro foi Frei Custodio Alves Serrão (1799-1873), que até o ano anterior era diretor do Museu Nacional. Serrão achou o projeto proveitoso, porém duvidou de seu êxito, algo que deixou Alemão “descorçoado”³². No mesmo ano, por meio de uma carta, Freire Alemão expõe seu projeto para o naturalista alemão Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868). Nessa carta é possível ver a intenção de nomear o grupo de naturalistas de Sociedade Velosiana, em homenagem ao autor de *Flora Fluminensis*, Frei Mariano Veloso.³³

Ando aqui com desejos de reunir os poucos, que se ocupam de ciências naturais para formar um núcleo, ou começo de uma Sociedade, a que tenho tenção de dar o título de Sociedade Velosiana, em obséquio ao autor da Flora Fluminense.³⁴

Além disso, nessa carta, Alemão expõe que para ele era importante publicar os trabalhos produzidos por essa sociedade em um periódico científico, pois esse seria um “elemento indispensável para a estabilidade dessa Sociedade“. Porém, essa tarefa já era compreendida como a mais desafiadora de ser executada, principalmente pela questão financeira. Uma das necessidades da revista era a impressão de estampas, algo que no período tinha um custo muito elevado. Esse periódico científico imaginado por Alemão carregaria o nome de “Precursor“, pois seria “o primeiro do gênero no Brasil“, voltado exclusivamente para as Ciências Naturais³⁵.

No dia 27 de julho de 1850 a SV reúne-se em uma sessão preparatória, em 18 de setembro o Ministério do Império aprova o estatuto da Sociedade e concede o direito

³¹ ALEMÃO, Francisco Freire. Discurso pronunciado na Sociedade Vellosiana por Francisco Freire Allemão. [Rio de Janeiro, s.d.]. Divisão de Manuscritos/FBN. I.28,9,80.

³² Idem. Ibidem.

³³ Carta de Freire Allemão a Martius. Rio de Janeiro, 21/09/1848. Divisão de Manuscritos/FBN 13,02,015 doc. 14.

³⁴ Carta de Freire Allemão a Martius. Rio de Janeiro, 21/09/1848. Divisão de Manuscritos/FBN 13,02,015 doc. 14.

³⁵ Carta de Freire Allemão a Martius. Rio de Janeiro, 21/09/1848. Divisão de Manuscritos/FBN 13,02,015 doc. 14.

dela se reunir em uma sala do Museu Nacional, essa concessão é publicada na Parte Oficial do Diário do Rio de Janeiro³⁶. É em 18 de outubro do mesmo ano que a Sociedade Velosiana faz a sua sessão de abertura no Rio de Janeiro³⁷.

O estatuto da Velosiana redigido por Francisco Freire Alemão, Ludwig Riedel (1791-1861), Emilio Joaquim da Silva Maia, Guilherme Shüch de Capanema e Candido de Azeredo Coutinho (?-1878), possuía trinta e quatro artigos. O primeiro artigo já expressava a intenção geral da organização, de “coligir, e estudar todos os objetos pertencentes à História Natural do Brasil; juntamente averiguar, e interpretar as palavras indígenas”. Os outros artigos elegiam as regras da Sociedade, seus requisitos para o aceite de novos membros e a divisão de cargos e de seções³⁸.

Imediatamente após a fundação, a Velosiana tratou de realizar as eleições para distribuir os cargos previstos no estatuto. Francisco Freire Alemão foi eleito unanimemente como presidente, o cargo de secretário interino ficou para Guilherme Capanema e o de tesoureiro-arquivista para Emilio Joaquim da Silva Maia³⁹. Conforme estipulado no Artigo 25º, os sócios efetivos da Velosiana foram divididos em quatro seções permanentes, Zoologia, Botânica, Mineralogia e Língua Indígena⁴⁰. Os membros que compunham a sessão de Mineralogia eram Frederico Leopoldo Cezar de Burlamaqui (1803-1866), Candido de Azeredo Coutinho, Custodio Alves Serrão e Alexandre Antônio Vandeli (1784-1859). A sessão de Botânica era composta por Francisco Freire Alemão, Ludwig Riedel, Bernardo José de Serpa Brandão e Guilherme de Capanema. A sessão de Zoologia tinha como membros Emilio Joaquim da Silva Maia e Theodoro Descourtilz. A sessão de Língua Indígena ficava no encargo de Conselheiro Antônio Manoel de Melo (1802-1866) e Ignacio José Malta⁴¹.

Ao longo das “sessões ordinárias” do mesmo ano, foram aprovados os nomes dos sócios correspondentes: Manoel Lourenço de Sousa, no Pará; Antônio Corrêa de Lacerda (1777-1852), no Maranhão; João José de Saldanha Marinho, no Ceará; Joaquim

³⁶ Diário do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1850.

³⁷ ALEMÃO, Francisco Freire. Discurso pronunciado na Sociedade Vellosiana por Francisco Freire Allemão. [Rio de Janeiro, s.d.]. Divisão de Manuscritos/FBN. I.28,9,80.

³⁸ Estatuto da Sociedade Vellosiana, 1850. Op. Cit

³⁹ CAPANEMA, Guilherme. Relatório dos trabalhos da Sociedade Velosiana no ano de 1850. In: Trabalhos da Sociedade Vellosiana. Biblioteca Guanabarensis. Rio de Janeiro, 1855.

⁴⁰ Estatuto da Sociedade Vellosiana, 1850. Op. Cit.

⁴¹ CAPANEMA, Guilherme. Relatório dos trabalhos da Sociedade Velosiana no ano de 1850. Op. Cit.

de Moraes Sarmiento (1804-?), em Pernambuco; Dr. Manoel Mauricio Rebouças (1799-1866), na Bahia; José Agostinho Vieira de Mattos (1809-1875), em Minas Gerais; Major Henrique de Beaurepaire Rohan (1812-1894), Carlos Engler e Theodore Langgaard (1813-1883), em São Paulo; Augusto Leverger (1802-1880), em Matto Grosso, e o Johannes Reinhardt (1816-1882), zoólogo dinamarquês, viajando na província de Minas Gerais⁴². Os sócios correspondentes poderiam ser qualquer estudioso de História Natural que tivesse a capacidade de auxiliar a Velosiana com a obtenção de periódicos, notícias e trabalhos científicos⁴³. Para se tornar um socio correspondente era necessária requisição por escrito ou indicação de algum dos sócios efetivos. Para aprovar o candidato era feita uma votação, assim como para os novos sócios efetivos, porém com a diferença que só era necessário maioria simples dos votos para a aprovação⁴⁴.

O Artigo 29º instituía que as sessões que não tratassem de assuntos econômicos seriam públicas⁴⁵. Assim sendo, as reuniões da Velosiana eram anunciadas no Jornal do Comércio, com assinatura de Capanema, informando a data e a hora que aconteceriam⁴⁶. Segundo os relatos de Freire Alemão, as primeiras reuniões da Velosiana foram “efervoradas” e já contaram com a apresentação de trabalhos, porém não tardou para que os ânimos diminuíssem e os problemas começassem a surgir⁴⁷. O próprio nome da associação foi questionado por Silva Maia e Riedel, dando margem para Alemão interpretar que não consideravam o Frei Mariano da Conceição Veloso personagem de prestígio suficiente para intitular a Sociedade. Em proposta foram sugeridos nomes como “Sociedade de Ciências Nacionais” ou “Sociedade Excrutadora das Ciências Naturais” (VELOSO JÚNIOR, 2013, p.56).

A controvérsia do nome representava mais do que uma questão de gosto ou estética, Frei Veloso era uma representação de uma influência ilustrada atrelada ao período colonial. A sugestão do nome “Sociedade das Ciências Nacionais” já demonstrava o novo eixo de influência que pairava sobre meados do XIX, voltado para o nacionalismo romântico. Vale pontuar que, de acordo com Marco Morel, a “direção ao

⁴² Idem. Ibidem.

⁴³ Estatuto da Sociedade Vellosiana, 1850. Op. Cit

⁴⁴ Idem. Ibidem.

⁴⁵ Idem. Ibidem.

⁴⁶ Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, ed. 182, p. 3, 4 jul. 1851.

⁴⁷ ALEMÃO, Francisco Freire. Discurso pronunciado na Sociedade Vellosiana por Francisco Freire Allemão. Op.Cit.

centro nacional”, do pós-independência, não configura uma ruptura com os elementos estrangeiros em si, e sim um afastamento da antiga metrópole. Ou seja, segundo ele, essa rejeição possuía permanências, porém trocava a antiga metrópole por lugares como Londres e Paris (MOREL, 2005, 212-213).

Como supracitado, em janeiro de 1851, a revista *O Guanabara*, com intermédio de Capanema, ofereceu um espaço em suas páginas para a publicação dos trabalhos produzidos pela Sociedade Velosiana⁴⁸. De certa forma, publicar na *O Guanabara* colidia com o projeto inicial de Freire Alemão de publicar os trabalhos da Velosiana em uma revista especializada nas Ciências Naturais. Porém, Alemão percebia as dificuldades de publicar algo destinado especificamente a essa área do conhecimento, ao mesmo tempo que tinha o publicar como um dos pilares para manter a Velosiana viva. No relatório anual apresentado em abril de 1853, Alemão justifica seu aceite da *O Guanabara*:

Senhores, não concebo existência duradoura em uma associação científica da natureza desta nossa, sem a publicação de seus trabalhos. E a divulgação destes que a pode tornar conhecida, e fazê-la conceituada na opinião do público; e que ao mesmo tempo será para os membros dela poderoso estímulo. Infelizmente é este objeto um dos grandes embaraços que esta Sociedade tem encontrado em sua marcha. Tendo se considerado impossível a manutenção de um periódico dedicado unicamente ao culto das Ciências Naturais, ainda tão pouco apreciadas em nossa terra, aceitamos algumas páginas, que nos foram, generosa e espontaneamente, oferecidas pelos redatores do — Guanabara — para a edição de nossos trabalhos. Com efeito assim se vai praticando, apesar de alguma outra dificuldade, como a da gravura das estampas, de que pela maior parte devem ser acompanhadas⁴⁹.

Quanto às estampas, ficaram ao encargo da oficina de litografia da Escola Militar, gravura por “graça do Governo Imperial”. Mesmo que não fossem feitas, segundo Alemão, com “prontidão” ou “perfeição artística”, desoneravam a Velosiana de algo tão custoso⁵⁰.

⁴⁸ Carta de Freire Alemão a Joaquim da Silva Maia. [S.l.], 13/01/1851. Divisão de Manuscritos/FBN I.28,01,025.

⁴⁹ ALEMÃO, Freire. Relatório. In: Trabalhos da Sociedade Velosiana. Biblioteca Guanabareense. Rio de Janeiro, 1855.

⁵⁰ Idem. Ibidem.

O ano de 1851 foi o mais frutífero da Sociedade Velosiana, dezessete foram as sessões, contaram com a participação efetiva da maioria de seus membros. Nesse ano novos integrantes juntaram-se à associação, no cargo de sócio efetivo, Candido Batista de Oliveira (1801-1865), e como correspondentes Armínio de Blumenau (1819-1899), residente de Santa Catarina, e Virgílio de Helmreichen zu Brunnfeld (1804-1852), geólogo austríaco que estava em viagem no Brasil⁵¹. O processo de se tornar um sócio efetivo era: apresentar por escrito uma requisição, acompanhada de um trabalho impresso ou manuscrito. Esse trabalho seria examinado por uma comissão composta dos membros da seção que o que o candidato participaria. Para decidir o aceite uma votação secreta por cédulas deveria ser realizada, necessitando de dois terços dos votos para a aprovação do mesmo⁵². Ou seja, os critérios de admissão da Velosiana deixam claros que o seu corpo de membros deveria ser composto por especialistas, “profissionais” em suas áreas, nomes capazes de contribuir para construção da ciência nacional.

Esse ano também foi palco de um novo projeto da SV, sendo criadas quatro novas comissões. A primeira era composta por Alemão, Vandeli, Burlamaqui e Descourtiz, e tinha como intuito criar um catálogo cronológico de todos os autores que escreveram sobre a História Natural do Brasil, junto com o “juízo” dessas obras. A segunda comissão teve como membros Silva Maia, Capanema e Malta, e propunha-se a escrever sobre as tentativas brasileiras de criar estabelecimentos científicos de História Natural, ou seja, associações, coleções, hortos e museus. Azeredo Coutinho, Melo e Alves Serrão compunham a terceira comissão, com o objetivo de escrever a biografia dos naturalistas brasileiros. A última delas, composta por Silva Maia e Serpa Brandão, tinha a meta de averiguar quais as plantas e animais foram introduzidas no Brasil após o descobrimento⁵³. Para Maria Margaret Lopes, a criação dessas novas seções representava que, para esses homens, as Ciências Naturais já eram um ramo de conhecimento instituído e havia uma “história para ser contada”. Seria essa uma forma de sistematizar e construir uma “tradição”, aos moldes do que o IHGB fez com a história oficial do Brasil (LOPES,2009, p. 132).

⁵¹ MALTA, Ignácio. Relatório Anual do Secretário: lido na primeira sessão de 1852. In: Trabalhos da Sociedade Vellosiana. Op.Cit.

⁵² Estatuto da Sociedade Vellosiana, 1850. Op. Cit

⁵³ MALTA, Ignácio. Relatório Anual do Secretário: lido na primeira sessão de 1852. Op.Cit.

O ano de 1851 também foi marcado pela leitura de diversas memórias, apresentadas nas sessões pelos sócios ao longo do ano. Francisco Freire Alemão apresentou nove⁵⁴, Burlamaqui foi responsável por sete⁵⁵, Silva Maia por mais sete⁵⁶. Houve também a doação, por parte dos membros, de algumas obras para a Velosiana, no intuito de futuramente ser constituída uma biblioteca própria da instituição.

Em 1852 ocorre uma mudança nos cargos da Sociedade Velosiana, o Senador do Império, Candido Batista de Oliveira, assume como Presidente, Freire Alemão se encarrega do posto de Secretário e Silva Maia de Tesoureiro-arquivista. Ademais, João Gomes da Silveira Caldeira (1800-1854) é nomeado como novo socio efetivo. Esse também é o ano em que a Velosiana começa a arrefecer, e o número de reuniões cai para apenas seis e ainda assim não estavam “concorridas”. Freire Alemão tenta justificar esse arrefecimento pelo fato de os homens da Sociedade serem ocupados e que as distâncias no Rio de Janeiro são impeditivas, sendo assim achar um dia e horário que possibilitasse uma convergência de agenda dos membros algo muito difícil⁵⁷.

Um fato marcou bastante a Velosiana no ano de 1852, o falecimento de Antônio Correia de Lacerda, Médico e Botânico sócio correspondente da Sociedade. Lacerda, em testamento, deixou sua biblioteca pessoal para a Sociedade Velosiana⁵⁸. Por conta de o falecido residir no Maranhão, o transporte desses livros para o Rio de Janeiro foi um embolho. O fator financeiro sempre foi um problema e motivo de rugas para a

⁵⁴Freire Alemão apresentou as seguintes memórias: Da *Sibipira* que constitui o novo género *Ferreirea*.; Da fisiologia do embrião da *Jatropha Curcas*.; Das arvores florestais do Brasil; De um novo *vaginulus* que denominou *Vaginulus reclusus*; Do chamado *Óleo vermelho* que denominou *Myrospermum erythroijlum*; Da estrutura e usos de alguns pelos, e órgãos análogos das plantas; Dos *Oitys* e das *Sapucaias*; dos nevoeiros secos; De alguns nomes brasis que figuram na linguagem trivial, entra em investigações etimológicas.

⁵⁵ Frederico Leopoldo Burlamaqui apresentou as seguintes memórias: Da história natural da *Boa*, sua anatomia, costumes, e das tradições acerca dela existentes; Da história natural da Águia da Guiana; Dos nevoeiros secos; De uma porção de grafito achada na chácara do Exm. Snr. senador Cassiano; Da *Turba* achada no canal de Macaé; Do *Molybdato plumbico* do Ceará; Do *Amphibolio e Amiantho* que formam o jazigo das galenas dessa província.

⁵⁶ Emílio Joaquim da Silva Maia apresentou as seguintes memórias: Da Geografia Zoológica; Dos Beija-flores em geral; De descrever pela primeira vez os usos e costumes da *Ornismya simplex*, Less. e da *Ornismya alboguhiris*, Less; De descrever os usos e costumes das espécies *Ornismya albi ventris*, Less. *Ornismya glaucopis*, L. e *Ornismya rubinea*, L.; De descrever as novas espécies ainda não conhecidas na ciência por ele denominadas *Ornismya Vandellii*, e *Ornismya Ludovicii*; De uma ponta óssea existente no Museu Nacional, achada no costado de um navio, e da determinação do peixe a que pertence, etc.; de diversos objetos, a saber: de uma nova espécie de pássaro brasileiro que anda por debaixo d'água por ele chamada *tamnophilus aquaticus*.

⁵⁷ ALEMÃO, Freire. Relatório. In: In: Trabalhos da Sociedade Vellosiana. Op. Cit.

⁵⁸ Idem. Ibidem.

Velosiana, nesse momento não foi diferente, ao ponto de constranger Freire Alemão, que pediu auxílio do Governo Imperial nessa questão dos livros de Lacerda, mas não foi atendido⁵⁹.

Do relatório publicado em 1853 – referente ao ano anterior –, em diante, a força da sociedade só diminuiu. Diversos embates entre os membros aprofundaram a crise da SV. Por uma querela a respeito de introdução histórica de uma memória, a Sociedade perdeu um de seus mais importantes membros, Guilherme de Capanema. Para Freire Alemão, Capanema não apenas saiu da associação, como também começou a tramar contra ela, criando pra si uma própria sociedade científica com intuito de esvaziar a Velosiana. Alemão foi convidado para essa sociedade, — que mais tarde tomaria forma como a Sociedade Palestra Científica⁶⁰—aceitando o convite para, segundo ele, não “precipitar a dissolução da desvalida Velosiana”⁶¹. Em 1855, os próprios membros já questionavam se a Velosiana “ainda não morreu”⁶².

A questão financeira foi um fantasma que sempre acompanhou a Sociedade Velosiana. O Artigo 32º do estatuto instituía que os sócios efetivos deveriam pagar uma cota mensal de 500 reis⁶³. Mesmo não sendo uma quantia grande, foi motivo de diversas discussões, ao ponto de ser dito que o Brasil “é o único país onde se dá dinheiro para se trabalhar”. Em outra dessas discussões, até a necessidade da existência dos cargos de tesoureiro e secretário também foi questionada, assim como os frutos dos trabalhos da Velosiana, que segundo o sócio insatisfeito a Sociedade só servia para se pedir “dinheiro e mais dinheiro”. Além disso, chegou ao ouvido de Freire Alemão que corriam conversas de que o mesmo só havia criado a Velosiana para publicar seus trabalhos as custas dela⁶⁴.

2.2 A Tentativa de incorporação ao IHGB

⁵⁹ ALEMÃO, Francisco Freire. Discurso pronunciado na Sociedade Vellosiana por Francisco Freire Allemão. Op. Cit.

⁶⁰ A Sociedade Palestra Científica foi inaugurada oficialmente em 1856 e voltou sua produção para as Ciências Físicas e Matemáticas.

⁶¹ ALEMÃO, Francisco Freire. Discurso pronunciado na Sociedade Vellosiana por Francisco Freire Allemão. Op. Cit

⁶² Idem. Ibidem.

⁶³ Para viés de comparação, a assinatura da *O Guanabara* custava 5\$000 por semestre.

⁶⁴ Idem. Ibidem.

Durante a sessão do dia 8 de abril de 1853, do Instituto de Histórico e Geográfico do Brasil, com a presença do Imperador D. Pedro II e presidida por Araújo Viana, além dos membros participantes Joaquim Manoel de Macedo, Gonçalves Dias, Porto Alegre, Claudio Luiz da Costa, Ferreira Lagos, Perdigão Malheiros, Guilherme Capanema, Silva Maia e Paula Menezes, foram apresentadas duas propostas. A primeira, feita por Capanema solicitava informações aos presidentes das províncias do Ceará, Pernambuco, Mato-Grosso e Rio Grande do Sul sobre terremotos ocorridos nessas províncias. A segunda delas, também de Guilherme de Capanema, lembrava a já aprovada de Silva Pontes, que propôs ao IHGB a criação de um museu para “servir de prova do estado de civilização, indústria, usos e costumes dos povos indígenas do Brasil”, e propõe que a Sociedade Velosiana assumira essa tarefa sob os “auspícios” do Instituto. Joaquim da Silva Maia sugere a criação de uma comissão para amadurecer a ideia de Capanema. Como parte do debate, Porto Alegre concordava com as propostas e considerava que a Velosiana deveria pertencer a uma seção do IHGB. Os membros presentes votaram e aprovaram a proposta de Capanema⁶⁵.

Dois meses depois, na sessão do dia 17 de junho a comissão de estatutos do IHGB, formada por Thomaz Gomes dos Santos, José Ribeiro de Fontes e Antônio Alvares Pereira Coruja, manda a mesa o seguinte parecer:

À comissão d'estatutos tendo tomado na devida consideração a proposta do Sr. Dr. Capanema sobre a junção da sociedade Velosiana no Instituto Histórico, julgou-a de summa vantagem tanto para uma como para a outra sociedade.

O estudo das línguas indígenas, que pelos estatutos da sociedade Velosiana lhe é especialmente recomendado, tem íntima conexão com o da geografia e história pátrias; afinidades do mesmo gênero, ainda que em grão mais remoto, se reconhecem entre os estudos privativos do Instituto e os da história natural do Brasil: tendo assim os objetos das duas sociedades tantas relações entre si, muito proveitosa seria sua cultura, si para ella concorressem ambas mas estreitamente unidas, do que até agora tem estado. A estas considerações acresce outra, o que dá à comissão grande importância: acredita a comissão, que quando os

⁶⁵ Revista do IHGB. Rio de Janeiro. T. 17, nº 13, 1854. p. 79-80

fundadores do Instituto criaram a nossa sociedade, lançaram os fundamentos d'uma associação, que com o correr dos tempos terá de representar as letras e ciências nacionais, assim como o Instituto de França o faz nesse país. Nos começos da Instituição não era de certo prudente alargar a sua esfera; tínhamos poucas forças, convinha concentra-las: hoje porém que o Instituto se acha consolidado, e que outras aptidões científicas se vão desenvolvendo, cumpre dar-lhe apoio e consistência, aproximando-as de nós⁶⁶.

Com intuito de oficializar a convergência das sociedades, é redigido por Freire Alemão um ofício com a proposta. Na sessão do dia 23 de setembro, a comissão de estatutos aprova esse ofício e solicita a marcação de uma sessão conjunta entre ambas as sociedades para que possam ser determinados os termos dessa junção, assim a Sociedade Velosiana formaria uma seção do IHGB⁶⁷. Apesar dessas aprovações, essa união nunca saiu do papel, segundo Alemão, foram apresentadas tantas dificuldades que acabaram fazendo a Velosiana “desistir do empenho”⁶⁸. Essa proposta de absorção tem um caráter ambíguo. Ao mesmo tempo que podia significar um maior financiamento e visibilidade para a Velosiana, podia eclipsar sua autonomia ao ser apenas um braço do Instituto. O fato de Capanema a propor é o que deixa mais passível de questionamentos. Capanema saiu da SV após um desentendimento, e Freire Alemão acreditava que o mesmo tinha intenções de “tramar” para acabar com a Velosiana⁶⁹.

Nos anos que seguiram, alguns afazeres desviaram as atenções de Francisco Freire Alemão do projeto da Velosiana. Um deles foi sua participação na Expedição Científica de Exploração (1859-1861). Assim como fez sobre a criação da SV, Freire Alemão anunciou sua participação na CCE para o botânico bávaro Von Martius escrevendo:

Como já disse a Vossa Senhoria jubilei-me na Escola de Medicina, e tratava de estabelecer-me fora da cidade; e agora de novo sou chamado a reger a cadeira de botânica da Escola Central Militar do Rio de Janeiro; não me valeram as escusas: tudo isto tem causado tais transtornos na minha vida que nada tenho podido fazer: assim pouco

⁶⁶ Idem. Ibidem., p. 88-89

⁶⁷ Idem. Ibidem., p. 100

⁶⁸ ALEMÃO, Francisco Freire. Discurso pronunciado na Sociedade Vellosiana por Francisco Freire Allemão. Op.Cit.

⁶⁹ Idem. Ibidem.

tenho colhido, pouco tenho trabalhado, e até a nossa Velosiana se tem ressentido disso. Ora é por não ter coisa importante a lhe comunicar, e a enviar que me tenho absterido de escrever-lhe mais a miúdo. Agora estava cuidando em ajuntar alguma coisa para lhe mandar por estar em véspera de uma grande viagem, quando recebi as suas duas, e muito estimáveis cartas. A viagem de que trato é de uma expedição científica que o governo manda a explorar algumas das províncias do Brasil. Sobre o resultado dessa expedição nada quero adiantar, é antes uma expedição de aprendizado, e de experiência para habilitar alguns moços a trabalhos ulteriores, e talvez mais importantes. São estes os desejos do Imperador e de todo o brasileiro. Parece que a primeira província a explorar-se será o Ceará. Espero e confio em Deus que voltaremos, e que Vossa Senhoria será logo informado do que se fizer bom ou mau, grande ou pequeno⁷⁰.

A Expedição Científica de Exploração foi composta por Francisco Freire Alemão, Guilherme Schüch Capanema, Antônio Gonçalves Dias, Manuel Ferreira Lagos, Giacomo Raja Gabaglia e José dos Reis Carvalho, criada no contexto de conhecer melhor o território do país, assim como suas riquezas em potencial. Foi financiada pelo IHGB e adquiriu contornos polêmicos, principalmente pelas “incursões sexuais” de seus participantes. A Comissão foi apelidada, pejorativamente, de Comissão das Borboletas e teve seu êxito muito questionado. Apesar disso, Lorelai Kury enfatiza a complexidade de determinar o êxito desse tipo de incursão e que “a avaliação do desempenho científico da Comissão não deve ser confundida com sua importância” (KURY, 2001, p.35).

Após o fim da Expedição, em carta redigida para Carl Friedrich Philipp von Martius, em janeiro de 1863, Freire Alemão volta a falar sobre pausa nas atividades da Velosiana por conta da Comissão Científica:

A Sociedade Velosiana tem estado em ócio pela nossa ausência durante os trabalhos da Comissão; e agora porque alguns de seus

⁷⁰ Carta de Freire Alemão a Carl Friedrich Philipp von Martius. Rio de Janeiro, 1849. Divisão de Manuscritos/FBN .13,02,015 n.016.

membros têm falecido, e outros se acham ausentes. É necessário reavivá-la chamando para seu grêmio mais trabalhadores⁷¹.

De fato, essa tentativa de reavivar a Velosiana foi feita em 1872, novos membros foram recrutados, pois muitos dos sócios presentes na fundação já estavam mortos. Entre esses novos nomes estavam Ladislau de Souza Mello Netto (1838-1894), Benjamin Franklin Ramiz Galvão (1846-1938), André Pinto Rebouças (1838-1898), João Joaquim Pizarro (1842-1906), Agostinho José de Souza Lima (1842-1921) e Joaquim Monteiro Caminhoá (1836-1896)⁷². Esse reavivamento da década de 1870 da Velosiana foi responsável por produzir o *Dicionário de Botânica Brasileira*, publicado em 1873, texto baseado nos manuscritos deixados por Manuel Arruda da Câmara (1752-1810) e preparados pelo farmacêutico Joaquim de Almeida Pinto (?-1870). Porém, no ano seguinte Freire Alemão falece, e junto dele a Sociedade Velosiana.

2.3 Os membros da Sociedade Velosiana

Segundo Jean-François Sirinelli, até meados da década de 1970 a história dos “intelectuais” estava em um “ângulo morto”, ou seja, em um local fora do campo de visão da historiografia (SIRINELLI,2003, p.232). Nas duas primeiras décadas do século XXI esse cenário não é mais o mesmo, no campo da História das Ciências, obras que dissertam sobre a trajetória pessoal e acadêmica de “intelectuais” encontraram terreno fértil (MARQUES.; FILGUEIRAS, 2009; MORAIS, 2005; GARCIA,2007; FIGUEIRÔA, 2005; VARELA, 2001). Investigar a trajetórias desses personagens vai além de uma curiosidade biográfica, de acordo com Edward Thompson, a conjuntura histórica é algo que influencia a produção e no pensamento político dos letrados, logo estudar suas produções e atuações é também estudar a dinâmica social da qual esse personagem estava inserido (THOMPSON, 2002, p. 24-25). Ao mesmo tempo em que a ciência deve ser vista a partir de uma construção coletiva, Edward Said destaca que devem ser observadas também as individualidades, pois o “intelectual é aquele que exerce um papel público na

⁷¹ Carta de Freire Allemão a Carl Friedrich Philipp von Martius. Rio de Janeiro, 1863. 13,02,015 n.034.

⁷² Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Verbete Sociedade Velosiana de Ciências Naturais.

sociedade e no lugar onde viveu, não podendo, assim, ser reduzido a um profissional sem rosto ou apenas um membro de sua classe” (SAID,2005, p.25).

Tendo isso em vista, o objetivo dessa parte do texto é traçar as características dos membros da Sociedade Velosiana⁷³, a metodologia selecionada para isso foi a prosopografia. Segundo Laurence Stone, a prosopografia pode ser definida nas seguintes palavras:

A prosopografia é a investigação das características comuns do passado de um grupo de atores na história através do estudo coletivo de suas vidas. O método empregado é o de estabelecer o universo a ser estudado e formular um conjunto uniforme de questões – sobre nascimento e morte, casamento e família, origens sociais e posições econômicas herdadas, lugar de residência, educação, tamanho e origens das fortunas pessoais, ocupação, religião, experiência profissional etc. (STONE, 2011, p.115)

Os dados e “características comuns”, a serem buscadas nos membros da Velosiana, serão as seguintes: local de nascimento, área de formação, atuação profissional e vínculos institucionais. Primeiro serão apresentadas breves biografias sobre os sócios efetivos, posteriormente, será versado sobre os sócios correspondentes. Em seguida, alguns aspectos serão destacados através de gráficos e tabelas, com o intuito de facilitar a visualização panorâmica desses dados.

O idealizador da Sociedade Velosiana, Francisco Freire Alemão de Cisneiros, nasceu na Freguesia de Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande, atual zona oeste do Rio de Janeiro, em 24 de julho de 1797. Freire Alemão, diferente de boa parte dos intelectuais de sua época, vinha das classes baixas, era filho dos lavradores João Freire Alemão e Feliciano Angelica do Espírito Santo, ambos nascidos no Rio de Janeiro. Sua educação formal foi graças ao apadrinhamento de Padre Antônio do Coito da Fonseca, senhor do Engenho do Mendanha. Em 1810 morre o Padre Antônio do Coito, fazendo Freire Alemão voltar para casa de seus pais. Porém, sua relação de apadrinhamento pelo

⁷³ Será levado em consideração os membros que participaram da Velosiana entre os anos de 1850 e 1855.

clero não teve fim, no ano de 1817, Padre Luiz Pereira Duarte prometeu fazer de Alemão sacristão da Freguesia, ensinando-o latim com o intuito de ordená-lo⁷⁴.

Apesar disso, Freire Alemão opta por não seguir o sacerdócio e em 1828 embarca com uma passagem gratuita em um navio de guerra para a França, onde cursou Medicina. Em 1831, com sua tese *Dissertation sur le goître*, sobre a papeira, diploma-se doutor pela Escola de Medicina de Paris. Seus recursos financeiros durante a estadia na França eram muito limitados, por vezes precisava da ajuda financeira de amigos para honrar suas matrículas (DAMASCENO; CUNHA, 1961)

Ao retornar para o Brasil, Freire Alemão foi professor de Botânica e Zoologia na Escola de Medicina do Rio de Janeiro, Médico da Imperial Câmara e Deputado Provincial em 1833. Participou de diversas sociedades científicas, como a Academia Imperial de Medicina, o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, Sociedade Filomática Fluminense, Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, Institut Historique de France, Accademia delle Scienze, Accademia Pontaniana, entre muitas outras (PAIVA, 2005, p. 36-37).

Alexandre Antônio Vandeli, foi um naturalista português que em 1834 vem para o Brasil e é naturalizado brasileiro. Seu pai foi o químico e naturalista italiano Domingos Vandeli foi para Portugal a convite de Pombal e ocupou o cargo de professor da Universidade de Coimbra e atuou na Academia Real das Ciências de Lisboa. Outra relação importante de Alexandre Vandeli era com José Bonifácio, do qual foi assistente — no Laboratório Químico da Casa da Moeda de Lisboa e Intendência Real das Minas e Metais do Reino — e genro. De 1839 até 1862, Vandeli foi professor de Botânica e Princípios de Ciências Naturais de D. Pedro II e outros membros da família real. Além da Velosiana, Vandelli foi membro da Academia Real de Ciências de Lisboa. Ao longo da vida, o autor publicou obras de temas variados, como Mineralogia, Zoologia e Agricultura, Química (MARQUES; FILGUEIRAS, 2009).

Antônio Manoel de Melo, filho do marechal de campo Antônio Manoel de Mello Castro Mendonça, foi um militar e doutor em Matemática e Ciências Físicas, formado na

⁷⁴ FREIRE, ALLEMÃO, Francisco. Notícia sobre minha vida (autobiografia). Rio de Janeiro, fevereiro de 1874. Divisão de Manuscritos/Biblioteca Nacional.

Academia Militar do Rio de Janeiro no ano de 1846. Ingressou no exército como cadete no ano de 1813 e chegou na patente de brigadeiro em 1861. Foi também Ministro de Guerra, de 1847 até 1848 e de 1863 até 1864 e morreu na Guerra do Paraguai em 1866. Como homem de ciências, exerceu o cargo de professor na Academia militar, foi vice-diretor da Fábrica de Pólvora de Ipanema, diretor do laboratório astronômico. Lecionou astronomia para as duas filhas do Imperador. Foi membro do Conselho do Imperador, sócio do IHGB e da Sociedade Palestra Científica. Na política foi Deputado Geral e Ministro (BLAKE, 1883., p. 252).

Sobre Bernardo José de Serpa Brandão, não foram encontrados dados bibliográficos, exceto que o mesmo foi diretor do Jardim Botânico, entre os anos de 1829 e 1851 e Deputado Federal por Pernambuco de 1826 até 1829⁷⁵.

Cândido Batista de Oliveira, nascido no Rio Grande do Sul e enviado ainda jovem para o Rio de Janeiro para estudar no seminário de São José, onde cursou humanidades, em seguida foi para Portugal, cursar em Matemática e Filosofia pela Universidade de Coimbra. Após formar-se, em 1824, seguiu para França, onde frequentou a Escola Politécnica. Voltou ao Brasil em 1827, já como lente substituto da Academia Militar. Na política, ocupou tanto o cargo de deputado quanto de senador, exerceu o papel de diplomata em uma missão à São Petersburgo, ocupou o cargo de ministro da fazenda e ministro da marinha. Além disso, dirigiu o Jardim Botânico e o Banco do Brasil. Nas letras, escreveu sobre Matemática, Economia, Geografia, Mineralogia e sobre a escravidão (Idem., 1893, p.24.)

Cândido de Azeredo Coutinho, licenciado em Matemática, atuou como lente de Química na Escola Militar, provedor da casa da moeda e conselheiro do Imperador. Além da Velosiana, foi sócio efetivo do IHGB e da SAIN e contribuiu para revistas como a *Nitheroy* e *Minerva Brasiliense*, com trabalhos nas áreas da Astronomia, Física, Meteorologia e Economia (Idem. Ibidem., p.23).

Custódio Alves Serrão (1799-18730), Carmelita aos 15 anos, por influências dos pais, foi para Portugal cursar o ensino superior, mas recusou-se a cursar Teologia, formou-se então Bacharel em Ciências Naturais pela Universidade de Coimbra no ano de 1823(Idem. Ibidem., p.143). Serrão foi o terceiro diretor do Museu Nacional, ocupando

⁷⁵ BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. Centro de Documentação e Informação. Nominata de deputados brasileiros. 1823. [Brasília], s.d.

o cargo entre os anos de 1828 e 1847. Foi um personagem importante no “enriquecimento” do acervo do Museu, e "incentivou a formação de um acervo voltado para produtos nacionais". Foi também professor de Zoologia, Botânica e Mineralogia na Academia Militar do Rio de Janeiro (FERNANDES; HENRIQUES, 2013). Serrão foi responsável por presidir a sessão da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional em que foi proposta a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. As primeiras sessões do IHGB ocorreram no Museu Nacional durante sua gestão como diretor (LOPES, 2009, p. 74).

Emílio Joaquim da Silva Maia, nascido na Bahia em agosto de 1808, graduou-se bacharel em Filosofia na Universidade de Coimbra e Doutor em Medicina pela Universidade de Paris. Atuou como professor de História Natural do Imperial Colégio Pedro II entre 1838 e 1859 e diretor da seção de Anatomia Comparada e Zoologia do Museu Nacional. Além de sócio fundador da Velosiana, Silva Maia atuou em diversas sociedades, como o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, Academia Imperial de Medicina, Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, Instituto Literário da Bahia, Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, Sociedade de Ciências Naturais da França e Sociedade dos Antiquários do Norte (GARCIA, 2007) Além disso, foi vereador pelo Rio de Janeiro.

Frederico Leopoldo Cesar Burlamaqui, nascido em 1803, filho de Carlos César Burlamaqui, Presidente da Província de Sergipe. foi uma militar e doutor em Ciências Matemáticas e Naturais pela Academia. Frederico Burlamaqui formou-se na Academia Militar do Rio de Janeiro, instituição da qual também foi lente. Como militar, começou como praça no corpo de engenheiros e subiu de patente até brigadeiro, patente que se reformou (LOPES, 2009. p. 93-94). Entre as instituições que foi sócio estava o IHGB, a SAIN, Academia de Belas Artes e o Instituto Fluminense de Agricultura. Entre os anos de 1861 e 1862 atuou como diretor do Jardim Botânico e dirigiu o Museu Nacional entre os anos de 1847 e 1866.

Guilherme Schüch, barão de Capanema, nascido em Minas Gerais e filho de Roque Shuch Capanema⁷⁶. Guilherme Capanema formou-se engenheiro pela Escola Politécnica de Viena, no ano de 1846, e Doutor em Ciências Físicas Matemáticas pela Academia

⁷⁶ Professor do Museu Imperial de Viena, veio ao Brasil acompanhando a Imperatriz Leopoldina assumindo o cargo de bibliotecário da Casa Imperial.

Militar do Rio de Janeiro, em 1849. Lecionou Física e Mineralogia na Escola Militar e foi professor honorário da Academia de Belas Artes. Idealizador da Sociedade Palestra Científica, participou também do IHGB, Instituto Fluminense de Agricultura, Sociedade de Estatística do Brasil (FIGUEIRÔA, 2005)

Ignácio José Malta, falecido no ano de 1865, atuou como farmacêutico e foi dono de uma botica no Engenho Velho. Quanto sua atuação em sociedades científicas, além da Velosina, sócio fundador da Sociedade Farmacêutica do Rio de Janeiro, sócio da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional e da Sociedade Amante da Instrução. (BLAKE, 1895, p.275).

João Gomes da Silveira Caldeira, nascido no Rio de Janeiro no ano de 1800 e falecido em julho de 1854. Caldeira foi Doutor em Medicina pela Faculdade de Edimburgo, lente de Química na Escola Militar, diretor do Museu Nacional, entre 1823 e 1827, e provedor da Casa da Moeda. Segundo Maria Margaret, “foi considerado excelente químico” e atuou como preparador para o químico, farmacêutico e professor do *Jardin de Plantes*, Louis Nicolas Vauquelin (1763-1829) (LOPES,2009. p. 51)

Ludwig Riedel, botânico alemão, fez parte do Exército Prussiano entre 1813 e 1816, veio para o Brasil em 1821 e participou da expedição de Langsdorff entre os anos de 1824 e 1828 (OSSENBACH,2018). Ocupou o cargo diretor da seção de Botânica, Agricultura e Artes Mecânicas do Museu Nacional em 1842, Diretor dos Jardins da Casa Imperial em 1842 e do Passeio Público em 1843, além de diretor interino do Museu Nacional em 1844 (PAIVA,2005, p. 42-43).

Jean Theodore Descourtilz, artista e médico francês, chegou ao Brasil no ano de 1830 por convite de D. Pedro II. Foi naturalista viajante do Museu Nacional e produziu trabalhos sobre a fauna brasileira, como: *Oiseaux brillants et remarquables du Brésil* (1834); *Beija-flores do Brasil* (1835); *História Natural das Aves do Brasil notáveis por sua plumagem, canto e hábitos* (1852). Em fevereiro de 1855, Descourtilz morre no Espírito Santo, envenenado por arsênio utilizado por ele no trabalho de taxidermia (HINGST-ZAHER; MOREIRA-LIMA;STRAUBE, 2018).

Antônio Correia Lacerda (1777-1852), português, veio para o Brasil em 1818, formou-se Bacharel em Medicina pela Universidade de Coimbra. Profissionalmente, atuou como cirurgião do exército português e quando veio para o Brasil assumiu o cargo de Físico-mor. Por conflitos políticos no Pará, resultado do pós-independência, Lacerda

emigrou para os Estados Unidos, retornando ao Brasil entre 1836 e 1837, estabelecendo residência no Maranhão, dedicou-se a clinicar e ao estudo das ciências naturais. Além de sócio correspondente da Velosiana, Antônio Lacerda foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (BLAKE,1883, p.140)

Armínio de Blumenau, do original Hermann Blumenau, nasceu na cidade de Hasselfelde, Alemanha, em 1819. Doutorou-se em Química pela Universidade de Erlangen, veio para o sul do Brasil em 1846 após ser influenciado pelos naturalistas que teve contato quando trabalhava como farmacêutico na cidade de Erfurt, Alexander von Humboldt (1769-1859), Johann Friedrich Theodor Müller (1822-1897) e Karl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868). Blumenau pretendia atuar como químico ou farmacêutico no Rio de Janeiro, mas foi para o sul do país e atuou no processo de colonização do interior de Santa Catarina, (NICOCELI, 2014, p. 28-29).

Augusto Leverger, o Barão de Melgaço, nasceu na França e veio para o Brasil ainda jovem, serviu à Armada Imperial desde o período da independência e seguiu até o posto de chefe de esquadra, no qual se reformou em 1857. O destaque da produção de Leverger são seus inúmeros trabalhos de Hidrografia⁷⁷, em um deles o autor foi responsável pelo primeiro mapeamento geográfico do rio Paraguai. Exerceu o cargo de Presidente do Mato Grosso e foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiros, (CORRÊA,1994).

Carlos Engler, do original Karl von Engler, nascido em Viena, veio para o Brasil em 1821. Formou-se em Engenharia pela Universidade de Viena, mas dedicou seus estudos para a Botânica e a Medicina. Trabalhou no Viveiro da Lagoa Rodrigo de Freitas, depois seguiu para Itu, onde foi Engenheiro Auxiliar de Minas em uma fábrica de ferro (PAIVA, 2005, p.45).

Henrique de Beaurepaire Rohan, visconde de Beaurepaire, Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas, teve destaque em sua carreira militar, servindo ao corpo de engenheiros a partir de 1837. Ocupou os cargos de Presidente do Pará em 1856 e da Paraíba em 1857, comandante de armas de Pernambuco e ministro do Supremo Tribunal Militar. Além de sócio correspondente da Velosiana, foi sócio do IHGB, Instituto Fluminense de Agricultura e da Sociedade Brasileira de Aclimação. Produziu uma

⁷⁷ Campo destinado ao estudo e mapeamento de corpos hídricos.

bibliografia extensa ao longo da vida, com textos nas áreas de História, Agricultura, Política, Linguística, Geografia, entre outras (BLAKE, 1895, p. 213). Contribuiu para a supracitada revista *O Guanabara*, com um texto que versa sobre a “conquista, catequese e civilização dos selvagens do Brasil”.⁷⁸

João José Saldanha Marinho, foram encontradas poucas informações sobre o personagem, porém Marinho foi o primeiro diretor do Colégio dos Educandos Artífices do Ceará, assumiu o cargo em 1856 e pediu aposentadoria do mesmo em 1859 (LIMA,2007).

Johannes Theodor Reinhardt, dinamarquês que em 1834 iniciou o curso de Medicina na Universidade de Copenhague, mas abandonou o curso e se dedicou ao estudo da Zoologia. Participou da expedição científica da corveta *Galathea*, entre os anos de 1845 e 1847, ao final da mesma, desembarcou no Rio de Janeiro no intuito de visitar o também dinamarquês Peter Wilhelm Lund (1801-1880), em Lagoa Santa, Minas Gerais. Além de visitar seu conterrâneo, Reinhardt realizou extensa coleta de insetos em sua estadia no Brasil. Ao retornar para seu país, assumiu o cargo de curador do Real Museu de História Natural, em Copenhague. Exerceu o cargo de professor de Zoologia no Instituto Politécnico entre 1856 e 1878, e professor titular da Universidade de Copenhague a partir de 1861. Além do vínculo com o Real Museu e a Velosiana, Reinhardt foi membro da Academia de Ciências da Dinamarca (PAIVA, 2005, p.46-47).

José Agostinho Vieira de Matos, Doutor em Medicina pela Faculdade de Paris, responsável por introduzir medicamentos indígenas, como a sucupira branca e o mulungu, na prática clínica. Foi também responsável pela descoberta de um análogo a quinina, apelidada de “vieirina”. Matos foi sócio do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (BLAKE,1898 p.269). Além disso, Vieira Matos foi deputado por Minas Gerais (OLIVEIRA, 2022).

José Joaquim de Moraes Sarmiento, português naturalizado brasileiro, Doutor em Medicina pela Faculdade de Paris. Fundador da Sociedade de Medicina Pernambucana, diretor benemérito do Gabinete Português de Leitura, membro correspondente da

⁷⁸ ROHAN, Henrique de Beaurepaire. Considerações acerca da conquista, catequese e civilização dos selvagens do Brasil. Revista Guanabara, Rio de Janeiro, Tipografia de Paula Brito, Tomo II, 1853, p. 191.

Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa e sócio da Sociedade Lineana de Bordéus. Possui escritos sobre Meteorologia, História da Medicina e estudos biográficos (Idem. Ibidem., p. 489-490).

Manoel Lourenço de Souza, poucas informações foram encontradas sobre o personagem, exceto que estudou Mineralogia em Freiberg, na Alemanha⁷⁹, e participou de uma exploração de minas metálicas próximo ao Rio Moju, Vigia e Curuçá, no Pará⁸⁰.

Manoel Maurício Rebouças, Bacharel em Letras, Bacharel em Ciências e Doutor em Medicina. Foi professor da Faculdade de Medicina e professor de Botânica e Zoologia da Escola da Bahia. Membro do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, escreveu principalmente sobre Educação e Medicina (BLAKE., 1900, p. 161-162).

Theodore Johannes Heinrich Langgaard, nascido na Dinamarca e naturalizado brasileiro, Langgaard formou-se em Medicina nas Universidades de Copenhague e de Kiel. Migrou para o Brasil no ano de 1842, residiu na cidade de Campinas até 1870, quando foi morar Rio de Janeiro. Em 1846 defendeu uma tese na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro para validar seu diploma. Theodore Langgaard dedicou-se a clínica médica e a escreveu majoritariamente sobre Medicina (GUIMARÃES,2003, p.41).

Virgílio de Helmreichen, do original Virgil von Helmreichen Zu Brunnfeld, nasceu na Áustria, realizou seus estudos no Colégio de Minas de Schemnitz, veio para o Brasil no ano de 1836 para trabalhar como engenheiro de minas na British Mining Co.⁸¹. Além da Velosiana, foi sócio honorário do IHGB (PAIVA,2005, p.49).

Como foi destacado por Silvia Figueirôa, a presença dos membros da Sociedade em outros espaços institucionais da época, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Jardim Botânico, Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, Museu Nacional e Escola Militar era pujante (FIGUEIRÔA, 1997, p. 88). Deles, o IHGB é o mais recorrente, o que é compreensível, vide seu tamanho e financiamento comparado as outras instituições do período. Abaixo segue a ilustração da participação desses homens de ciência nesses coletivos:

⁷⁹ Treze de Maio, Pará, 16 de maio de 1846. p.2.

⁸⁰ O Mercantil, Minas Gerais, 9 de outubro de 1847.p.2

Tabela 1- Presença dos sócios efetivos em sociedades brasileiras

Sócios efetivos	AIM	AM	IHGB	JBRJ	MN	SAI N
Alexandre Antônio Vandeli						
Antônio Manoel de Mello		x	x			
Bernardo Serpa Brandão				x		
Candido Batista de Oliveira		x	x	x		
Candido de Azeredo Coutinho		x	x			x
Custódio Alves Serrão			x		x	x
Emílio Joaquim da Silva Maia	x		x		x	x
Francisco Freire Alemão	x		x			x
Frederico Leopoldo Burlamaque					x	x
Guilherme Capanema			x			
Ignácio José Malta						x
João da Silveira Caldeira		x			x	
Ludwig Riedel			x			
Theodoro Descotilz					x	

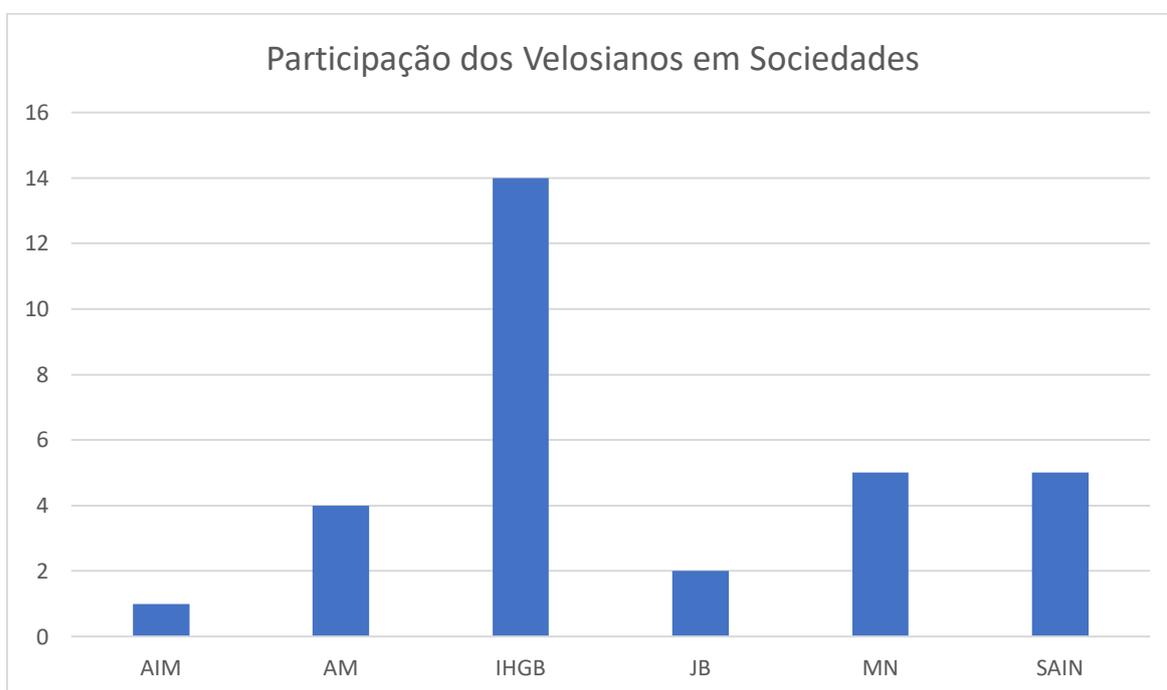
AIM- Academia Imperial de Medicina AM- Academia Militar IHGB- Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. JBRJ- Jardim Botânico do Rio de Janeiro MN- Museu Nacional. SAIN- Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional.

Tabela 2- Presença dos sócios correspondente em sociedades brasileiras

Sócios correspondentes	AIM	AM	IHGB	JBRJ	MN	SAIN
Antônio Correia Lacerda			x			
Arminio de Blumenau						
Augusto Leverger			x			
Carlos Engler						
Henrique de Beaurepaire Rohan			x			
João José Saldanha Marinho						
Joaquim de Moraes Sarmiento						
Johannes Theodor Reinhardt						

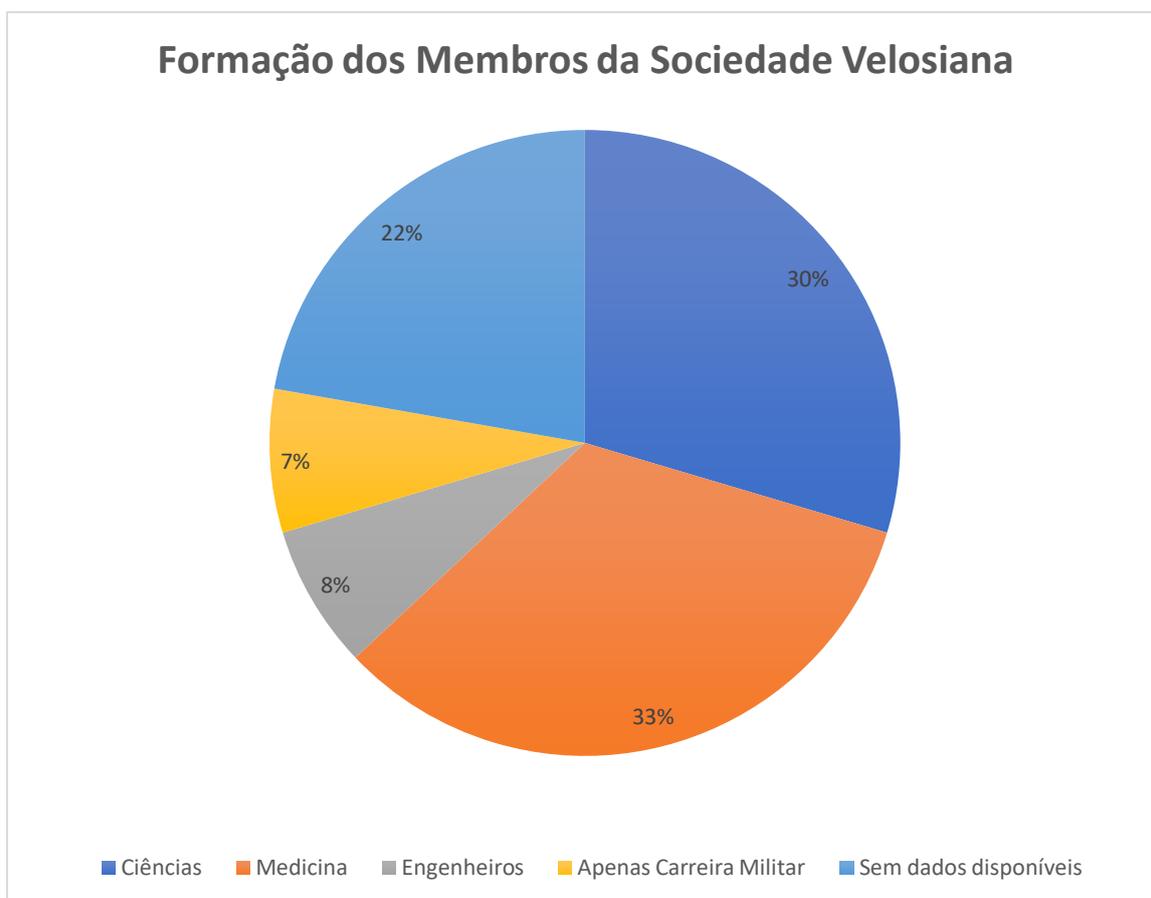
José Agostinho Vieira de Matos			x			
Manoel Lourenço de Souza						
Manoel Maurício Rebouças			x			
Theodore J. Heinrich Langgaard						
Virgil von Helmreichen Zu Brunnfeld			x			

Gráfico 1-Participação geral dos membros em sociedades brasileiras



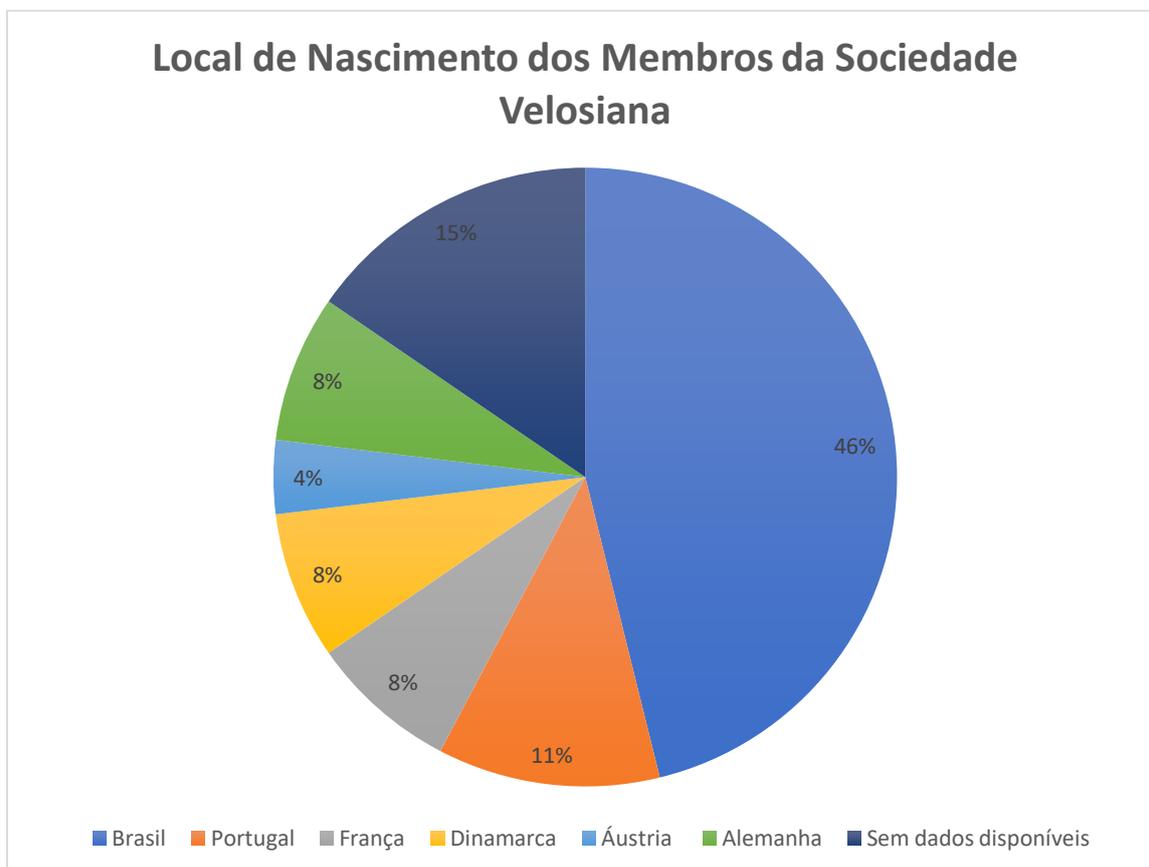
Outro parâmetro observado ao traçar a breve biografia dos sócios foi a formação de cada um deles. A formação predominante dos vinte e sete membros da Velosiana foi a Medicina, em seguida as Ciências —aqui considerando tanto as Físicas e Matemáticas, quanto as Ciências Naturais—, seguidas da Engenharia e de dois nomes que apenas seguiram carreira militar.

Gráfico 2-Formação dos membros da Sociedade Velosiana



Quanto o local de nascimento, nove dos sócios efetivos nasceram no Brasil, dois não possuem dados bibliográficos suficientes para determinar, um nasceu em Portugal, um na França e um na Alemanha. Entre os sócios correspondentes a lógica é invertida, sendo sua maioria de nascidos na Europa, em países como Portugal, Dinamarca, Áustria, França e Alemanha.

Gráfico 3-Local de Nascimento dos Membros da Sociedade Velosiana



Outro dado extraído da pesquisa sobre os membros da Velosiana, é que eles também marcaram presença no universo político, ocupando os seguintes cargos: Bernardo Serpa Brandão, deputado; Candido Batista de Oliveira, Deputado Geral, Senador e Ministro; Emílio Joaquim da Silva Maia, Vereador; Francisco Freire Alemão, Deputado Provincial; Henrique de Beaurepaire Rohan, Presidente do Pará e da Paraíba; Augusto Leverger, Presidente do Mato Grosso; Antônio Manuel de Melo, Deputado Geral e Ministro; Bernardo Serpa Brandão Deputado Federal por Pernambuco.

Em suma, os principais membros da Sociedade Velosiana eram brasileiros nascidos por volta da virada do século XVIII para o XIX⁸², formados principalmente em

⁸² Leia-se “principais” como os membros mais ativos, que contribuíram nas produções, administração e estrutura da Velosiana, ou seja, os sócios efetivos.

Ciências e Medicina e circulavam entre outras sociedades científicas, principalmente o IHGB. Não possuíam a produção científica como sua principal ocupação, eram médicos e professores e muitos possuíam uma conexão com o Estado Imperial, seja ela pessoal, profissional ou ambas. Porém, até mesmo os sócios correspondentes, que possuíam uma participação menos direta, eram a “elíte erudita” do Império do Brasil, personagens de renome em suas áreas.

Capítulo 3- Os Trabalhos da Sociedade Velosiana

No intuito de produzir um preâmbulo para tratar do material contido no *Trabalhos da Sociedade Velosiana*, serão apresentadas algumas das ideias, conceitos e personagens que faziam parte do vocabulário científico de quem estudava as Ciências Naturais no Século XIX. Um personagem importante para situar a ciência moderna é filósofo o inglês Francis Bacon (1561-1626). Segundo Olga Restrepo, a obra de Bacon desempenhou um papel central no desenvolvimento do conceito moderno de história natural (RESTREPO, 1993, p.26). A filosofia baconiana reconhecia a existência através de dois livros: as Escrituras e o livro da natureza. As Escrituras eram responsáveis por relatar a vontade de Deus, e o livro da natureza, seus trabalhos (BACON, 1999). O pensamento de Bacon também defendia que para a elaboração do conhecimento sobre a Filosofia Natural era necessário mais do que os sentidos e a razão. Para o autor, era necessário educar esses dois canais afim de evitar as possíveis ilusões ao ler o mundo natural. Essa educação deveria ser obtida através de estudos dirigidos, controlados e disciplinados (SHAPIN,1999, p.106). Outro aspecto presente no pensamento baconiano era a utilidade da ciência, para o autor, a ciência desempenhava o papel de “dotar a vida humana de novos inventos e recursos” (BACON,1999, p.35).

As ideias baconianas contribuíram para que no século XVIII se difundisse o pensamento de que o saber está relacionado e fundamentado com o conhecimento da natureza. Até então, os animais e plantas eram vistos e classificados de forma antropocêntrica, a partir do setecentos, começou a tentativa de reconhecer a natureza por si, e os métodos taxonômicos passaram a ser alegadamente neutros e objetivos. Para então classificar uma espécie, era necessário um homem de ciências com o profundo conhecimento da mesma, pois só através desse saber específico era possível distinguir um espécime do outro (ROSSI, 1992).

Outro nome central para a ciência moderna, e que influenciou fortemente os homens de ciência da Velosiana, é o do sueco Carlos Lineu (1707-1778). Lineu foi responsável pela criação da classificação dos seres de forma binomial em seu *Systema naturae* (1758). Os binômios eram palavras em latim, uma, referente ao gênero, outra, à espécie. O sistema completo de classificação lineano era dividido em quatro categorias: classe, ordem, gênero e espécie (MAYR, 1998, p. 208). O modelo de classificação de Lineu era indubitavelmente artificial, porém possuía o caráter útil de agilizar e facilitar o

processo de classificação. Além disso, a concepção de Lineu era de uma natureza estática, ou seja, que a natureza já era uma obra finalizada desde o início do universo pelo criador. Essa era uma perspectiva recorrente no século XVIII, nomes como Georges Cuvier (1769-1832) compartilhavam do fixismo (MARTINS; BATISTA,2007).

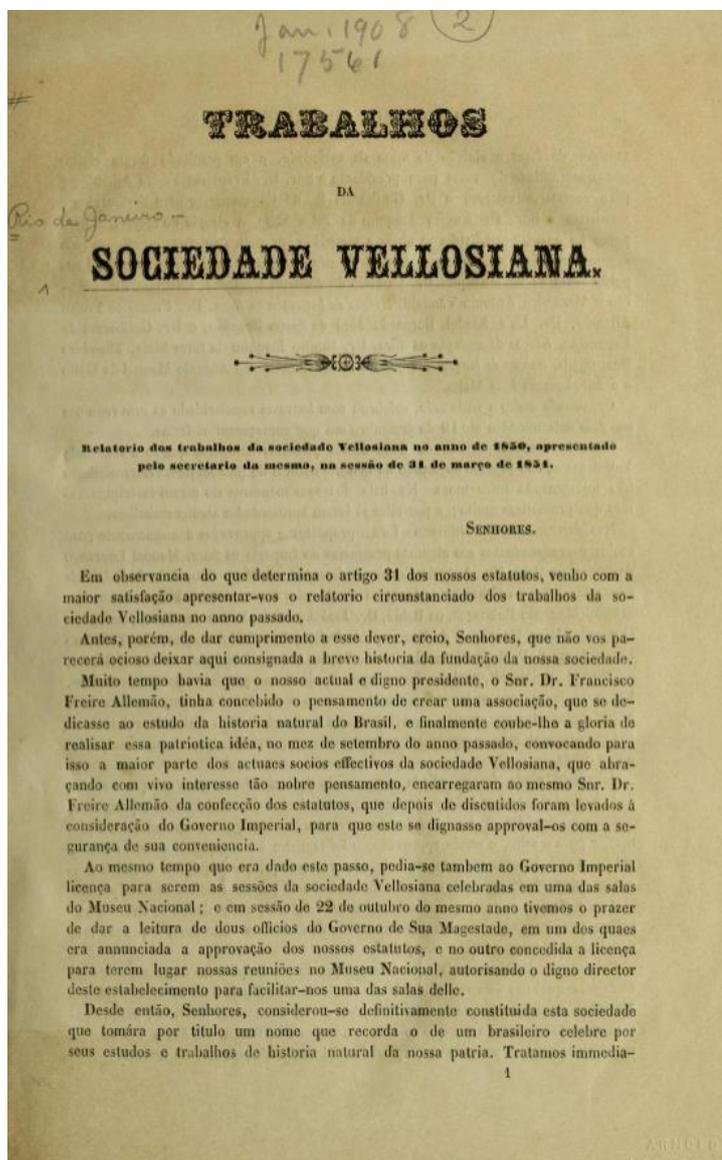
Outro personagem central foi Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon (1707-1788). Buffon rejeitava os conceitos de classificação de Lineu, para ele a classificação em si era secundária, pois se tratavam de convenções artificiais criadas pelos próprios observadores (ROSSI, 1992). Na visão de Buffon, a classificação podia até fornecer nomenclaturas, porém não um sistema da natureza (CASSIRER, 1994). Em sua obra *Les époques de la nature* (1778), Buffon cria as “Teorias da Terra”, que propunha um sistema de desenvolvimento do planeta, dividindo a história da Terra em sete momentos, cada um com suas características próprias. Ou seja, o início de um processo de historicização da Terra, divergindo do paradigma estático (RUDWICK, 1997, p 279).

Após a morte de Buffon, a história natural francesa passou por uma espécie de “reforma” com o intuito de dissolver a história natural como um gênero literário, dando lugar para modelos mais pautados na lógica, como o do próprio Lineu. Entre os homens de ciência apoiadores da “reforma” estavam: o mineralogista René-Juste Haüy(1743-1822); o botânico Antoine-Laurent de Jussieu(1748-1836); o zoólogo Félix Vicq d’Azyr (1748-1794) (CORSI,1989). Porém, não foi um processo unânime, havia os buffonianos, entre eles Charles Nicolas Sigisbert Sonini de Manoncourt (1751-1812), nome responsável por publicações póstumas de Buffon, um grupo que defendia a história natural como um meio de contemplar as maravilhas da natureza, que tinha Julien-Joseph Virey (1775-1846) como um dos representantes, e um terceiro grupo composto por naturalistas amadores, que eram contrários do extremo rigor pregado na “reforma” (CORSI, 1989, p. 38-39).

Em 1855, pela *Biblioteca Guanabarensis*, era publicado o encadernado de 160 páginas *Trabalhos da Sociedade Velosiana*, contendo relatórios das atividades e atas de suas reuniões e trabalhos científicos. O objetivo desse terceiro capítulo é apresentar esses trabalhos científicos e historicizar sua produção, atentando ao contexto dos estudos em Ciências Naturais no qual foram produzidos, enfatizando o objetivo desses textos, seu diálogo com as teorias científicas vigentes e com outros homens de ciência, estando eles dentro ou fora do círculo da Velosiana. Com o fim de organização, os trabalhos serão

dispostos em ordem cronológica de produção e divididos de acordo com as quatro seções da Sociedade: Botânica; Mineralogia; Zoologia; Línguas Indígenas.

Figura 5- Trabalhos da Sociedade Velosiana



Fonte: Internet Archive⁸³

3.1 Seção de Botânica

A seção de botânica da Sociedade Velosiana dispunha como membros: Francisco Freire Alemão, Luiz Riedel, Bernardo José de Serpa Brandão e Guilherme de Capanema.

⁸³ Disponível em: <https://archive.org/details/guanabararevista11unse/>

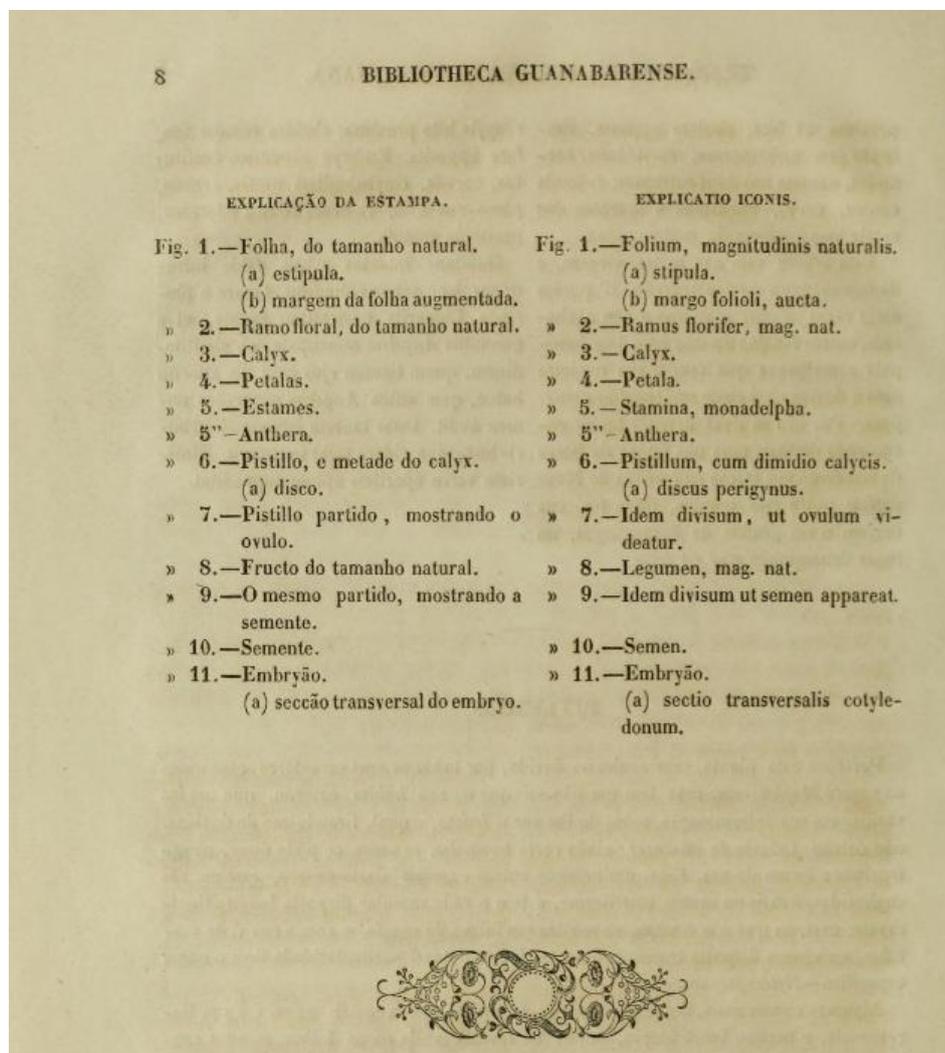
Todos os textos botânicos publicados nos *Trabalhos* foram escritos por Francisco Freire Alemão. Foram selecionados seis deles para serem apresentados e analisados.

O primeiro texto dos *Trabalhos* que disserta sobre a botânica é *Machaerium Heteropterum* (*sp. Inov.*), *Nome Trivial -Angelim*⁸⁴, datado de 15 de outubro de 1850. Nele, Feire Alemão trata da classificação de uma espécie árvore, oriunda das matas virgens do Rio de Janeiro, ou seja, uma provável espécie endêmica. Os estudos de Alemão foram feitos a partir de dois espécimes, um encontrado na Serra do Gericinó e outra no Pau da Fome, onde tem origem o rio grande de Jacarepaguá. As principais características descritas do angelim são as seguintes: seu tamanho excedia os dezoito metros de altura; possuía uma cor cinza por fora e um amarelado por dentro e suas fibras eram rígidas e compactas; a folhagem do angelim soltava-se nos meses de junho e julho e suas flores nasciam em agosto. Alemão considerou-a uma espécie com madeira boa para construção, porém eram raras de serem encontradas na natureza⁸⁵.

⁸⁴ A *Machaerium Heteropterum* tem atualmente como nome aceito *Vatairea heteroptera*, espécie encontrada na Mata Atlântica dos Estados do Alagoas, Bahia, Sergipe, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná.

⁸⁵ ALEMÃO, Francisco Freire. *Machaerium Heteropterum* (*sp. inov.*), *Nome Trivial -Angelim*. In: *Trabalhos da Sociedade Velosiana*. Biblioteca Guanabarensis. Rio de Janeiro, 1855.p.5-7.

Figura 7- Legenda dada ilustração *Machaerium heteropterum*



Fonte: Internet Archive⁸⁷

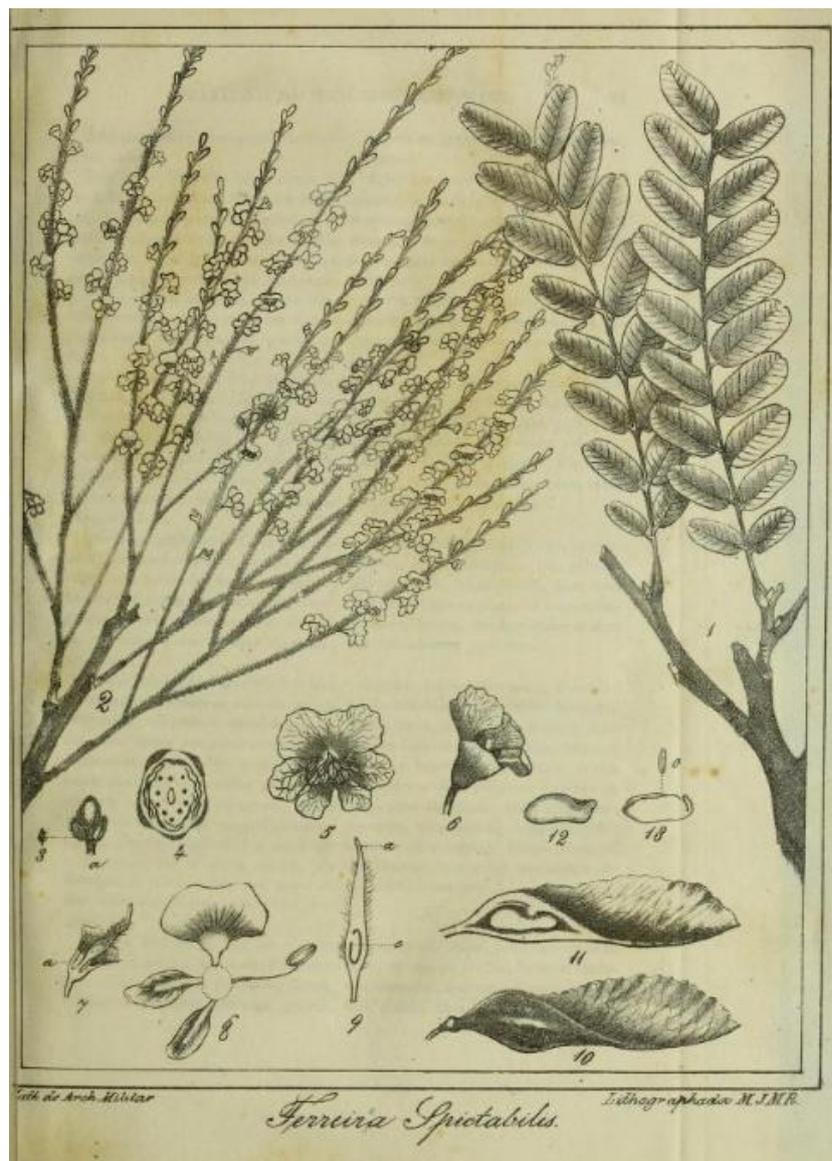
Seguindo com as descrições botânicas, Alemão escreve em abril de 1851 sobre a *Ferreirea, Gen. Novum – Spectabilis, Sp. Nova. Nome trivial– Sepepira amerella*. Dessa vez não trata da descrição de uma nova espécie, e sim de um novo gênero, que cresce nas matas virgens do Brasil. A Sepepira Amarela⁸⁸, como era conhecida pelos “mateiros” devido suas flores “amarelas esbranquiçadas”, é descrita como uma árvore corpulenta que

⁸⁷ Disponível em: <https://archive.org/details/guanabararevista11unse/page/8/mode/2up>

⁸⁸ A *Ferreirea spectabilis* é sinônimo da *Sweetia fruticosa*, árvore presente em regiões de Cerrado, Caatinga e Mata Atlântica.

atinge entre quinze e dezoito metros de altura, de casca “parda escura” e madeira de um amarelo claro com fibras rígidas “compactas e duradouras”⁸⁹. O nome do gênero foi dado em homenagem ao naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815)⁹⁰. Ferreira foi um naturalista nascido na Bahia, Ferreira iniciou em 1783 uma importante expedição que passou por capitânicas como o Grão-Pará, Rio Negro e Mato Grosso, registrando dados da fauna, flora e etnografia desses locais (LEITE; LEITE, 2010).

Figura 8-Ferreirea spectabilis, por Freire Alemão



⁸⁹ ALEMÃO, Francisco Freire. *Ferreiria*, Gen. Novum – *Spectabilis*, Sp. Nova. Nome trivial– *Sepeira amerella*. In: *Trabalhos da Sociedade Velosiana. Biblioteca Guanabarensis*. Rio de Janeiro, 1855. p.26-30.

Figura 9 – Legenda da ilustração *Ferreirea spectabilis*

TRABALHOS DA SOCIEDADE VELLOSIANA. 31	
EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA.	EXPLICATIO ICONIS.
Fig. 1.—Ramo com folhas, do tamanho natural.	Fig. 1.—Ramus foliatus, magnitudinis naturalis.
(a) Estipula.	(a) Stipula.
» 2.—Ramo com flôr, de tamanho natural.	» 2.—Ramus florifer, magnitudinis naturalis.
» 3.—Botão, tam. nat.	» 3.—Alabastrum, mag. nat.
(a) O mesmo, augmentado, com as suas bracteas.	(a) Idem auctum, cum bracteolis.
» 4.—Diagramma.	» 4.—Diagramma.
» 5.—Flôr, vista de frente.	» 5.—Flos, facie visus.
» 6.—A mesma, de lado.	» 6.—Idem latere visus.
» 7.—Calyx, partido, mostrando o disco e o pistillo.	» 7.—Calyx, incisus, discum et pistillum ostendens.
» 8.—Fôrma das petalas e estames.	» 8.—Petalorum et staminum forma.
» 9.—Pistillo, partido, mostrando o ovulo.	» 9.—Pistillus, sectus, ut ovulum pateat.
(a) Extremidade do estilo.	(a) Apex stili.
(b) Parte inferior do estilo, donde se fôrma a aza.	(b) Pars inferior stili, quæ in alam exerescit.
(c) Ovulo.	(c) Ovulum.
(d) Podogynio.	(d) Podogynium.
» 10.—Fructo, tam. nat.	» 10.—Legumen magnitudinis naturalis.
» 11.—O mesmo, partido, para mostrar a semente.	» 11.—Idem, sectum, semine patefacto.
» 12.—Semente.	» 12.—Semen.
» 13.—Embryão.	» 13.—Embryo.
(a) Secção transversal das cotyledones.	(a) Sectetio transversalis cotyledonum.

Fonte: Internet Archive⁹²

Entre os *Trabalhos da Sociedade Velosiana* também se encontram as publicações *Exercícios de Botânicas ou Memórias concernentes a anatomia, e fisiologia das plantas, lidas na Sociedade Velosiana do Rio de Janeiro, por Francisco Freire Alemão*. Esse conjunto é composto por textos antológicos que tratam de aspectos da “Organografia e Organodinamia”. A primeira memória data de dezembro de 1850 e é intitulada *Da Estrutura e Funções dos Pelos Excretorios da Nossa Urtiga Braba, Urtica Nítida*. Nela, Freire Alemão descreve o mecanismo responsável pela capacidade da urtiga gerar

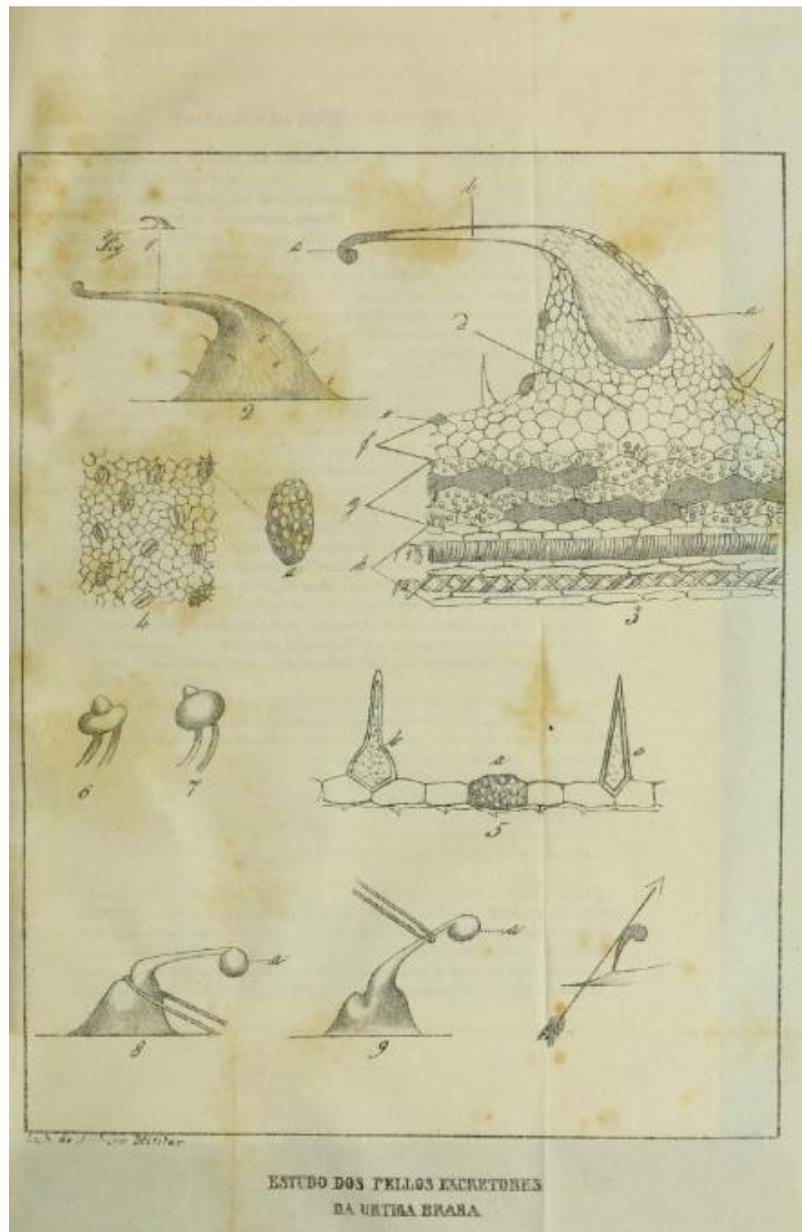
⁹¹ Disponível em: <https://archive.org/details/guanabararevista11unse/page/26/mode/2up>

⁹² Disponível em: <https://archive.org/details/guanabararevista11unse/page/30/mode/2up>

irritação e coceira quando tem contato com a pele. Resumindo, a urtiga brava possui, em seu “caule, pecíolos e dorso das nervuras”, pelos excretores capazes de transportar um “licor venenoso”. Esses pelos possuem uma ponta recurva e sensível que rompem ao contato com a pele, assim secretando o veneno. Nos estudos dessa planta, Alemão testou os efeitos em si mesmo, observando principalmente a interação da farpa com ferida causada. Como instrumento científico, Freire Alemão utilizou o microscópio, observando que o pelo podia ser esmagado entre as lâminas sem excretar o veneno, mas quando a ponta recurva do mesmo era rompida, o veneno era excretado. Todo esse mecanismo pode ser observado abaixo com a ilustração botânica feita por Freire Alemão⁹³.

⁹³ALEMÃO, Francisco Freire. Da Estrutura e Funções dos Pelos Excretores da Nossa Urtiga Braba, Urtica Nítida. In: Trabalhos da Sociedade Velosiana. Biblioteca Guanabarensis. Rio de Janeiro, 1855. p.33-36.

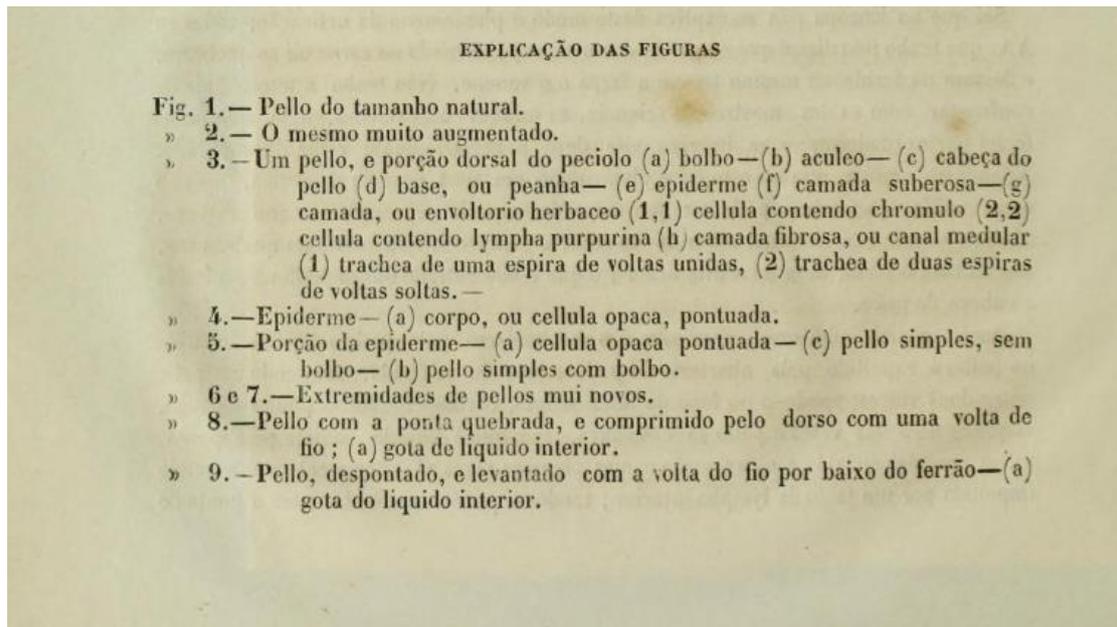
Figura 10- Urtiga Braba, por Freire Alemão



Fonte: Internet Archive⁹⁴

⁹⁴ Disponível em: <https://archive.org/details/guanabararevista11unse/page/34/mode/2up>

Figura 11- Legenda da ilustração Urtiga Braba



Fonte: Internet Archive⁹⁵

Seguindo a ordem cronológica, no texto *Apontamentos que poderão servir para a história das arvores florestais do Brasil, particularmente das do Rio de Janeiro*, Freire Alemão defende a construção de um tratado completo das “árvores reais do Brasil”, apontando que tal esforço não pode ser feito por um único homem ou de forma apressada, e sim algo organizado pelo Estado. Esse tratado iria além do aspecto científico, pois contribuiria também para os setores administrativos, econômicos e industriais. Ademais, enquanto o Estado não provesse tal empreendimento, “cada um que vá carregando sua pedra”. O que havia sobre o assunto foi escrito pelos viajantes estrangeiros, mas para Alemão já era tempo de “começarmos por nós mesmos o inventario das riquezas do nosso país”⁹⁶.

O quinto texto sobre botânica, *Notícia de Algumas Plantas*, é assinado em 21 de novembro de 1851 e disserta principalmente sobre a visita de quatro dias feita por Freire Alemão a Guaxinbida, uma freguesia de São Gonçalo. Das espécies de plantas que encontradas na região, uma em particular o autor sugere o nome de *Soaresia nitida*, em homenagem a Gabriel Soares de Sousa (1540-1591), nome que para Alemão foi

⁹⁵ Disponível em: <https://archive.org/details/guanabararevista11unse/page/n45/mode/2up>

⁹⁶ ALEMÃO, Francisco Freire Apontamentos que poderão servir para a história das arvores florestais do Brasil, particularmente das do Rio de Janeiro. In: Trabalhos da Sociedade Velosiana. Biblioteca Guanabarensis. Rio de Janeiro, 1855. p. 53-54.

importante nos estudos da História Natural brasileira, responsável por escrever, no final do século XVI, relatos geográficos, botânicos e etnográficos ⁹⁷.

Encerrando os textos de Botânica, Alemão retoma os exercícios de Botânicas em maio de 1852, com o texto *Memoria 3ª. Origem e desenvolvimento dos vasos nos embriões da Jatropha curcas e do Aleurites moluccana, durante a sua germinação; e algumas considerações d'ai deduzidas*⁹⁸. Segundo o autor, seu tema é tido como uma complicada questão Botânica, mais especificamente da anatomia vegetal, e algo longe de ser solucionado em sua época: a estrutura e evolução do caule das plantas. Para estudar essa questão, que assolava os naturalistas de todo o mundo, o autor analisa a *Jatropha curcas* — o pinhão — pelo microscópio em diversos estágios de seu crescimento. As colocações de Freire Alemão sobre o que foi observado dialogam e contrapõem algumas das teorias sobre o assunto que eram ventiladas por figuras importantes no meio, como Abel Aubert du Petit-Thouars (1793-1861), Charles Gaudichaud-Beaupré (1789-1854) e Charles François Brisseau de Mirbel (1776-1854)⁹⁹.

Os textos de Alemão contidos nos *Trabalhos da Sociedade Velosiana* expressaram sua perspectiva sobre as Ciências Naturais produzidas no Brasil, uma produção destinada a inventariar a natureza brasílica e os “tesouros” nela contida. Mais especificamente apontando o caráter útil dessas madeiras para a construção, sendo essa uma das possíveis “riquezas” providas pelo estudo da flora brasileira. Essa empreitada de Alemão não começa com a Velosiana, como supracitado. No início da década de 1840 o naturalista já buscava catalogar espécies que ficaram de fora dos estudos dos naturalistas europeus. O autor reconhecia os limites da sua capacidade de pesquisa em comparação ao vasto território do brasileiro, sendo assim, deixa claro seu que foco, ou “sua parte”, era escrever

⁹⁷ ALEMÃO, Francisco Freire. *Notícia de Algumas Plantas*. In: *Trabalhos da Sociedade Velosiana*. Biblioteca Guanabarensis. Rio de Janeiro, 1855. p. 72-74.

⁹⁸ O segundo exercício não foi publicado pela Sociedade Velosiana, seu manuscrito, intitulado *Exercícios botânicos. Memória 2ª. Considerações sobre a estrutura e usos de alguns pêlos e órgãos análogos*, encontra-se disponível na BN Digital.

⁹⁹ ALEMÃO, Francisco Freire *Memoria 3ª. Origem e desenvolvimento dos vasos nos embriões da Jatropha curcas e do Aleurites moluccana, durante a sua germinação; e algumas considerações d'ai deduzidas*. In: *Trabalhos da Sociedade Velosiana*. Biblioteca Guanabarensis. Rio de Janeiro, 1855. p. 101-106.

sobre a província do Rio de Janeiro almejando, quem sabe, que seus estudos pudessem servir de ponto de partida para aqueles que viessem o suceder¹⁰⁰.

3.2-Seção de Mineralogia

A seção de Mineralogia, composta por Frederico Leopoldo Cezar de Burlamaqui, Candido de Azeredo Coutinho, Custodio Alves Serrão e Alexandre Antônio Vandeli. Possui texto de apenas dois autores, Capanema e Burlamaqui.

O primeiro texto de data de 22 de março de 1851 e foi escrito por Frederico Leopoldo Cesar Burlamaqui. A obra, *Parecer sobre um manuscrito do Sr. Manoel Lourenço de Sousa, Engenheiro de minas no Pará*¹⁰¹, é resultado de uma análise ao manuscrito de Lourenço de Sousa que tem como conteúdo: um itinerário fluvial dos rios Amazonas e Tocantins, intitulado “Diário especial da viagem”; uma descrição geológica do Tocantins, que buscam melhorar a acessibilidade das cachoeiras do rio; uma descrição da produção vegetal espontânea dos locais visitados, assim como dos animais presentes; um ofício sobre a mineração aurífera da mesma província. Segundo Burlamaqui, a parte mais útil do texto para a Sociedade Velosiana é a descrição a parte da geológica, o autor não descarta o trecho sobre plantas e animais, porém acredita que são de importância secundária¹⁰².

Sendo assim, Burlamaqui destaca alguns pontos da descrição geológica, como as observações de Lourenço de Sousa sobre os rios e cachoeiras da região, que concluem que suas “desigualdades” são frutos das “revoluções” ocorridas na crosta terrestre em tempos remotos, principalmente através de fenômenos geradores das rochas plutônicas¹⁰³, exemplo o granito e o diorito. Burlamaqui ratifica tais apontamentos de seu interlocutor

¹⁰⁰ ALEMÃO, Francisco Freire Apontamentos que poderão servir para a história das arvores florestais do Brasil, particularmente das do Rio de Janeiro. In: Trabalhos da Sociedade Velosiana. Biblioteca Guanabarensis. Rio de Janeiro, 1855. p. 53-54.

¹⁰¹ O texto integral de Manoel Lourenço de Sousa também consta nos Trabalhos da Sociedade Velosiana.

¹⁰² BURLAMAQUI, Leopoldo. Parecer sobre um manuscrito do Sr. Manoel Lourenço de Sousa, Engenheiro de minas no Pará In: Trabalhos da Sociedade Velosiana. Biblioteca Guanabarensis. Rio de Janeiro, 1855. p.11-12.

¹⁰³ Existia uma disputa no campo da Mineralogia sobre a origem de minerais como o granito. Por um lado, o Netunismo defendia que as rochas se “originavam por precipitação e cristalização a partir de um oceano primordial”, já o Plutonismo, que defendia uma origem vulcânica para essas rochas (LOPES, 1997, p.44-45).

por conta da constituição mineral e das formas das cachoeiras do Tocantins, sendo elas passíveis de atribuição às “forças plutônicas”¹⁰⁴.

Em seguida, o texto *Observações Sobre A Origem Do Barro Vermelho na Província do Rio De Janeiro*, escrito por Guilherme Capanema, disserta o barro vermelho observado pelo autor em diversos pontos do Rio de Janeiro, tais como o morro de S. Antônio, Mata porcos, Praia do Caju, Ilha do Fundão, a Ilha do Governador, Ingá, margens da Lagoa de Maricá e Serra da Estrela. Capanema conclui que o barro vermelho no Brasil tem sua origem na decomposição do gnaiss e não do terreno de aluvião, “como é afirmado muitas vezes”, e sua cor vermelha vem do óxido férrico. Além disso, analisa a composição química do barro, concluindo que o barro preto, o azulado, o amarelo e o branco, são modificações do vermelho que sofreram alterações depois de transportado pelas águas¹⁰⁵.

Fechando a seção, o texto *Mineralogia*, de Burlamaqui, assinado em julho de 1854, trata de um parecer das substâncias minerais recebidas pelo autor vindas de diversas partes do Brasil, dando maior ênfase os seus “usos industriais”. O autor listas os minerais, dividindo-os pelas províncias de origem. Os diversos materiais minerais vieram das seguintes províncias: Rio Grande do Sul; Minas Gerais; Piauí; Pará; Bahia; São Paulo; Paraíba do Norte; Amazonas; Rio de Janeiro. Os minerais que mais recebem atenção de Burlamaqui são o carvão e o ferro, devido suas propriedades do primeiro combustível e a grande utilidade do segundo para diversos fins. O autor listas os minerais, dividindo-os pelas províncias de origem¹⁰⁶. Observando a partir de uma lente mais angular, é válido lembrar que em meados do oitocentos o processo de industrialização requeria esses dois materiais, principalmente pelo alargamento da malha ferroviária na Europa. No Brasil, o ano da escrita do texto de Burlamaqui é o mesmo da inauguração da primeira ferrovia do país, a Estrada de Mauá.

Os textos de *Mineralogia* são voltados para compreensão da composição mineralógica do território brasileiro e para seus “usos industriais”, nesse contexto, os materiais que ganham destaque são o carvão e o ferro. Observando a partir de uma lente

¹⁰⁴ Idem. Ibidem.

¹⁰⁵ CAPANEMA, Guilherme. *Observações Sobre A Origem Do Barro Vermelho na Província do Rio De Janeiro*. In: *Trabalhos da Sociedade Velosiana*. Biblioteca Guanabarensis. Rio de Janeiro, 1855. p. 12-16.

¹⁰⁶ BURLAMAQUI, Leopoldo. *Mineralogia*. In: *Trabalhos da Sociedade Velosiana*. Biblioteca Guanabarensis. Rio de Janeiro, 1855. p.149-160.

mais angular, é válido lembrar que em meados do Oitocentos o processo de industrialização requeria esses dois materiais, principalmente pelo alargamento da malha ferroviária na Europa. No Brasil, o ano da escrita do texto de Burlamaqui é o mesmo da inauguração da primeira ferrovia do país, a Estrada de Mauá.

3.3- Seção de Zoologia

Emilio Joaquim da Silva Maia e Theodoro Descourtilz, eram os nomes que compunham oficialmente a seção de Zoologia da Sociedade Velosiana, porém Frederico Leopoldo Cesar Burlamaque também contribuiu com um texto para essa seção. Os demais textos de Zoologia foram de autoria de Emilio Joaquim da Silva Maia.

O primeiro texto da seção é *Ofiologia. O Minhocão- O Sucuruhyù- A Giboia.*, escrito por Frederico Leopoldo Cesar Burlamaqui. O trabalho começa falando sobre os répteis, que segundo o autor, são os “animais mais repugnantes e sem a graça da criação”. Burlamaqui diz que dentre estes, as serpentes são os mais famosos, pois inspiram terror, são cultuadas por “povos selvagens” e nas “santas escrituras” a serpente é símbolo de astúcia, prudência, sabedoria e imortalidade. Cita sua representação em mitologias como a grega, egípcia, indiana e “povos selvagens da América, África e da Asia”, onde havia templos em sua honra nos quais “estas ridículas divindades” eram servidas por sacerdotes e donzelas¹⁰⁷.

O autor comenta que as maiores serpentes são do gênero *Boa*, no caso a Jiboia e a Sucuri, porém nenhuma delas chegaria perto do Minhocão, se for levada em consideração as crenças dos sertanejos. O Minhocão seria uma espécie de anfíbio gigante que viveria entre o Rio Grande e o Rio Cuiabá, seu tamanho chegaria a mais de 36 metros e teria uma aparência similar a minhoca convencional. Burlamaqui também narra a forma que a sucuri era caçada pelos sertanejos, ato que consistia em aproveitar o momento em que a cobra atacava uma presa para desferir golpes de lâmina. Existia o mito, entre eles, de que se a sucuri voltasse para água, mesmo dividida em dois, ela poderia se reconstituir¹⁰⁸.

¹⁰⁷ BURLAMAQUI, Leopoldo. *Ofiologia. O Minhocão- O Sucuruhyù- A Giboia* In: *Trabalhos da Sociedade Velosiana*. Biblioteca Guanabarensis. Rio de Janeiro, 1855. p.17-26.

¹⁰⁸ Idem. *Ibidem*.

O real cerne do texto de Burlamaqui é descrever as espécies do gênero *Boa* presentes nas Américas, sendo elas: *Boa murina*; *Boa scytale*; *Boa canina*; *Boa hurtulana*; *Boa cenchris*; *Boa constrictor*, a Jiboia, chamada pelos indígenas de “*Boiaguassu*, *Giboia* ou *Jiboya*, *Jauca acanga* ou *Jacacanga*”, palavras que significam “chefe, rainha, ou a primeira das cobras”. Segundo o autor, o que motivou a escrita desse texto foi a dificuldade de se observar os hábitos de animal desse tipo devido “horror que inspiram”, já o mesmo pode observar quatro espécimes que viviam no Museu Nacional. Das quatro, duas Jiboias morreram, o que possibilitou Burlamaqui fazer suas autópsias e construir uma descrição da anatomia do réptil, detalhando sua estrutura muscular e esquelética e seus órgãos¹⁰⁹.

O texto seguinte no campo da Zoologia é *Algumas ideias sobre geografia zoológica, servindo de introdução a diversos trabalhos sobre animais brasileiros*, escrito por Emílio Joaquim da Silva Maia. Quanto ao conceito empregado de Geografia Zoológica, nas palavras do próprio autor:

A geografia zoológica não é um simples inventario dos animais existentes com a indicação dos lugares onde vivem, como disseram os primeiros autores, que dela se ocuparam. Seu objeto principal é procurar a origem e história das evoluções animais, estudar as relações ou dissemelhanças, que entre eles reinam conforme a diferença dos centros de habitação, e indagar como as formas gravitam entre limites determinados, modificando-se segundo os tempos e os lugares¹¹⁰.

Ao longo do texto Silva Maia deixa explícito seu alinhamento com as ideias de Buffon, que segundo ele, foi o autor responsável por retirar a Geografia Zoológica das “profundas trevas”. No texto, Silva Maia reflete sobre a interação da geografia com as espécies animais ao redor do globo, as particularidades da fauna dos continentes, sendo cada um deles composto por espécies capazes de viver condições específicas do local, sendo elas das mais adversas. Maia também fala sobre a dispersão artificial das espécies

¹⁰⁹ Idem. Ibidem.

¹¹⁰ MAIA, E.J.S. *Algumas ideias sobre geografia zoológica, servindo de introdução a diversos trabalhos sobre animais brasileiros*. In: *Trabalhos da Sociedade Velosiana*. Biblioteca Guanabarensis. Rio de Janeiro, 1855. p.41-42

causada pelo homem, pois na visão do autor poucas eram as espécies “cosmopolitas”, ou seja, a migração de animais era incomum, apenas restrita à algumas espécies de aves e peixes. O autor pontua que esse processo de transposição de espécies já ocorria desde a antiguidade, com os circos romanos exibindo animais da África e Ásia. Com a colonização das Américas, foram introduzidas diversas espécies no “novo” continente, exemplo de animais como cavalo, boi, ovelha, cabra, cão, gato, entre outros¹¹¹.

Na sequência, Maia escreve: *Memoria sobre os Beija-flores, a onde se refere os usos e hábitos de muitas espécies brasileiras*. O texto retoma a confluência de ideias com Buffon e sua teoria de que os animais de cada “parte meridional” tratam-se de novas espécies, no entanto, o foco do texto é dissertar sobre os beija-flores. Segundo Silva Maia, os beija-flores eram chamados pelos portugueses de “pica-flores” ou “chupa-meis”, já pelos “nossos indígenas” de *gonambuch*, de acordo com Jean de Léry (1534-1611), ou de *guainumbi*, de acordo com Georg Marcgrave (1610-1644). Os beija-flores são presentes nos mais diversos pontos das Américas, desde os Estados Unidos e Canadá até o Brasil. O único lugar que esses animais podem ser encontrados, sem nas Américas, é a África meridional. Suas particularidades perante os outros pássaros chamaram atenção dos viajantes europeus desde o século XVI, André Thevet (1516-1590) e Jean de Lery (1536-1613 — companheiros de viagem do explorador *Nicolas Durand de Villegagnon (1510-1571)* — foram os primeiros a escrever sobre os beija-flores nas obras *Singularités de la France Antarctique, publicada em 1558 por Thevet e Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, autrement dite Amerique, de Jean de Lery, publicada em 1578*¹¹².

O Museu Nacional era um importante espaço no estudo desses animais. Era possível encontrar mais de noventa espécimes e cinquenta e duas espécies nas instalações do Museu na época de publicação do trabalho de Silva Maia. Dessas cinquenta e duas espécies, trinta e cinco foram “determinadas” por Frei Custódio Alves Serrão, que dirigiu a instituição de 1828 até 1847. Por essa variedade de espécimes passíveis de estudo, sendo elas machos e fêmeas de diferentes idades, era possível averiguar as mudanças causadas no decorrer do crescimento do beija-flor e as particularidades de cada sexo. Com isso, Silva Maia questiona, sempre com muito respeito, os naturalistas europeus que estudaram

¹¹¹ Idem. *Ibidem*.

¹¹² MAIA, E.J.S. *Memoria sobre os Beija-flores, a onde se refere os usos e hábitos de muitas espécies brasileiras* In: *Trabalhos da Sociedade Velosiana*. Biblioteca Guanabarensis. Rio de Janeiro, 1855. p. 45-47.

esses animais, levantando a possibilidade dessas mudanças físicas causadas pela idade ou pelo sexo terem nublado suas percepções quanto as espécies. Temendo ocorrer nos mesmos erros, Silva Maia consultou *Teodoro Descourtilz*, outro membro da Velosiana, para confirmar seus estudos, já que o mesmo já havia feito muitas viagens pelo Brasil e observado esses animais na natureza¹¹³.

Seguindo a temática dos beija-flores, o trabalho seguinte de Zoologia é *Memoria sobre usos e costumes de alguns Beija-flores brasileiros*, também de Silva Maia, trata de cinco espécies de beija-flores observadas pelo autor na província do Rio de Janeiro, sendo elas: *Ornismya simplex*; *Ornismya albogularis*; *Ornismya albiventris*; *Ornismya glaucopis*; *Ornismya rubinea*. Todas nomenclaturas do naturalista e ornitólogo francês René Primevère Lesson (1794-1849)¹¹⁴.

A primeira espécie, *Ornismya simplex*, já havia sido nomeado anteriormente de *Trochilus cirrochloris* por Louis Pierre Vieillot (1748-1830), porém Silva Maia preferiu a utilização na nomenclatura de Lesson pois para ele resumia bem as características do animal. Podia ser encontrada em diferentes regiões do Brasil, as observações de Silva Maia foram feitas nos arredores do Rio Comprido, localidade onde o autor possuía uma chácara. Em suma, trata de uma espécie relativamente robusta, de cores simples e asas compridas e amplas que costuma habitar regiões com bananeiras. A *Ornismya albogularis*, foi antes descrita pelo naturalista alemão Johann Baptist von Spix (1781-1826), que a nomeou *Colibri albogularis*. Posteriormente, Vieillot também teve contato com a espécie, batizando-a de *Trochilus albicollis*. Trata de uma espécie de tamanho mediano e de “garganta branca”, como é referido em seu nome, raramente encontrada no Rio de Janeiro. A terceira espécie, *Ornismya Albiventris*, chamada por Lineu de *Trochilus lencogaster*, é uma das espécies mais comuns do Brasil, possui o ventre branco e manchas verdes na parte superior do tórax. A seguinte, *Ornismya glaucopis*, teve como um dos primeiros noticiadores o príncipe da Renânia Maximilian Alexander Philipp zu Wied-Neuwied (1782-1867), que esteve no Brasil entre 1815 e 1817, viajando pelas províncias do Rio de Janeiro e do Espírito Santo. A quinta espécie é a *Ornismya rubinea*, descrito primeiramente por Lineu, com o nome de *Trochilus rubineus major*, tem como principal característica física a mancha de cor rubra na garganta do macho da espécie. Era

¹¹³ Idem. Ibidem.

¹¹⁴ MAIA, E.J.S Memoria sobre usos e costumes de alguns Beija-flores brasileiros. In: Trabalhos da Sociedade Velosiana. Biblioteca Guanabarensis. Rio de Janeiro, 1855. p.61.

considerada por Silva Maia outra das mais comuns do Brasil, porém havia poucos estudos sobre seu comportamento, o que estimulou o autor a incluir a espécie em seu texto¹¹⁵.

O texto seguinte é *Trabalho sobre a ponta de osso de um peixe encontrada no costado de um navio*, escrito por Silva Maia. Trata do processo de indagação e descoberta da origem de um fragmento de osso encontrado no brigue de guerra Constância, em uma viagem que o mesmo fazia da Bahia até Alagoas, no ano 1830. O autor narra que o navio chocou-se com algo em auto mar, ao investigarem a causa, encontraram o fragmento de osso. Esse fragmento foi recebido pelo Museu Nacional no mesmo ano, mas permaneceu como um mistério. Em 1843, sua estrutura foi comparada com diversos peixes, como o narval, o espadarte e o peixe espada, porém não houve correspondência. Anos depois, Silva Maia retomou a questão e concluiu que tratava do osso de um agulhão, ou *histophorus americanos*. Sua hipótese foi confirmada por um oficial da Marinha Francesa, contatado por intermédio de Descourtilz¹¹⁶.

Seguindo com os textos de Silva Maia, esse referente a seção criada em 1851 com o intuito de escrever a história das instituições brasileiras destinadas ao estudo das Ciências Naturais. *Esboço Histórico do Museu Nacional, servindo de introdução a trabalhos sobre as principais espécies zoológicas do mesmo estabelecimento*, narra a construção do Museu Nacional e a formação de seu acervo. Segundo o autor, a iniciativa do Museu começa ainda no século XVIII, na gestão do Vice-Rei D. Luis de Vasconcelos e Souza (1742-1809), mas acaba não sendo concluída. Apesar disso é instituída a Casa de História Natural, ou como era vulgarmente conhecida, a Casa dos Pássaros, local que funcionava como depósito permanente de objetos zoológicos e de preparação de animais. A Casa dos Pássaros teve Francisco Xavier Cardoso Caldeira (?-1810) como seu primeiro chefe, segundo Silva Maia, Caldeira não era um homem de ciência, mas sim um “simples curioso preparador”. A Casa funcionou por quase vinte anos, porém foi transformada em uma oficina de lapidação com a chegada do Rei. D. João VI. Em julho de 1818, é assinado o decreto de criação do Museu Nacional para “propagar os conhecimentos e estudos de ciências naturais do reino do Brasil”. O acervo do Museu foi sendo constituído ao longo

¹¹⁵ Idem. Ibidem.

¹¹⁶ MAIA, E.J.S. Trabalho sobre a ponta de osso de um peixe encontrada no costado de um navio. In: Trabalhos da Sociedade Velosiana. Biblioteca Guanabarensis. Rio de Janeiro, 1855. p. 69-71

dos anos, e para isso contou com a ajuda de alguns naturalistas viajantes, como o barão de Langsdorff e August Saint Hilaire e dos monarcas do Império do Brasil¹¹⁷.

O último trabalho da seção de Zoologia, igualmente escrito por Emílio Joaquim da Silva Maia, é: *Duas novas espécies de Beija-flores, descritas pela primeira vez*, lido em sessão da Velosiana no dia 6 de junho de 1851. As espécies em questão são *Trochilus vandellii nobis* e *Ornismya ludovicii nobis*. A primeira, consiste numa espécie de tamanho mediano de bico curvo e cores que variam em tons de verde, em sua cabeça e parte externa das asas e rabo, e amarelo, em seu tórax e parte interna das asas. Seu gênero foi enquadrado devido suas características físicas e seu nome próprio de espécie em homenagem ao naturalista Domenico Agostino Vandeli (1735-1816). O autor novamente recorreu a Descourtilz, dessa vez para averiguar se a espécie já havia sido catalogada. A segunda espécie, pode ser resumida como um beija-flor de tamanho comum, bico reto e cauda curta, com a parte superior do corpo e cabeça de um verde brilhante e a região da garganta azul safira. Além disso, possuía penas brancas nos tarsos, o que ajudava a caracterizar a espécie. Silva Maia realizou uma significativa pesquisa para assegurar que a espécie nunca tinha sido descrita e não encontrou nada que pudesse corresponder. Porém, em uma nota de rodapé, o autor relata que nos anos que sucederam a produção do texto, soube que o ornitólogo inglês John Gould (1804-1881) publicou uma obra descrevendo essa espécie com outro nome, mas que não tinha verificado seu conteúdo. Em ambas as descrições, Silva Maia faz um breve resumo em latim das principais características de cada espécie¹¹⁸.

Entre os textos dos Velosianos, os trabalhos de Zoologia escritos por Silva Maia são os que apresentam maior diálogo com teorias e autores estrangeiros ao abordar temas como a geografia zoológica e apontar as diferentes nomenclaturas que a mesma espécie possuía dependendo do responsável por sua taxonomia. Já o trabalho de ofiologia, escrito por Burlamaqui, destaca-se pelo diálogo com elementos religiosos, mitológicos e do folclore do brasileiro, algo particular se comparado aos outros textos da Sociedade Velosiana.

¹¹⁷ MAIA, E.J.S Esboço Histórico do Museu Nacional, servindo de introdução a trabalhos sobre as principais espécies zoológicas do mesmo estabelecimento In: Trabalhos da Sociedade Velosiana. Biblioteca Guanabarensis. Rio de Janeiro, 1855. p.90-99.

¹¹⁸ MAIA, E.J.S Duas novas espécies de Beija-flores, descritas pela primeira vez. In: Trabalhos da Sociedade Velosiana. Biblioteca Guanabarensis. Rio de Janeiro, 1855. p.109-116.

3.4-Seção de Línguas Indígenas

É inegável que o foco desse trabalho são as ciências naturais, porém dado o contexto de produção dos *Trabalhos da Sociedade Velosiana*, não é possível ignorar a seção de Línguas Indígenas. Nesse contexto, estudos sobre as línguas indígenas ganharam espaço, inclusive sendo o ponto de intersecção entre a Velosiana e o IHGB que justificou a tentativa de união das duas instituições, como foi mencionado no capítulo anterior. Segundo Kaori Kodama, as línguas indígenas, nesse recorte, eram vistas como meio de “categorização das tribos”. Todavia, havia discordância quanto aos fins dos estudos dessas línguas. Kodama apresenta a perspectiva sobre o tema de dois personagens influentes das letras e ciências oitocentistas, Martius e Varnhagen:

Varnhagen parecia ter o intuito de “resgatar” a fonte original da língua indígena como elemento a ser somado para a história do Brasil. Não obstante Martius não negasse essa importância que Varnhagen apontava, como veremos adiante, para o naturalista, a importância mais imediata do estudo da língua era o de abrir um campo de investigação para comprovar o estado de decadência dos indígenas, tema sobre o qual trataria em sua conferência “O passado e o futuro do homem americano” de 1838. Martius enviou uma cópia de seu discurso para o Instituto no mesmo ano em que o historiador escrevia sua carta. Naquele momento ao menos, as diferenças entre Varnhagen e Martius podiam ser percebidas menos sobre as divergências na forma como compreendiam a importância do estudo das línguas indígenas, e mais sobre as ênfases distintas que atribuíam nos fins deste estudo (KODAMA,2005, p.112-113).

A seção de Línguas Indígenas da Sociedade Velosiana era composta pelo Conselheiro Antônio Manoel de Mello e Ignacio José Malta. Os textos que podem ser enquadrados na seção são dois, ambos escritos por Malta.

O primeiro texto, *Eugenia Pedunculada, Pitangueira, ou Ibâpytanga dos Brasis*, fala do naturalista Auguste de Saint Hilaire e suas observações feitas sobre a origem da palavra pitanga em Pernambuco. Segundo Saint Hilaire, a palavra viria de “ybypitanga”,

yby significando terra, e Pitanga significando criança. Essa etimologia viria desde Marcgrave e Piso (1611-1678), naturalistas do século XVII. Malta discorda desse significado, para ele, esse significado é equivocado, a ortografia correta seria ybâpytanga, tendo o significado aproximado de “fruta de cor ruiva” e não “filho da terra”¹¹⁹.

O Segundo texto, *Origem da palavra maracujá*, trata da contestação de Ignácio Malta da “inculpa” que August Saint Hilaire faz sobre Marcgrave e Piso quanto à mudança do nome *maracá* ou *tamaracá* para maracujá. Segundo Malta, a atribuição dessa mudança não tem materialidade e mesmo que tivesse, não conseguiria penetrar o suficiente na sociedade ao ponto de modificar o nome comum da fruta¹²⁰.

Os dois textos da seção possuem um tom semelhante ao contrapor a interpretação de viajantes naturalistas europeus sobre as línguas dos indígenas que ocupavam o território hoje conhecido como Brasil e defender a construção de um conhecimento nacional sobre o tema. Segundo Veloso Júnior, a própria criação de uma seção destinada para o estudo das línguas indígenas demonstra a importância do tema para os membros da Velosiana e representa uma relação da história natural com a etnografia (VELOSO JÚNIOR, 2013, p.58).

Considerações finais

As Ciências começaram a ser impressas periodicamente no Brasil durante a primeira metade da década de 1810, nas páginas de *O Patriota*. A criação e o conteúdo do *O Patriota* estavam fortemente conectados com a dinâmica luso-brasileira e as reformas ilustradas de Pombal. Após a dissolução de *O Patriota*, o espaço das Ciências foi nublado pela efervescência política, que assumiu o protagonismo dos periódicos pelos anos seguintes. A partir de meados da década de 1830, já em um outro modelo diferente, agora também inspirado pelo romantismo francês e produzidos por um grupo de jovens letrados brasileiros que residiam na França, as ciências voltaram a ter algum destaque no periodismo brasileiro. Ao retornar para o Brasil, esse grupo continua esse processo e

¹¹⁹ MALTA, Ignácio. Eugenia Pedunculada, Pitangueira, ou Ibâpytanga dos Brasis. In: Trabalhos da Sociedade Velosiana. Biblioteca Guanabarensis. Rio de Janeiro, 1855. p.9-10.

¹²⁰ MALTA, Ignácio. Origem da palavra maracujá. In: Trabalhos da Sociedade Velosiana. Biblioteca Guanabarensis. Rio de Janeiro, 1855. p.74-76.

funda a *Minerva Brasiliense*, jornal que reserva para as ciências um espaço significativo, equivalente ao destinado para as Letras e as Artes. A *Minerva* dura apenas dois anos, mas é sucedida pela *O Guanabara*, dando seguimento as diretrizes e contando com diversos nomes que contribuíram para a *Minerva*.

As revistas científicas da primeira metade do XIX podem ser enquadradas no modelo de “ciência mundana”, voltadas para um público “amplo” de interessados nas ciências. Elas enfrentaram uma barreira difícil de ser transposta, a baixa alfabetização da população. Logo, a penetração dessas publicações possuía um teto muito baixo. Se elas forem pensadas não apenas como propagadoras de conhecimento, mas como mercadoria¹²¹, a dificuldade enfrentada por esses redatores fica ainda mais clara. Fora isso, assim como no exemplo já citado das revistas inglesas, achar um equilíbrio entre o “interessante” e o “intelectualmente edificante” era uma dificuldade posta. Nem movimentos editoriais como o de Santiago Nunes Ribeiro de “popularizar” o conteúdo, quando assumiu a edição da *Minerva*, foram suficientes para a manutenção do periódico.

No caso da SV, sua pretensão era de construir algo que pode ser enquadrado no modelo de “ciências severa”, “esotérica”. Seria ela algo ímpar no que tange a especialidade nos estudos das Ciências Naturais no Brasil, uma sociedade científica capaz criar e estimular a produção estudos sobre a natureza Brasil e de publicar trabalhos inéditos sobre essa área do conhecimento, trabalhos feitos por especialistas e para especialistas. Nos planos de Alemão é possível identificar o funcionamento dessa sociedade a partir de três pilares: coletividade, produção e publicação. A retroalimentação desses pilares seria o motor que manteria as engrenagens da Velosiana girando. Porém, Freire Alemão compreendia as dificuldades enfrentadas em publicar algo nesse formato. Ao conjecturar a produção de um periódico da Velosiana, voltado exclusivamente para as Ciências Naturais, já apontava que: “não podemos contar com assinantes em tal número que cubra as despesas.”¹²². Logo, viu a necessidade de aceitar inserir os trabalhos dos Velosianos na *O Guanabara*.

¹²¹ Cf. HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.p.35.

¹²²ALEMÃO, Francisco Freire. Discurso pronunciado na Sociedade Vellosiana por Francisco Freire Allemão. [Rio de Janeiro, s.d.]. Classificação Geral: Manuscritos. I.28,9,80.

Manter os membros da Velosiana unidos e produzindo também era uma tarefa complicada. Os Velosianos estavam presente no Instituto Histórico e Geográfico, a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, o Museu Nacional e a Academia Militar, as principais instituições científicas da época. Eram personagens que transitavam entre as elites políticas e culturais do oitocentos, muitas vezes com relações próximas aos membros da corte, ou filhos de nomes importantes na geração anterior, em uma dinâmica semelhante à do Antigo Regime. Apesar dessa legitimidade trazida por seus membros serem figuras importantes, isso não isentava a Velosiana de ter problemas financeiros. Pelo contrário, a Sociedade não possuía um financiamento direto do Império e dependia da mensalidade cobrada aos membros para manter suas atividades, algo que motivou diversas discussões e desentendimentos.

O primeiro ano da Velosiana foi o mais produtivo, as reuniões bem frequentadas, porém a Sociedade não conseguiu manter esse ritmo. A partir de 1852 iniciou-se um processo de arrefecimento, e cada ano que passava ela dissipava mais. É possível pensar em alguns fatores determinantes para isso, como o de novos empreendimentos que tomavam conta da atenção dos membros, outro é morte de alguns deles. Em meados da década de 1850 as reuniões já eram raríssimas e o longo hiato da Velosiana tem início. Alemão tenta reergue-la na década de 1870 através de novos membros, essa nova formação consegue publicar o *Dicionário de Botânica Brasileira*, porém em 1874 Freire Alemão morre e junto dele a Sociedade Velosiana.

Em seus trabalhos e documentos produzidos sobre suas conferências, é possível observar a construção coletiva do conhecimento. As memórias eram lidas e debatidas, nem sempre de forma amigável, visando o melhor para a Sociedade, e temendo seu “desabono na Europa”. Ao mesmo tempo, os textos produzidos e publicados pela Velosiana transparecem o grau de autonomia dos sócios, cada autor trabalha seu tema dentro da proposta da SV, mas a partir de sua particularidade, agregando elementos individualizantes para cada texto. Outro ponto que deve ser destacado é o papel central que a figura de Freire Alemão exerceu, desde a concepção da Sociedade, sendo responsável por suas diretrizes, como os esforços para a manutenção da associação.

Lorelai Kury ao escrever sobre a Comissão Científica de Exploração, defende que o modelo de “construção de ciência nacional” da CCE era pautado por três eixos, “a crítica ao estrangeiro e a exaltação da inteligência nacional; a valorização do mundo

natural e humano no Brasil; a criação de identidades folclorizadas”. Além disso, era um modelo onde as “elites imperiais reivindicavam pra si o status de produtores de conhecimento” (KURY,2001, p.40). Esse mesmo modelo é encontrado nos textos supracitados da Velosiana. Os trabalhos de Malta, Alemão e Silva Maia apresentam essa crítica aos estrangeiros, junto da valorização da natureza brasileira e Burlamaqui dialoga com a folclorização, tanto do “sertanejo” quanto do “índio”. Vale pontuar que divergências e “correções” quanto aos trabalhos de naturalistas estrangeiros não são iconoclastas. A produção desses naturalistas europeus permaneciam sendo a referência para os membros da Velosiana, além disso, uma parte considerável de membros correspondentes da SV era composta por estrangeiros. O que existia era a vontade dos homens de ciência do Brasil em galgar uma autonomia, buscando construir uma ciência nacional, uma ciência “independente”, assim como o Império do Brasil.

Robert Wegner, ao escrever sobre o patrono da Velosiana, frei Mariano Veloso, aponta o tom trágico e dramático do personagem (WAGNER, 2004). Por vezes a trajetória de Freire Alemão e a Velosiana soam da mesma forma. O discurso feito por Alemão na tentativa de retomada da Sociedade na década de 1870 demonstra esse tom, da ênfase para as dificuldades financeiras, os conflitos e as acusações da Sociedade ser apenas um meio voltado para ele conseguisse publicar seus trabalhos¹²³. A Sociedade Velosiana passou por diversos percalços, pretensões não realizadas e teve sim duração efêmera, como aponta Bediaga (BEDIAGA, 2007). Não obstante, é possível concluir, ratificando a visão expressa por Silvia Figueirôa, que a Sociedade Velosiana foi um marco para o processo de construção, consolidação e especialização das Ciências Naturais no Império do Brasil (FIGUEIRÔA, 1997, p.90).

Os “curiosos da natureza” foram compostos de alguns dos mais proeminentes homens de ciência da época e publicaram trabalhos inéditos nas diferentes vertentes das Ciências Naturais. Sua curta duração e incapacidade de publicar um periódico próprio não traduzem a expressividade dessa associação, que buscou implementar uma “ciência severa”, especializada e nacional, para o estudo da História das Ciências no Império do Brasil. Seu não êxito apenas demonstra como produção do conhecimento não se dá de forma linear e constante.

¹²³ Idem. Ibidem.

Fontes

ALEMÃO, Francisco Freire Apontamentos que poderão servir para a história das arvores florestais do Brasil, particularmente das do Rio de Janeiro. In: Trabalhos da Sociedade Velosiana. Biblioteca Guanabarensis. Rio de Janeiro, 1855

ALEMÃO, Francisco Freire Memoria 3^a. Origem e desenvolvimento dos vasos nos embriões da *Jatropha curcas* e do *Aleurites moluccana*, durante a sua germinação; e algumas considerações d'ai deduzidas. In: Trabalhos da Sociedade Velosiana. Biblioteca Guanabarensis. Rio de Janeiro, 1855.

ALEMÃO, Francisco Freire. Da Estrutura e Funções dos Pelos Excretorios da Nossa Urtiga Braba, *Urtica Nítida*. In: Trabalhos da Sociedade Velosiana. Biblioteca Guanabarensis. Rio de Janeiro, 1855.

ALEMÃO, Francisco Freire. Discurso pronunciado na Sociedade Velosiana por Francisco Freire Allemão. [Rio de Janeiro, s.d.]. Divisão de Manuscritos/Biblioteca Nacional. I.28,9,80.

ALEMÃO, Francisco Freire. *Ferreira, Gen. Novum – Spectabilis, Sp. Nova*. Nome trivial – *Sepepira amerella*. In: Trabalhos da Sociedade Velosiana. Biblioteca Guanabarensis. Rio de Janeiro, 1855.

ALEMÃO, Francisco Freire. Lugares nomeados por Velloso ou sítios das plantas. s.d. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, ms. I - 28, 10, 05.

ALEMÃO, Francisco Freire. *Machaerium Heteropterum* (sp. nov.), Nome Trivial - *Angelim*. In: Trabalhos da Sociedade Velosiana. Biblioteca Guanabarensis. Rio de Janeiro, 1855

ALEMÃO, Francisco Freire. Notícia de Algumas Plantas. In: Trabalhos da Sociedade Velosiana. Biblioteca Guanabarensis. Rio de Janeiro, 1855.

ALEMÃO, Francisco. “Botânica”. In: *Minerva Brasiliense*. Jornal de Ciências, Letras e Artes, publicado por uma associação de literatos, nº 24, 15 de outubro de 1844.

ALEMÃO, Francisco. “Botânica”. In: *Minerva Brasiliense*. Jornal de Ciências, Letras e Artes, publicado por uma associação de literatos, nº 3, 15 de dezembro de 1844.

BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. Centro de Documentação e Informação. Nominata de deputados brasileiros. 1823. [Brasília], s.d.

BURLAMAQUI, Leopoldo. Ofiologia. O Minhocão- O Sucuruhyù- A Giboia In: Trabalhos da Sociedade Velosiana. Biblioteca Guanabareense. Rio de Janeiro, 1855

BURLAMAQUI, Leopoldo. Parecer sobre um manuscrito do Snr. Manoel Lourenço de Sousa, Engenheiro de minas no Pará In: Trabalhos da Sociedade Velosiana. Biblioteca Guanabareense. Rio de Janeiro, 1855.

BURLAMAQUI. Leopoldo. Mineralogia In: Trabalhos da Sociedade Velosiana. Biblioteca Guanabareense. Rio de Janeiro, 1855.

CAPANEMA, Guilherme. Observações Sobre A Origem Do Barro Vermelho na Província do Rio De Janeiro. In: Trabalhos da Sociedade Velosiana. Biblioteca Guanabareense. Rio de Janeiro, 1855

Carta a Martius, remetendo alguns trabalhos sobre madeiras de construção e fazendo considerações a respeito de árvores do Rio de Janeiro. [Rio de Janeiro] 22 dez. 1852. Divisão de Manuscritos/FBN. 13,2,15 n° 21.

Carta de Freire Alemão a Emílio Joaquim da Silva Maia. [S.l.], 13/01/1851. Divisão de Manuscritos/FBN. MS 548 (1) doc.025; I - 28,01,025.

Carta de Freire Allemão a Carl Friedrich Philipp von Martius. Rio de Janeiro, 1849. Divisão de Manuscritos/FBN. 13,02,015 n.016.

Carta de Freire Allemão a Joaquim da Silva Maia. [S.l.], 13/01/1851. Divisão de Manuscritos/FBN. I.28,01,025

Carta de Freire Allemão a Martius. Rio de Janeiro, 21/09/1848. Divisão de Manuscritos/FBN. 13,02,015 doc. 14.

COUTINHO, C. de Azeredo. Falsificação de sulfato de quinina. In: Minerva Brasiliense – Jornal de Ciências, Letras e Artes. N° 2. Rio de Janeiro: Tipografia de J. E. S. Cabral, 15 de novembro de 1843.

DESCOURTILZ, J.T. Entomologia Brasileira. In: Minerva Brasiliense – Jornal de Ciências, Letras e Artes. N° 6. Rio de Janeiro: Tipografia de J. E. S. Cabral, 15 de novembro de 1844.

Diário do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1850.

FREIRE ALLEMÃO, Francisco. Notícia sobre minha vida (autobiografia). Rio de Janeiro, fevereiro de 1874. Divisão de Manuscritos/FBN.

Guanabara – Revista Mensal Artística, Científica e Literária, Tomo I, nº1, 1849.

Guanabara – Revista Mensal Artística, Científica e Literária, Tomo II.1851.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, ed. 182, p. 3, 4 jul. 1851. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_04/2375

MAIA, E.J.S Duas novas espécies de Beija-flores, descritas pela primeira vez. In: Trabalhos da Sociedade Velosiana. Biblioteca Guanabareense. Rio de Janeiro, 1855

MAIA, E.J.S Esboço Histórico do Museu Nacional, servindo de introdução a trabalhos sobre as principais espécies zoológicas do mesmo estabelecimento In: Trabalhos da Sociedade Velosiana. Biblioteca Guanabareense. Rio de Janeiro, 1855

MAIA, E.J.S Memoria sobre usos e costumes de alguns Beija-flores brasileiros. In: Trabalhos da Sociedade Velosiana. Biblioteca Guanabareense. Rio de Janeiro, 1855.

MAIA, E.J.S. Algumas ideias sobre geografia zoológica, servindo de introdução a diversos trabalhos sobre animais brasileiros. In: Trabalhos da Sociedade Velosiana. Biblioteca Guanabareense. Rio de Janeiro, 1855

MAIA, E.J.S. Memoria sobre os Beija-flores, a onde se refere os usos e hábitos de muitas espécies brasileiras In: Trabalhos da Sociedade Velosiana. Biblioteca Guanabareense. Rio de Janeiro, 1855.

MAIA, E.J.S. Trabalho sobre a ponta de osso de um peixe encontrada no costado de um navio. In: Trabalhos da Sociedade Velosiana. Biblioteca Guanabareense. Rio de Janeiro, 1855.

MAIA, Emílio José da Silva. “Ornitologia Brasileira. Duas espécies novas de beija flores”. In: Minerva Brasiliense. Jornal de Ciências, Letras e Artes, publicado por uma associação de literatos, nº 1, 01 de novembro de 1843.

MALTA, Ignácio. Eugenia Pedunculada, Pitangueira, ou Ibâpytanga dos Brasis. In: Trabalhos da Sociedade Velosiana. Biblioteca Guanabareense. Rio de Janeiro, 1855.

MALTA, Ignácio. Origem da palavra maracujá. In: Trabalhos da Sociedade Velosiana. Biblioteca Guanabarensis. Rio de Janeiro, 1855

Niterói, revista brasiliense, Paris: Libraire Dauvin et Fontaine, n.1. 1836.

Niterói, revista brasiliense, Paris: Libraire Dauvin et Fontaine, n.2. 1836.

O Auxiliador da Indústria Nacional. 1833, v. I, n. 1.

O Guanabara – Revista Mensal Artística, Científica e Literária, 1851, t.II, p. 231-233.

O Mercantil, Minas Gerais, 9 de outubro de 1847.

Revista do IHGB. Rio de Janeiro. T. 17, nº 13, 1854.

RIBEIRO, Santiago Nunes. Introdução. In: Minerva Brasiliense, ano II, n.1,15 de novembro 1844.

ROHAN, Henrique de Beaurepaire. Considerações acerca da conquista, catequese e civilização dos selvagens do Brasil. Revista Guanabara, Rio de Janeiro, Tipografia de Paula Brito, Tomo II, 1853, p. 191.

TORRES HOMEM, Francisco de Sales. Progressos do século atual. In: Minerva Brasiliense – Jornal de Ciências, Letras e Artes. Nº 1. Rio de Janeiro: Tipografia de J. E. S. Cabral, 1 de novembro de 1843.

Treze de Maio, Pará, 16 de maio de 1846.

ALEMÃO, Francisco Freire. [Exercícios botânicos. Memória 2ª. Considerações sobre a estrutura e usos de alguns pêlos e órgãos análogos]. [S.l.: s.n.], 4 jul. 1851. Disponível em:http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1425045/mss1425045.pdf. Acesso em: 10 Apr. 2023.

Bibliografia

AGUIAR, A. S. P.; FRANKLIN, R. M. . Romantismo Nos Trópicos: Motivos Literários No Brasil Oitocentista. REVISTA MARACANAN, v. 1, p. 129-146, 2017.

ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BACON, Francis. *Novo Organum (1620)*. São Paulo: Nova Cultural (Coleção Os Pensadores), 1999.

BEDIAGA, Begonha. Conciliar o útil ao agradável e fazer ciência: Jardim Botânico do Rio de Janeiro-1808 a 1860. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 14, p. 1131-1157, 2007.

BLAKE, Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. II. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893.

BLAKE, Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. v. I. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1883.

BLAKE, Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. v. III. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1895.

BLAKE, Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. v. IV. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898.

BLAKE, Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. v. V. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899.

BLAKE, Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. v. VI. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900.

BLAKE, Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. v. VII. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902.

BURKE, Peter. *A fabricação do rei. A construção da imagem pública de Luis XIV*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.

BURKE, Peter. *A fabricação do rei. A construção da imagem pública de Luis XIV*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.

- CANDIDO, Antonio. O romantismo no Brasil. São Paulo: Humanitas/USP, 2002.
- CANDIDO, W.R; CAIRO, L. R. V.. A contribuição da Niterói, Revista Brasiliense na constituição do campo intelectual brasileiro. TriceVersa (UNESP. Assis), Assis - São Paulo, p. 112 - 133, 01 abr. 2008.
- CANTOR, Geoffrey; SHUTTLEWORTH, Sally; TOPHAM, Jonathan R. Representations of science in the nineteenth century periodical press. Interdisciplinary Science Reviews, v. 28, n. 3, p. 161-168, 2003.
- CAROLINO, Luís Miguel. Manoel Ferreira de Araújo Guimarães, a Academia Real Militar do Rio de Janeiro e a definição de um gênero científico no Brasil em inícios do século XIX. Revista Brasileira de História [online]. 2012, v. 32, n. 64 [Acessado 27 Março 2022] , pp. 251-278. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-01882012000200014>>. Epub 16 Jan 2013. ISSN 1806-9347. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882012000200014>.
- CARVALHO, José Murilo de. A escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- CARVALHO, José Murilo de; NEVES, Lúcia M. B. P. Dimensões e fronteiras do Estado Brasileiro no oitocentos. Rio de Janeiro: Eduerj.2014.
- CASSIRER, Ernest. *A Filosofia do Iluminismo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.
- CECON, Kleber. Sobre a origem das academias científicas. REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA, v. 14, p. 8-21, 2021.
- CÉSAR, Guilhermino. Historiadores e críticos do Romantismo, São Paulo, Edusp, 1978.
- CEZAR, Temístocles. O que fabrica o historiador quando faz história, hoje? Ensaio sobre a crença na história (Brasil séculos XIX-XXI). Revista de Antropologia, v. 61, n. 2, p. 78-95, 2018.
- CHAPPEY, Jean-Luc. Enjeux sociaux et politiques de la «vulgarisation scientifique» en Révolution (1780-1810). In: Annales historiques de la Révolution française. Armand Colin, Société des études robespierristes, 2004. CORRÊA, Valmir Batista. Os herdeiros de Leverger. Edição comemorativa dos 75 anos do Instituto Histórico. Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso. Tomo CXLI-CXLII. Ano LXVI. Cuiabá, 1994. CORSI, Pietro.

The Age of Lamarck. Evolutionary Theories in France, 1790-1830. Berkeley, London, Los Angeles: University of California Press, 1989.

DAMASCENO; CUNHA. Os manuscritos do botânico Freire Alemão. Anais da Biblioteca Nacional, Vol. 81, 1961.

D'ANGELO. Paolo. A estética do Romantismo, Lisboa, Editorial Estampa, 1998.

DIAS, Maria Odila da Silva. Aspectos da Ilustração no Brasil. In: Revista do Instituto Histórico Geográfico e Brasileiro. Rio de Janeiro: vol.278, 1968.

DOMINGUES, H. M. B. A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional e as ciências naturais no Brasil Império. In: DANTES, M. A. (org.). Espaços da ciência no Brasil (1800-1930). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

DOMINGUES, H. M. B. A ideia de progresso no processo de institucionalização nacional das ciências no Brasil: a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. Asclepio, v. XLVIII, n. 2, p. 149-162, 1996.

DOMINGUES, H. M. B. O homem, as ciências naturais e o Brasil no século XIX. Acervo, v. 22, n. 1, p. 167-178, 28 nov. 2011.

DOMINGUES, Heloisa M. Bertol. Viagens científicas: descobrimento e colonização no Brasil no século XIX. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (Orgs.) Ciência, Civilização e Império nos Trópicos. Rio de Janeiro: Access, 2001.

FALCON, F. J. C. De um século a outro: uma nova época ou um novo mundo?. Acervo - Revista do Arquivo Nacional, v. 22, n. 1, p. 7-18, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/45386>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

FALCON, F. J. C. Luzes e Revolução na Colônia. Estudos Avançados, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 73-85, 1988. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8491>. Acesso em: 29 jan. 2021.

FERNANDES, A. C. S.; HENRIQUES, D. D. R. José da Costa Azevedo e Custódio Alves Serrão: da formação na Universidade de Coimbra à estruturação do Museu Nacional no Brasil. Pombalina Coimbra University Press, 2013. FERREIRA, C.; LENZ, T. Natureza e indígenas no poema A Confederação dos Tamoios: a História ficcional do Brasil romântico de Magalhães e Alencar. Almanack, [S. l.], n. 23, p. 202–238, 2020. DOI:

10.1590/2236-4633. Disponível em:
<https://periodicos.unifesp.br/index.php/alm/article/view/1375>. Acesso em: 22 abr. 2022.

FERREIRA, L. O.; MAIO, M. C. e AZEVEDO, N.: 'A Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro: a gênese de uma rede institucional alternativa'. História, Ciências, Saúde— Manguinhos, IV(3): 475-491, nov. 1997-fev. 1998.

FERREIRA, Luiz Otávio. O nascimento de uma instituição científica: o periódico médico brasileiro da primeira metade do século XIX. 1996. 176 f. (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. Redatores, livros e leitores em O Patriota In: KURY, Lorelai. (Org.). Iluminismo e Império no Brasil. O Patriota (1813-1814). Rio de Janeiro: Fiocruz/Biblioteca Nacional, 2007.

FIGUEIRÔA, Silvia Fernanda de Mendonça. Ciência e tecnologia no Brasil Imperial Guilherme Schüch, Barão de Capanema (1824-1908). Varia história, v. 21, p. 437-455, 2005.FIGUEIRÔA, Silvia. As ciências geológicas no Brasil: uma história social e institucional, 1875-1934. São Paulo: Ed.Hucitec, 1997.

FONSECA, Maria Rachel Fróes da “A ciência popularmente tratada, e não a ciência profissionalmente discutida tal será o nosso sistema de redação” Imprensa e vulgarização das ciências no Brasil na segunda metade do século XIX. Varia Historia [online]. 2018, v. 34, n. 66 [Acessado 29 Agosto 2021] , pp. 637-668. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-87752018000300004>>. ISSN 1982-4343. <https://doi.org/10.1590/0104-87752018000300004>.

FREITAS, Marcos Vinícius. “Conciliação, desenvolvimento econômico e transformações culturais”. In: Charles Frederick Hartt, um naturalista no Império de Pedro II. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002. p. 25-46.

GARCIA, Gilberto Vieira. Araújo Porto Alegre e a música no Brasil Império: filosofia, história, ideias e projetos R. IHGB, Rio de Janeiro, a. 180(480): 121-147, mai./ago. 2019.

GARCIA, Lúcia. Emílio Joaquim da Silva Maia. um intelectual no Império do Brasil. R. IHGB, Rio de Janeiro, a. 168(437): 67-153, out./dez. 2007.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. “Histórias de gênios e heróis: indivíduo e nação no Romantismo brasileiro”. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Orgs.). O Brasil Imperial. Vol. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

GUIMARÃES, Lucia. O Império de Santa Cruz: a gênese da memória nacional In: Heizer, A. e Videira, A. A. P. (org.). Ciência, Civilização e Império nos Trópicos. Rio de Janeiro: Access, 2001.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. Estudos Históricos, n. 1, 1988.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. As luzes para o Império: história e progresso nas páginas de O Patriota. In: KURY, Lorelai. (Org.). Iluminismo e Império no Brasil. O Patriota (1813-1814). Rio de Janeiro: Fiocruz/Biblioteca Nacional, 2007

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Para reescrever o passado como história: o IHGB e a Sociedade dos Antiquários do Norte. In: Heizer, A. e Videira, A. A. P. (org.). Ciência, Civilização e Império nos Trópicos. Rio de Janeiro: Access, 2001.

GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. Civilizando as artes de curar: Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. 2003. 104 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2003.

HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HALL, Rupert. La Revolución Científica, 1500-1750. Barcelona: Editora Crítica, 1985.

HEIZER, A.; VIDEIRA, A. A. P. (org.). *Ciência, civilização e império nos trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2001.

HINGST-ZAHER, Erika; MOREIRA-LIMA, Luciano; STRAUBE, Fernando. Spix e Descourtilz. 2018.

KANTOR, Iris. De esquecidos e renascidos: historiografia Acadêmica Luso-Americana (1724-1759). 2002. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002., KODAMA, Kaori. Tornar a ciência popular Figuer nos jornais e revistas do Brasil (1850-1870). Varia

Historia [online]. 2018, v. 34, n. 66 [Acessado 10 Fevereiro 2022] , pp. 601-636. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-87752018000300003>>. ISSN 1982-4343. <https://doi.org/10.1590/0104-87752018000300003>.

KODAMA, Kaori. *Os filhos das brenhas e o império do Brasil: a etnografia no Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (1840-1860)*. Tese (Doutorado em História) - PUC. Rio de Janeiro, 2005.

KURY, L. O naturalista Veloso. *Revista de História, [S. l.]*, n. 172, p. 243-277, 2015. DOI:10.11606/issn.2316-9141.rh.2015.98752. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/98752>. Acesso em: 6 dez. 2022.

KURY, Lorelai. “A Ciência útil em O Patriota (Rio de Janeiro, 1813-1814)”. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 115-124, jul | dez 2011.

KURY, Lorelai. A Comissão Científica de Exploração (1859- 1861): a ciência imperial e a musa cabocla. In: Heizer, A. e Videira, A. A. P. (org.). *Ciência, Civilização e Império nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2001.

KURY, Lorelai. Descrever a pátria, difundir o saber. In: KURY, Lorelai. (Org.). *Iluminismo e Império no Brasil. O Patriota (1813-1814)*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Biblioteca Nacional, 2007.

KURY, Lorelai. Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810). *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 11, supl. 1, p. 109-129, 2004.

LEITE, José Nailton; LEITE, Cecília Sayonara G. Alexandre Rodrigues Ferreira e a formação do pensamento social na Amazônia. *estudos avançados*, v. 24, p. 273-289, 2010.

LOPES, Hélio. *A divisão das águas: contribuição ao estudo das revistas românticas Minerva brasiliense (1843-1845) e Guanabara (1849-1856)*. Sao Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

Lopes, Maria Margaret. *Culturas das Ciências Naturais. Ciência & Educação (Bauru)* [online]. 2005, v. 11, n. 3 [Acessado 16 Março 2022] , pp. 457-470. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-73132005000300009>>. Epub 26 Maio 2009. ISSN 1980-850X. <https://doi.org/10.1590/S1516-73132005000300009>.

LOPES, Maria Margaret. O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus de ciências naturais no século XIX. São Paulo, Hucitec, 1997.

MARQUES, A. J.; FILGUEIRAS, C.A.L. O químico e o naturalista luso-brasileiro Alexandre Antonio Vandelli. *Quím. Nova.*, Vol.32, no.9. 2009.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. Escola de homens de ciências: a Academia Científica do Rio de Janeiro, 1772-1779. *Educar em Revista* [online]. 2005, n. 25 [Acessado 25 Novembro 2022] , pp. 39-57. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-4060.365>>. Epub 04 Mar 2015. ISSN 1984-0411. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.365>.

MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira; BAPTISTA, Ana Maria Hadad. Lamarck, evolução orgânica e tempo: algumas considerações. *Filosofia e História da Biologia*, vol. 2, 2007.

MARTINS, Lilian. Episódios da história da evolução e o ensino de ciências: as contribuições de Lamarck. In: PRESTES, Maria Elice Brzezinski et al. *A História da Biologia no ensino: algumas contribuições da ABFHiB*. 2011, Anais.. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências - ABRAPEC, 2011.

MAXWELL, Kenneth. *Marquês de Pombal: paradoxo do Iluminismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

MAYR, Ernest. *O desenvolvimento do pensamento biológico: diversidade, evolução e herança*. Brasília (DF): Ed. UnB, 1998.

MEIRELLES, J. G. Ilustração, medicina e circulação de ideias no mundo luso-brasileiro (séc. XVIII-XIX). *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, [S. l.], v. 9, n. 17, p. 138–159, 2017. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10728>. Acesso em: 10 jan. 2022.

MELLO, C. M. M. de. As revistas literárias no romantismo francês: a ilustração. *Teresa*, [S. l.], n. 12-13, p. 144-159, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/99345>. Acesso em: 20 abr. 2022.

MORAIS, Rita de Cássia de Jesus. *Nos Verdes Campos da Ciência: a trajetória acadêmica do médico e botânico brasileiro Francisco Freire-Allemão (1797-1874)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2005.

MOREL, Marco. Pátrias polissêmicas: república das letras e imprensa na crise do Império Português na América. In: KURY, Lorelai. (Org.). Iluminismo e Império no Brasil. O Patriota (1813-1814). Rio de Janeiro: Fiocruz/Biblioteca Nacional, 2007.

MOREL, Marco. As transformações dos espaços públicos. São Paulo: Paco Editorial, 2016.

NEVES, Lucia Maria Bastos P.; GUIMARÃES, e Lucia Maria Pascoal (Orgs.). Minerva brasiliense: leituras. Rio de Janeiro: Contracapa, 2016.

NICOCELI, Vanessa. Hermann Blumenau: uma experiência de colonização em Santa Catarina (1846-1884). Curitiba: UFPR, 2014. NOGUEIRA, André. “Universos coloniais e 'enfermidades dos negros' pelos cirurgiões régios Dazille e Vieira de Carvalho”. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Dez 2012, vol.19, suppl.1, p.179-196.

OLIVEIRA, Kelly Eleutério Machado. A Assembleia Provincial De Minas Gerais e o tráfico ilegal de escravizados (1839-1845). *Almanack*, Guarulhos, n. 32, ea01621, 2022. Disponível em: <http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-46332022000300506&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 10 Mar. 2023. Epub Dec 05, 2022. <https://doi.org/10.1590/2236-463332ea01621>. OLIVEIRA, Maria da Glória de. Fazer história, escrever a história: sobre as figurações do historiador no Brasil oitocentista. *Revista Brasileira de História*, v. 30, p. 37-52, 2010.

OSSENBACH, C. Orchids in the era of grigory von langsdorff: two golden decades in the history of the botanical exploration of Brazil (1813-1830). *Lankesteriana International Journal on Orchidology* vol. 18, no. 2, 2018.

PAIVA, Melquíades. Associativismo Científico no Brasil Imperial: a Sociedade Vellosiana do Rio de Janeiro. Brasília: Thesaurus, 2005.

PAOLO, Rossi. *A ciência e a filosofia dos modernos*. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

PASSOS, Gilberto Pinheiro. Brasil na França: a Nitheroy e seus temas. *Estudos Avançados* [online]. 2008, v. 22, n. 62 [Acessado 29 Março 2022], pp. 353-356. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40142008000100023>>. Epub 26 Set 2008. ISSN 1806-9592. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142008000100023>

PENTEADO, David. Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 15, p. 61-86, 2022.

PINHEIRO, Rachel. As histórias da Comissão Científica de Exploração (1856) na correspondência de Guilherme Schuch de Capanema. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, São Paulo.2002.

QUEFF, Letícia. A Grand Tour de um brasileiro: a importância da Itália nas ideias de Manuel de Araújo Porto-Alegre. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas [online]. 2017, v. 12, n. 2 [Acessado 29 Abril 2022] , pp. 377-387. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981.81222017000200007>>.

RAMICELLI, M. E. O veio literário da Revista Nacional e Estrangeira. In: Vilela, A. L.; Esteves, E. N.; Marçalo, M. J. (Org.). Ultrapassando Fronteiras. Estudos de Literatura e Cultura Lusófonas. 1 ed. Évora: Centro de Estudos em Letras da Universidade de Évora, 2012, v. 5.

RAMICELLI, Maria. La Revue Britannique à Rio de Janeiro au XIX siècle. In: COOPER-RICHET, Diana; MOLLIER, Jean-Yves. (Orgs.). Le Commerce Transatlantique de Librairie, un des fondaments de la mondialisation culturelle (France, Portugal, Brésil, XVIII-XX Siècle). Campinas: Publiel, 2012.

RESTREPO, Olga F.. Naturalistas: la construcción de um orden natural. In: RESTREPO, O. F. et alii. *Historia Social de la Ciencia em Colombia*. Tomo III. Colômbia: COLCIENCIAS, 1993.

RICÚPERO, Bernardo. O romantismo e a ideia de nação no Brasil (1830-1870). São Paulo, Martins Fontes, 2004.

ROSSI, Paolo. Naufrágios sem espectador. A ideia de progresso. São Paulo: UNESP, 2000.

ROSSI, Paolo. *Os sinais do tempo: história da Terra e história das nações de Hooke a Vico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ROSSI, Paolo. Paolo. O nascimento da ciência moderna na Europa. Trad. br. Antônio Angonese. Bauru-SP: EDUSC, 2001.

RUDWICK, Martin. Minerals, strata and fossils. In: JARDINE, N.; SECORD, J. A.; SPARY, E. C. (Ed.) *Cultures of natural history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

SAID, Edward. Representações do intelectual: as conferências de Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTOS, F.R.S. Lira dissonante: considerações sobre aspectos do grotesco na poesia de Bernardo Guimarães e Cruz e Sousa [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

SANTOS, L.A.O. O percurso da indianidade na literatura brasileira: matizes da figuração [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

SCHAFFER, Simon. “As instituições científicas: a geografia histórica dos laboratórios”. In: A ciência tal qual se faz. Coordenação e apresentação de Fernando Gil. Lisboa: Ministério da Ciência e da Tecnologia/Edições João Sá da Costa, Ltda. Outubro, 1999.

SCHWARTZ, Lilia Moritz. As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SHAPIN, Steven. *A Revolução Científica*. Lisboa: Difel, 1999.

SILVA, Ana Rosa Cloquet da. Inventando a nação: intelectuais ilustrados e estadistas luso-brasileiros no crepúsculo do antigo regime português:1750-1822. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. 2000.

SILVA, César Agenor Fernandes da. Ciência, técnica e periodismo no Rio de Janeiro (1808-1852). 2010. 311 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 2010.

SILVA, Marcelly Pedra Rezende da. Cartas para que te quero: Francisco Freire Allemão e a comunidade científica dos oitocentos. 2014. 204 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 2014.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da imprensa no Brasil. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

STONE, Lawrence. Prosopografia. Rev. Sociol. Polit., Curitiba, v. 19, n. 39, p. 115-137, Jun 2011.

TOPHAM, Jonathan R. The scientific, the literary and the popular: Commerce and the reimagining of the scientific journal in Britain, 1813–1825. *Notes and Records: The Royal Society Journal of the History of Science*, v. 70, n. 4, p. 305-324, 2016.

VARELA, A. G. "Juro-lhe pela honra de bom vassalo e bom português": filósofo natural e homem público uma análise das memórias científicas do ilustrado José Bonifácio de Andrada e Silva em sua "fase portuguesa" (1780-1819) 2001. Dissertação (Mestrado em Geociências) Instituto de Geociência, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

VELOSO JÚNIOR, Crenivaldo Régis. Os “curiosos da natureza”. Freire-Allemão e as práticas etnográficas no Brasil do século XIX. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense Niterói, 2013.

VERGARA, Moema de Rezende. Ensaio sobre o termo “vulgarização científica” no Brasil do século XIX. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, p.137-145, jul./dez. 2008.

VERÍSSIMO, José. História da literatura brasileira: de Bento Teixeira a Machado de Assis. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Universidade de Brasília, 1981.

WEGNER, R. Livros do Arco do Cego no Brasil Colonial. *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, vol. 11 (suplemento 1): 131-40, 2004.

WEGNER, Robert. Livros do Arco do Cego no Brasil colonial. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* [online]. 2004, v. 11, suppl 1 [Acessado 10 Abril 2022] , pp. 131-140. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-59702004000400007>>. Epub 22 Jan 2007. ISSN 1678-4758. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702004000400007>.

ZUCKERMAN, Harriet; MERTON, Robert K. Patterns of evaluation in science: Institutionalisation, structure and functions of the referee system. *Minerva*, p. 66-100, 1971.